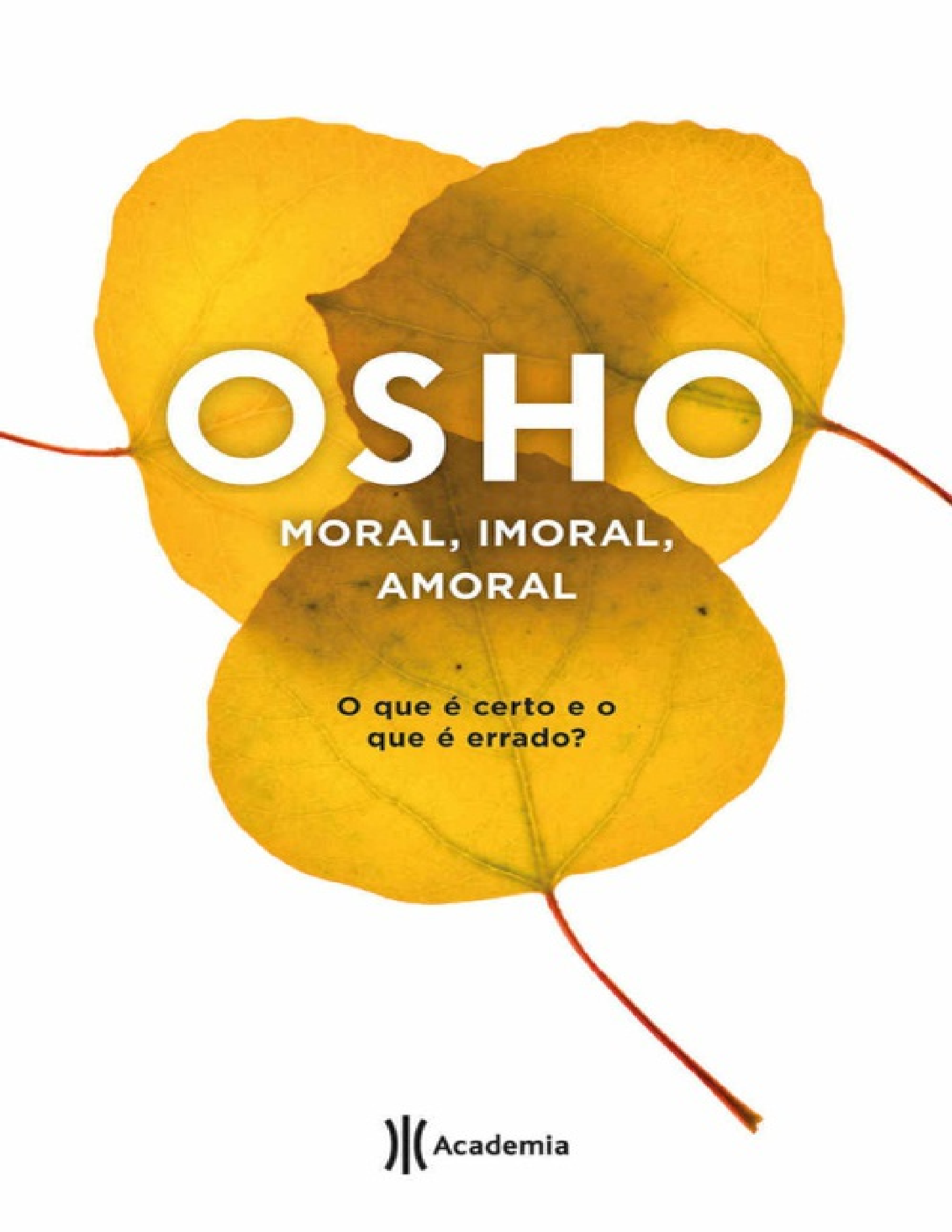




# OSHO

MORAL, IMORAL,  
AMORAL

O que é certo e o  
que é errado?



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# OSHO

## MORAL, IMORAL, AMORAL

O que é certo e o que é errado?

*Tradução*  
Magda Lopes

))(Academia

Copyright © 2013 OSHO International Foundation, Switzerland. [www.osho.com/copyrights](http://www.osho.com/copyrights)

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Título original: *Moral, immoral, amoral*

O material deste livro foi selecionado de várias palestras de Osho proferidas ao vivo para uma plateia. Todas as suas palestras foram publicadas na íntegra na forma de livros, e também estão disponíveis em gravações de áudio originais. As gravações e os arquivos de textos completos podem ser encontrados na biblioteca on-line OSHO no endereço [www.osho.com](http://www.osho.com).

OSHO é uma marca registrada da OSHO International Foundation, [www.osho.com/trademarks](http://www.osho.com/trademarks).

*Preparação:* Clara Diament

*Revisão:* Abodha, Cláudia Renata Costa Colognori e Ana Paula Felipe

*Diagramação:* Agwm produções editoriais

*Capa:* Companhia

*Imagem de capa:* Getty Images Brazil / E+ - RF Images

*Adaptação para eBook:* Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

O91m

Osho

Moral, imoral, amoral: o que é certo e o que é errado? / Osho; tradução Magda Lopes. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

Tradução de: Moral, immoral, amoral

ISBN 978-85-422-0630-2

1. Religião e ética. 2. Tolerância. 3. Espiritualidade. I. Lopes, Madga. II. Título.

15-27301

CDD: 205

CDU: 2-673.5

---

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

# Sumário

## Introdução

1. Da ação à consciência
2. As raízes da corrupção
3. Lutando com sombras
4. Ser inteiro é ser sagrado
5. O sabor do entendimento

## Epílogo

# Introdução

O homem pode viver de duas maneiras: ou ele pode viver segundo os ditames dos outros – os puritanos, os moralistas – ou pode viver de acordo com a sua própria luz. É fácil seguir os outros; é conveniente e confortável, porque quando uma pessoa segue as outras elas se sentem muito bem e satisfeitas com ela.

Seus pais ficarão felizes se você seguir as ideias deles, embora as ideias deles sejam absolutamente inúteis porque não tornaram suas vidas iluminadas – e isso está bem evidente. Eles viveram na infelicidade, e ainda assim querem impor suas ideias aos filhos. Não conseguem enxergar um fato simples: que a vida deles foi um fracasso, que a vida deles não foi criativa, que a vida deles jamais provou o êxtase, e que tampouco conseguiram descobrir a verdade. Não conheceram o esplendor da existência, não têm nenhuma ideia do que seja isso. No entanto, seus egos insistem que os filhos devem ser obedientes; eles devem seguir seus ditames. Os pais hinduístas obrigam o filho a se tornar um hinduísta, e não pensarão um momento sequer no que aconteceu com eles próprios. Eles seguiram aquelas mesmas ideias durante toda a vida e suas vidas estão vazias; nada floresceu. Mas apreciam a ideia de que seus filhos sejam obedientes e os sigam. Eles viveram na infelicidade, no inferno, e seus filhos vão viver na infelicidade e no inferno, mas eles acham que amam seus filhos. Com todas as boas intenções, eles destroem o futuro de seus filhos.

Os políticos tentam de todas as maneiras possíveis fazer com que a sociedade viva de acordo com suas ideias, e é claro que fingem para os outros e para si mesmos que estão prestando um “serviço público”. Tudo o que estão



fazendo é destruir a liberdade das pessoas. Estão tentando impingir nelas algumas superstições que lhes foram impostas por seus pais, por seus líderes, por seus sacerdotes.

Os políticos, os padres, os pedagogos estão todos tentando criar uma falsa humanidade; estão criando seres humanos insinceros. Podem não ter tido a intenção de fazê-lo, mas foi isso que aconteceu. E uma árvore vai ser julgada por seus frutos, não importa qual tenha sido a intenção do jardineiro. Se ele plantou sementes de ervas daninhas esperando, pretendendo, desejando que crescessem rosas apenas por causa de suas boas intenções, rosas não crescerão de ervas daninhas. Ele destruiu todo o campo. Impor uma determinada estrutura de caráter a alguém é torná-lo insincero, é torná-lo um hipócrita.

Sinceridade significa viver segundo a sua própria luz. Por isso o primeiro requisito de ser sincero é ser meditativo. A primeira coisa não é ser moral, não é ser bom, não é ser virtuoso; a coisa mais importante é ser meditativo – para que você consiga encontrar uma pequena luz dentro de si e então comece a viver de acordo com essa luz. E enquanto você vive ela cresce e lhe proporciona uma profunda integridade. Como ela vem do seu ser mais profundo, não há divisão.

Quando alguém diz “Faça isso, isso *deve* ser feito”, naturalmente essa atitude cria uma divisão em você. Mas alguém... os pais, os políticos, os sacerdotes, aqueles que estão no poder... quer que você siga determinado caminho. Você nunca quis segui-lo, e por isso vai fazê-lo a contragosto. Seu coração não estará nele, você não estará comprometido com ele, não terá nenhum envolvimento com ele. Você irá percorrê-lo como um escravo. Ele não foi escolha sua, não foi uma opção oriunda da sua liberdade.

Sinceridade significa não viver uma vida dupla – e quase todos estão

vivendo uma vida dupla. A pessoa diz uma coisa, pensa outra. Nunca diz o que pensa; diz aquilo que é conveniente e confortável, diz aquilo que será aprovado, aceito. Diz aquilo que os outros esperam que ela diga. Então, o que ela diz e o que pensa se tornam dois mundos diferentes. Ela diz uma coisa, continua fazendo outra, e então naturalmente tem que escondê-la. Ela não pode se expor porque então encontrará a contradição; e então terá problemas. Ela fala sobre coisas belas e vive uma vida feia.

É isso que até agora a humanidade tem feito a si mesma. Ela tem um passado muito aterrador.

Hoje em dia, o novo homem é uma necessidade absoluta porque o velho está totalmente deteriorado. O velho está continuamente em conflito consigo mesmo; está lutando consigo mesmo. Qualquer coisa que faça o deixa infeliz. Se segue sua própria voz interior, acha que está indo contra a sociedade, contra as pessoas poderosas, contra o *status quo*. E esse *status quo* criou uma consciência nele; essa consciência é um procedimento muito ardiloso, uma estratégia. É o policial que existe dentro dele, implantado pela sociedade, que prossegue o condenando: “Isso é errado, isso não está certo, você não deve fazer isso, você deve se sentir culpado por isso – você está sendo imoral”.

Se você seguir sua própria voz, sua consciência fica em conflito com você; ela não trará nenhum sossego, o tortura, o torna infeliz. E você se torna temeroso – temeroso de que alguém possa perceber isso. Porque isso é difícil de esconder, uma vez que a vida significa relacionamento – alguém certamente vai saber, alguém certamente vai descobrir; você não está só.

Por isso os covardes fugiam para os mosteiros, para as cavernas do Himalaia – por uma única razão: lá eles não podem ser encontrados de modo algum. Mas que tipo de vida se pode viver em uma caverna? Você já cometeu suicídio! Estar em uma caverna é estar em um túmulo. Se você estiver morto

e em um túmulo, tudo bem – onde mais poderia estar? Mas estar vivo e em um túmulo? Isso é o verdadeiro inferno!

Nos mosteiros as pessoas estão vivendo uma vida miserável; por isso elas têm rostos tão tristes – não é pelo fato de serem religiosas. Esses rostos tristes são o simples resultado de uma vida covarde. Se você está no mundo, convivendo com pessoas, não consegue se esconder por muito tempo; pode enganar algumas pessoas durante algum tempo, mas não para sempre. E como você pode se enganar? Mesmo que não seja descoberto pelos outros, você sabe que está vivendo uma vida dupla – e a culpa...

Todo mundo sente culpa, e os sacerdotes querem que você se sinta culpado, porque quanto mais culpado for, mais estará nas mãos deles. Você tem que procurá-los para se livrar da sua culpa. Tem que ir ao Ganges tomar um banho, tem que ir a Meca, a Caaba, para poder se livrar da sua culpa. Tem que procurar os padres católicos para se confessar, para se livrar da culpa. Tem que jejuar e fazer outros tipos de penitências e outros tipos de rigores para poder se punir. Tudo isso é punição! Mas como você pode ser feliz? Como pode ser alegre e jubiloso? Como pode se alegrar em uma vida em que está constantemente se sentindo culpado e se punindo, se condenando?

E se optar por *não* seguir sua voz interior, e seguir os ditames de outros – chamam isso de moralidade, etiqueta, civilização, cultura –, então também essa voz interior vai começar a importuná-lo; vai perturbá-lo continuamente. Vai dizer a você que está sendo desleal à sua natureza e por isso a sua moralidade não pode ser um regozijo; será apenas um gesto vazio. Foi isso que aconteceu com o homem: o homem se tornou esquizofrênico.

Minha tentativa aqui é ajudá-lo a se tornar uma unidade. Por isso não ensino nenhuma moralidade, nenhum caráter. Tudo o que ensino é meditação, para que você possa escutar mais claramente sua voz interior e segui-la, custe

o que custar. Porque se você optar por seguir sua voz interior sem se sentir culpado, sua recompensa será imensa, e olhando para trás vai descobrir que o custo não foi nenhum. Parecia muito grande no início, mas quando chegar ao ponto em que a sinceridade se torna natural, espontânea – quando não há mais nenhuma divisão, nenhuma fissura dentro de você –, então verá que uma celebração está acontecendo e o preço que pagou é nada comparado a isso.

# 1

## Da ação à consciência

Suas ações não me dizem respeito; sua consciência sim.

Se a sua consciência permite a você fazer alguma coisa, tudo bem – faça. Não fique preocupado com nenhuma escritura sagrada, com nenhum profeta. E se a sua consciência não permite a você fazer algo, então não faça. Mesmo que Deus diga “Faça-o!”, não importa – você não pode fazê-lo.

*Por favor, fale sobre a moralidade.*

A questão da moralidade é imensamente significativa, porque a moralidade não é aquilo que tem sido dito a você há séculos. Todas as religiões têm explorado a ideia de moralidade. Elas a ensinam de maneiras diferentes, mas a fundação básica é a mesma: a menos que você se torne moral e ético, não pode se tornar religioso.

Por “moralidade” elas querem dizer que você tem de ser verdadeiro, tem de ser honesto, tem de ser caridoso, tem de ser compassivo, tem de ser pacífico. Em resumo, em primeiro lugar, todos esses grandes valores têm de estar presentes em você e só então poderá se tornar religioso. Todo esse conceito está invertido. Do meu ponto de vista, a menos que seja religioso você não pode ser moral. A religiosidade vem primeiro; a moralidade é apenas um subproduto. Se você fizer do subproduto o objetivo do caráter humano, vai criar uma humanidade perturbada, infeliz – e por uma boa

causa! Você está colocando a carroça na frente dos bois. Nem os bois podem se mover, nem a carroça pode se mover; ambos estão paralisados.

Como uma pessoa pode ser verdadeira se não sabe qual é a verdade? Como uma pessoa pode ser honesta se nem sequer sabe quem ela é? Como você pode ser compassivo se não conhece a fonte do amor dentro de você? De onde você irá tirar a compaixão? Tudo o que você pode fazer em nome da moralidade é se tornar um hipócrita, um fingidor. E não há nada mais feio do que ser um hipócrita. A pessoa pode fingir, pode se esforçar muito, mas tudo permanecerá superficial e ilusório. Apenas arranhe um pouquinho a pessoa e você encontrará todos os instintos animais completamente vivos, prontos para se vingar sempre que tiverem a oportunidade.

Colocar a moralidade antes da religiosidade é um dos maiores crimes que as religiões têm cometido contra a humanidade. A própria ideia produz um ser humano reprimido. E um ser humano reprimido é doente, psicologicamente dividido, constantemente em luta consigo mesmo, tentando fazer coisas que ele não quer fazer.

A moralidade deveria ser muito relaxada e fácil, assim como a sua sombra – você não tem que arrastá-la com você, ela simplesmente segue sozinha. Mas isso não aconteceu; o que aconteceu foi uma humanidade psicologicamente doente. Todos estão tensos, porque o que quer que estejam fazendo traz um conflito sobre o que é certo ou errado. Sua natureza segue em uma direção e o seu condicionamento segue na direção oposta. E uma casa dividida não consegue ficar de pé por muito tempo. Então, de algum modo, todos estão se recompondo; do contrário o perigo de entrar num colapso nervoso estará sempre presente, bem ao seu lado.

Não ensino nenhuma moralidade. A moralidade deve surgir por si mesma. Ensino diretamente a experiência do seu próprio ser. À medida que você se

torna cada vez mais silencioso, sereno, calmo e tranquilo, à medida que começa a entender a sua própria consciência, à medida que seu ser interior se torna cada vez mais centrado, suas ações refletirão moralidade. Ela não será algo que você decidiu fazer, será algo tão natural quanto as rosas em uma roseira. A roseira não está sendo austera, não está jejuando e rezando a Deus, e se disciplinando segundo os dez mandamentos; a roseira não está fazendo nada. A roseira só precisa estar saudável, nutrida, e as flores virão em seu próprio tempo, com grande beleza, sem esforço.

A moralidade que vem com esforço é imoral. A moralidade que vem sem esforço é a única moralidade que existe. Por isso não falo de modo algum sobre a moralidade, porque foi a moralidade que criou tantos problemas para a humanidade – a respeito de tudo. Ensinaaram a você ideias prontas sobre o que é certo e o que é errado na vida, e as ideias prontas não funcionam, porque a vida está constantemente mudando, como um rio – tomando novos rumos, movendo-se para novos territórios... das montanhas para os vales, dos vales para as planícies, das planícies para o oceano.

Heráclito estava certo quando disse: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”, porque ele está sempre fluindo. Na segunda vez que se entra nele há uma água diferente. Concordo tanto com Heráclito que digo que você não pode entrar no mesmo rio nem mesmo uma vez, porque quando seus pés estão tocando sua superfície a água abaixo dela está fluindo; quando seus pés se aprofundam, a água na superfície está fluindo; e quando você toca o fundo, muita água já passou... não é a mesma água. Não se pode dizer que seus pés estão entrando no mesmo rio.

A vida é como o rio, um fluxo. E todos vocês estão carregando dogmas predeterminados. Vocês sempre se encontram inadequados, porque se seguirem seus dogmas terão que seguir contra a vida; se seguirem a vida,

terão que ir contra seus dogmas. Por isso todo o meu esforço é no sentido de tornar sua moralidade espontânea. Você tem que estar consciente e alerta, e responder a cada situação com absoluta consciência. Então, o que quer que faça estará certo. Não é uma questão de as ações estarem certas ou erradas. É uma questão de consciência: se você as está realizando conscientemente ou inconscientemente, como um robô.

Toda a minha filosofia é baseada em tornar sua consciência mais elevada, mais profunda, até o ponto em que não haja inconsciência dentro de você; você se torna um pilar de luz. Nessa luz, nessa claridade, fazer qualquer coisa errada torna-se impossível. Não que você tenha que evitar fazê-la; mesmo que queira fazê-la, não consegue. E nessa consciência, o que quer que você faça se torna uma bênção.

Sua ação proveniente da consciência é moral, a proveniente da inconsciência é imoral... podem ser a mesma ação.

Isso me lembra uma velha história. Um rei estava ficando velho e disse ao seu único filho, que iria sucedê-lo:

– Antes que eu morra, você tem que aprender a arte da moralidade, porque um rei tem que ser um modelo para todas as pessoas do reino; não deve haver nada errado em suas ações. Por isso o estou enviando hoje até meu velho mestre. Estou velho, e ele é ainda mais velho do que eu. Assim, não desperdice o tempo. Aprenda tudo intensamente, totalmente, sem desperdiçar um único momento.

O príncipe foi até o mestre e ficou surpreso – surpreso pelo fato de o mestre ser um mestre de esgrima. “O que a esgrima tem a ver com a moralidade? Meu pai ficou senil?” – Mas ele já havia ido até as montanhas, e então pensou: “É melhor ver o velho pelo menos uma vez”.

E foi. O velho era imensamente belo e gracioso, envolto por uma aura de



silêncio e paz. O príncipe estava pensando que iria encontrar um guerreiro, um esgrimista, mas ali estava um sábio. Ele ficou cada vez mais confuso.

Perguntou ao velho:

– O senhor é o mestre de esgrima?

E ele respondeu:

– Você está certo.

O príncipe disse:

– Fui enviado por meu pai, o rei, que é seu discípulo, para aprender moralidade com o senhor. Não consigo ver nenhuma conexão entre moralidade e esgrima.

O velho riu e disse:

– Você logo verá.

– Estou com pressa – disse o príncipe. – Meu pai está velho, e quero satisfazer seu desejo antes que morra.

O mestre disse:

– Então você está perdido, porque estas coisas não podem ser aprendidas com pressa. A paciência, a infinita paciência, é a verdadeira base da aprendizagem de qualquer arte, seja ela a esgrima, seja ela a moralidade.

Olhando para os olhos do velho, o príncipe decidiu ficar. Ele disse:

– Quando minhas aulas vão começar?

– Elas já começaram – disse o velho. – A paciência é sua primeira lição. E sobre a segunda lição eu devo avisá-lo. A segunda lição é que você limpará o chão e o jardim, recolherá as folhas mortas e as descartará. Mas tenha muito cuidado, porque a qualquer momento posso golpeá-lo com uma espada de madeira. Embora seja de madeira, ela tem um golpe realmente forte. Tem causado muitas fraturas nas pessoas.

O príncipe disse:

– Mas eu vim aqui para aprender moralidade, não para ter fraturas!

O velho então replicou:

– Isso virá no devido tempo; este é só o começo.

Ele estava desconcertado, confuso... mas conhecia seu pai, e se ele voltasse para casa de mãos vazias o velho ficaria realmente furioso. Ele tinha que aprender. De ambos os lados duas pessoas loucas, velhas... “E este homem está tentando me ensinar moralidade me golpeando! Mas vamos ver o que acontece.”

E o mestre começou a golpeá-lo! Ele estava lavando o chão e, de repente, vinha um golpe. Estava limpando o caminho no jardim e, de repente, vinha um golpe. Mas ele ficou surpreso ao ver que depois de uma semana certa intuição estava surgindo nele. Antes mesmo de o velho se aproximar, ele saía do seu caminho. O que quer que estivesse fazendo, alguma parte da sua consciência estava continuamente alerta à presença do velho, onde quer que ele estivesse. O velho caminhava tão silenciosamente que era quase impossível perceber sua presença, mas o jovem príncipe começou a ficar consciente, porque, tendo recebido tantos golpes, todo o seu corpo estava doendo!

Aquilo continuou durante um mês. Mas em um mês ele se tornou tão capaz que o velho não conseguia mais golpeá-lo. O mestre disse:

– Você é realmente filho do seu pai. Ele também era muito perspicaz, intenso e totalmente envolvido na aprendizagem; ela não vai demorar muito. Sua primeira lição terminou hoje, porque por vinte e quatro horas estive tentando atingi-lo, mas você esteve sempre alerta e se protegeu.

– A partir de amanhã pela manhã você terá que estar ainda mais alerta, porque a espada de madeira será substituída por uma espada de verdade. A espada de madeira podia no máximo causar-lhe uma fratura, mas a espada de

verdade pode até decepar sua cabeça. Então, mais consciência será necessária.

Mas esse mês foi de enorme aprendizagem... o príncipe nunca imaginou que dentro dele houvesse tanta possibilidade de percepção intuitiva. Ele era treinado, bem-treinado intelectualmente, mas não fazia ideia do que era intuição. E ele não teve medo nem da espada de verdade, porque disse:

– É a mesma coisa. Se o senhor não consegue me golpear com a espada de madeira, também não poderá me golpear com a espada de verdade. Isso não faz diferença para mim.

Durante um mês o velho tentou de todas as maneiras possíveis atingi-lo com a espada de verdade, e naturalmente o príncipe foi se tornando cada vez mais alerta – tinha que se tornar, não havia alternativa. E um mês inteiro se passou, e o velho não conseguiu sequer tocá-lo. Ele ficou muito feliz e disse:

– Estou imensamente satisfeito. Agora vem a terceira lição. Até então tentei golpeá-lo quando você estava acordado. A partir desta noite, lembre-se de que à noite, quando você estiver dormindo, eu posso atingi-lo a qualquer momento. Mais uma vez vou começar com a espada de madeira.

O príncipe ficou um pouco preocupado – estando acordado era uma coisa, mas dormindo? Aqueles dois meses porém haviam criado nele um enorme respeito, uma confiança no velho mestre e em sua arte, e também uma confiança na sua própria intuição. Ele pensou: “Se ele está dizendo isso, então talvez a intuição nunca durma”.

E isso se provou verdadeiro. O corpo dorme, a mente dorme, mas a intuição está sempre desperta; sua própria natureza é a percepção, mas nunca olhamos para ela. Ele tinha que olhar, tinha que permanecer alerta, mesmo dormindo.

O velho começou a golpeá-lo, e algumas vezes ele sofreu pancadas

realmente fortes. Mas ficou agradecido, não zangado, porque após cada golpe ele se tornava cada vez mais alerta, mesmo durante o sono – como uma pequena chama, algo permanecia vivo nele, alerta e vigilante. E em apenas um mês ele era realmente capaz de se proteger mesmo enquanto dormia. Quando o velho se aproximava, muito silenciosamente, sem fazer nenhum ruído, sem nenhum som de passos, o jovem conseguia saltar da sua cama. Ele podia estar dormindo profundamente, mas algo permanecia desperto.

Na manhã seguinte, o velho disse:

– Agora vem a última lição: vou golpeá-lo com uma espada de verdade. E você conhece a minha espada; com um único golpe você estará acabado. Terá que reunir toda a sua consciência.

O jovem ficou um pouco preocupado, um pouco temeroso, porque o jogo estava se tornando cada vez mais perigoso.

Na manhã seguinte, bem cedo, o velho estava lendo um livro, sentado debaixo de uma árvore ao nascer do sol, e o jovem recolhia as folhas mortas do jardim. De repente, veio-lhe um pensamento: “Este velho tem me golpeado há meses; esta será uma ótima ideia... eu deveria tentar atingi-lo e ver se ele está ou não alerta.”

Ele estava a apenas vinte ou vinte e cinco passos de distância, quando esse pensamento cruzou-lhe a mente – ele ainda não havia feito nada – e o velho disse:

– Menino, eu sou muito velho e o seu aprendizado ainda não terminou. Não tenha tais ideias.

O príncipe não podia acreditar. Ele se aproximou, tocou os pés do mestre e disse:

– Perdoe-me, mas eu não fiz nada, estava apenas pensando... foi só uma ideia.

O velho disse:

– Quando você se torna totalmente alerta, até o som dos seus pensamentos é ouvido. É uma questão de percepção. Você não tem que fazer nada, apenas pensar, e eu saberei. E logo você será capaz de fazer o mesmo... basta apenas um pouquinho mais de paciência.

Logo chegou o dia em que ele, de repente, começou a tomar consciência de que o velho estava pensando em atingi-lo... sem razão nenhuma. O velho estava sentado lendo o seu livro, mas a ideia lhe chegou tão claramente que ele foi até o mestre e disse:

– Então o senhor vai me golpear de novo? Há poucos segundos eu ouvi a ideia.

E o mestre disse:

– Você está certo. Eu estava pensando em acabar de ler esta página e atacá-lo. Agora não há mais razão de você estar aqui. Sei que seu pai está velho e esperando por você.

Mas o jovem disse:

– O que aconteceu com as lições de moralidade?

– Esqueça de tudo isso – disse o velho. – Um homem que está alerta só pode ser moral. Ele não pode ferir ninguém, não pode roubar, não pode ser cruel; ele será naturalmente amoroso e compassivo. Esqueça tudo sobre moralidade!

É essa percepção que eu chamo de religiosidade.

O príncipe voltou para casa. O pai o estava esperando e disse:

– Você aprendeu toda a arte da esgrima?

– O senhor me enviou para aprender a arte da moralidade. De onde tirou a ideia da esgrima?

– Eu o enviei para aprender moralidade; a esgrima foi apenas um

dispositivo – disse o rei.

Há muitos dispositivos, muitas maneiras e métodos de meditação para criar percepção, para despertar sua intuição adormecida. E quando ela está desperta, não há necessidade de dizer o que é bom, o que é moral, o que é ruim, o que é imoral; sua percepção será decisiva por si só. E será espontânea, fresca e jovem, e sempre pertinente, porque todos os princípios se tornam mortos. E se tentar adequar a sua vida segundo princípios, você também se tornará morto.

Foi isso que aconteceu aos cristãos, hinduístas, muçulmanos, jainistas, a todas as pessoas do mundo: elas estão vivendo segundo princípios mortos. E esses princípios mortos não estão adequados à realidade – não conseguem se adequar. Somente uma consciência espontânea...

A diferença é algo assim: você tem uma fotografia sua do ano passado, ou talvez da sua infância, e não sabe que se trata de uma fotografia da sua infância; pode até não se reconhecer nela porque você mudou muito. Essa fotografia está morta, não está crescendo; você está crescendo. A moralidade é como as fotografias. A religiosidade é como um espelho. Se uma criança está diante dele, ele reflete a criança; se um velho está diante dele, ele reflete o velho. É sempre espontânea, atual, respondendo à realidade. Um ser humano consciente é como um espelho: ele reflete a realidade e responde de acordo. Sua resposta é moral.

Assim, estou transferindo toda a ênfase da ação para a percepção.

E se cada vez mais pessoas conseguirem se tornar perceptivas, o mundo será um lugar totalmente diferente. Um homem de percepção nunca irá à guerra. Embora as escrituras religiosas digam que sacrificar a si mesmo por sua nação, por sua religião, é virtuoso, um homem de consciência não pode seguir essa ideia morta. Para ele, a nação em si é uma ideia imoral porque

divide a humanidade. E a guerra é certamente imoral. Você pode encontrar nomes bons, palavras boas – às vezes é religião, às vezes é ideologia política, às vezes é Cristianismo, às vezes é comunismo – boas ideias, mas a realidade está transformando os seres humanos em açougueiros. Vocês estão matando pessoas que jamais sequer conheceram. E sabem perfeitamente bem que, assim como vocês deixaram uma esposa para trás, chorando, esperando por vocês; assim como deixaram sua velha mãe e seu velho pai em casa, esperando que o filho volte vivo; assim como deixaram filhos pequenos... os homens que vocês estão matando também têm uma mulher, também têm filhos, também têm uma velha mãe e um velho pai. E eles não fizeram nenhum mal a vocês; nem vocês fizeram nenhum mal a eles.

Se o mundo se tornar um pouco mais consciente, os soldados vão largar suas armas e abraçar uns aos outros, sentar juntos debaixo de uma árvore e conversar fiado. Os políticos não podem obrigar todos os exércitos a matar, a assassinar. Nem os papas, os líderes religiosos, podem convencê-lo de que, em nome de Deus, você tem que matar. Estranho... porque Deus criou todos. Quem quer que você esteja matando, está matando a criação de Deus. Se é verdade que Deus criou o mundo, então não deve haver guerras. É uma família; não deve haver nações. Estas são coisas imorais: as nações, as religiões, qualquer coisa que discrimine as pessoas e crie conflito.

Um homem de percepção não será ganancioso porque será capaz de ver que sua ganância irá criar pobreza; e as pessoas que estarão passando fome e morrendo por causa da pobreza são seus irmãos e irmãs. Não importa se vivem na Etiópia ou na Índia; não importa se sua pele é branca ou preta.

A moralidade autêntica é um subproduto da consciência. E a arte da consciência é a religião. Não há religião hinduísta, não há religião cristã, não há religião muçulmana; há apenas uma religião, e essa é a religião da

consciência – tornar-se tão consciente, tão iluminado e desperto que seus olhos possam ver com total clareza e você possa responder de acordo com essa clareza.

Um homem de consciência não pode ser enganado por palavras. Os muçulmanos dizem que se você morrer em uma guerra religiosa... Como pode haver uma guerra religiosa? A guerra é basicamente irreligiosa. Mas os cristãos, os muçulmanos e todas as outras religiões dizem que se você morrer em uma guerra religiosa sua recompensa será maior no outro mundo. Por esse ato imoral de matar pessoas, você será recompensado. Belas palavras, “guerra religiosa”, escondem a verdade.

Um homem de percepção enxerga profundamente e penetra em suas palavras. Nem seu Deus pode enganá-lo, nem seus livros sagrados podem enganá-lo, nem suas nações, nem seus políticos. Ele vive de acordo com a sua consciência. Ele tem uma individualidade, uma individualidade clara como cristal – um espelho puro, não enevoado por nada, sem nenhuma poeira cobrindo-o.

Mas há milhares de anos, apenas meras palavras, e às vezes essas causas estúpidas e triviais, vêm matando as pessoas.

Na Idade Média, o Cristianismo queimou milhares de mulheres. Eles criaram uma ficção, a ficção do demônio. Não existe demônio. Não existe Deus! Mas as pessoas viviam na inconsciência, e quaisquer que sejam os líderes, os chamados santos, continuam dizendo isso, e as pessoas têm sido ensinadas a acreditar neles. Se você não acreditar, sofrerá no inferno; se acreditar, será recompensado. A inteligência das pessoas tem sido destruída. Elas têm sido mantidas atrasadas. Do contrário, seria impossível queimar vivas milhares de mulheres por uma estranha razão... a de que essas mulheres tinham relações sexuais com o demônio. Ora, ninguém teve relação sexual



com o demônio. Só na Idade Média, de repente, o demônio se tornou tão interessado nas mulheres, e isso também apenas na Europa...!

O papa criou um tribunal especial, e se alguém desconfiasse da relação de uma mulher com o demônio deveria relatar o fato ao tribunal e a mulher seria imediatamente presa e torturada. E a tortura era muito intensa. Eles inventaram métodos especiais de tortura...

Apenas cinco, seis anos atrás, algo andava errado com a minha coluna. Havia muitos fisioterapeutas na comuna e todos eles tentaram, mas nenhum conseguiu consertá-la. Finalmente, foi chamado de Londres o melhor especialista do mundo, e ele sugeriu uma máquina chamada tração. A máquina foi providenciada, e eu fui colocado nela. E enquanto eles apertavam os cintos e as correias, me lembrei de que havia lido que essa máquina de tração foi criada na Idade Média pelos padres cristãos para torturar mulheres. Ela puxa suas pernas para um lado e suas mãos para o outro lado. Naturalmente, isso puxa a sua coluna, e se sua coluna tiver se desviado em algum lugar ela volta a se alinhar.

Foi uma invenção acidental. Eles estavam torturando uma mulher velha que há vinte anos sofria de dores na coluna e após sua tração ela mal pôde acreditar quando se levantou – sua dor havia desaparecido. Foi assim que a máquina de tração foi transferida da Igreja para o hospital. Ela é realmente torturante, e se você a estiver usando apenas para torturar então pode continuar puxando... Às vezes até mãos eram quebradas e pernas arrancadas. A tortura era tanta que as mulheres achavam melhor confessar, porque enquanto continuassem dizendo “eu não tenho nada a ver com o demônio, não conheço o demônio” a tortura continuava. Ela só parava quando a mulher confessava que estava tendo relações sexuais com o demônio. Milhares de mulheres fizeram tal confissão. E, uma vez que confessassem isso diante do

tribunal, não havia mais problema. A punição era queimar a mulher viva nos cruzamentos de ruas no centro da cidade.

Ninguém jamais questionou se existia algum demônio. Era apenas uma palavra – ninguém havia visto o demônio. Se aquelas mulheres fossem torturadas para fazer uma confissão de que estavam tendo relações sexuais com Deus, elas também teriam confessado isso! Há um limite para o sofrimento que uma pessoa pode tolerar.

Apenas meras palavras... Mas por que há pessoas que gostam de matar, de fazer sofrer, de torturar? Porque elas próprias são infelizes... tão infelizes, tão miseráveis que não podem ver ninguém feliz, ninguém alegre. Elas querem que todos sofram mais do que elas estão sofrendo.

A moralidade tem sido um recurso muito bom para torturar as pessoas: você não precisa torturá-las, elas torturam a si mesmas. Até mesmo fazer amor com sua própria mulher é pecado! O sexo é pecado, e qualquer coisa conectada a sexo torna-se pecado. Ora, o sexo é algo natural – não há como evitá-lo. Então o homem é colocado num dilema: fixam em sua mente que o sexo é imoral, e lhe é dada uma natureza que é sexual e sensual.

Foi descoberto que milhões de homens no mundo todo sofrem de enxaqueca depois de fazer amor. Eu estava lendo um relato de um cientista cristão – como ele é cristão, sua mente está condicionada. Ele está tentando descobrir todos os tipos de causas que fazem os homens sofrerem de enxaqueca. Ele trabalha no projeto há um ano. Agora ele produziu esse relato, apresentando muitas, muitas causas – fisiológicas, químicas – e a realidade é muito simples, não há necessidade de nenhuma investigação. A realidade é que a mente dos homens foi dividida em duas partes. Uma parte diz: “O que você está fazendo é errado. Não faça isso”; a outra parte diz: “É impossível resistir à tentação. Vou fazer isso”. Essas duas partes começam a lutar, a

entrar em conflito. A enxaqueca é apenas um conflito, um profundo conflito em sua mente. Nenhum aborígine sofre de enxaqueca depois de fazer amor. Os católicos sofrem mais do que qualquer outra pessoa porque o seu condicionamento é tão profundo que cria uma divisão em sua mente. O que vem sendo dito há séculos não tem nenhum fundamento, nenhuma evidência, mas eles continuam repetindo. E quando... e mesmo se uma mentira é repetida muito frequentemente, ela começa a parecer verdadeira.

As pessoas precisam ter muito cuidado com as palavras.

Um homem vai até um bar e começa a contar uma piada polonesa. O homem que está sentado ao seu lado, um homenzarrão grande e poderoso, se vira e diz ameaçadoramente:

– Eu sou polonês. Agora espere um minuto até eu chamar meus filhos.

Ele então grita:

– Ivan, venha cá; e traga seu irmão. – Dois homens maiores que o primeiro aparecem, vindo do aposento de trás. – Joseph! – grita o homem. – Você e seu primo, venham aqui. – Mais dois homens, maiores que todos os outros, entram pela porta dos fundos. Os cinco homens cercam o homem que vai contar a piada.

– Agora – diz o primeiro polonês, – você pode terminar de contar a piada.

– Não – diz o homem.

– Não? Por que não? – diz o polonês, abrindo e fechando o punho. – Está com medo?

– Não – diz o homem. – Eu não quero ter que explicá-la a cinco homens.

As pessoas são muito espertas com as palavras. Elas podem esconder qualquer tipo de realidade. Ele está com medo – aqueles cinco homens podem matá-lo –, mas encontra uma bela desculpa: “Eu não quero me dar ao

trabalho de explicar a cinco pessoas o significado da piada”.

Todas as religiões têm brincado com as palavras, e não têm permitido ao homem ser inteligente o suficiente para enxergar através delas. Elas criaram uma selva de palavras, teologias, dogmas, credos e cultos. E o pobre homem está simplesmente carregando toda a carga disso em nome da moralidade.

Quero dizer que nunca se incomodem com a moralidade. A única preocupação de um buscador sincero é com a consciência, mais conscientização. Sua consciência vai cuidar de todos os seus atos. Sem nenhum esforço, seus atos vão se tornar morais – como as flores, sem nenhuma ação, sem nenhum esforço, eles vão florescer à sua volta.

A moralidade não é nada além do estilo de vida de uma pessoa consciente.

*As pessoas não necessitam de certo código de conduta?  
E um caráter moral não é necessário para uma vida  
espiritual?*

Todo o meu esforço é no sentido de dar uma consciência, não um caráter. A consciência é a coisa real, o caráter é a entidade falsa. O caráter é necessário àqueles que não têm consciência. Se você tem olhos, não precisa de uma bengala para encontrar o seu caminho, para tatear o seu caminho. Se você consegue enxergar, não pergunta aos outros: “Onde está a porta?”. O caráter é necessário porque as pessoas são inconscientes. O caráter é apenas um lubrificante; ele o ajuda a tocar a sua vida de uma maneira suave.

George Gurdjieff costumava dizer que o caráter é como um amortecedor. Amortecedores são usados nos trens; entre dois compartimentos há

amortecedores. Se algo acontece, esses dois compartimentos não podem bater um no outro; os amortecedores os impedem de bater um no outro. Ou são como molas: os carros têm molas para que possamos nos mover suavemente, mesmo em uma estrada indiana. Essas molas vão absorvendo os choques; elas são chamadas de amortecedores.

É isso que é o caráter: um amortecedor de choques. As pessoas são ensinadas a ser humildes. Se você aprende como ser humilde, isso é um amortecedor de choques. Aprendendo a ser humilde, você conseguirá se proteger contra o ego das outras pessoas. Elas não vão feri-lo muito; você é um homem humilde. Se for egoísta, você está fadado a ser repetidamente ferido. O ego é muito sensível; assim, você cobre o ego com uma manta de humildade. Isso ajuda, proporciona uma espécie de tranquilidade, mas não o transforma.

Meu trabalho consiste em transformação. Esta é uma escola alquímica: quero levá-lo da inconsciência para a consciência, da escuridão para a luz. Não posso dar um caráter a você; só posso dar *insight*, percepção. Eu gostaria que você vivesse cada momento não de acordo com um padrão determinado dado por mim ou dado pela sociedade, pela igreja, pelo Estado. Gostaria que você vivesse de acordo com a sua pequena luz de conscientização, seguindo a sua própria consciência. Que fosse sensível a cada momento.

Caráter significa que você tem uma determinada resposta pronta para todas as questões da vida; assim, quando uma situação surge, você responde segundo o padrão estabelecido. Como você responde de acordo com a resposta pronta, esta não é uma resposta verdadeira, é apenas uma reação. O homem de caráter reage, o homem de consciência responde: ele capta a situação, reflete sobre a realidade como ela é, e a partir dessa reflexão ele age. O homem de caráter reage; o homem de consciência age. O homem de

caráter é mecânico; funciona como um robô. Tem um computador em sua mente, repleta de informações; pergunte-lhe qualquer coisa e uma resposta pronta sai do seu computador.

Um homem de consciência simplesmente age no momento, não a partir do passado e da memória. Sua resposta tem uma beleza, uma naturalidade, e sua resposta é verdadeira para a situação. O homem de caráter sempre falha, porque a vida está continuamente mudando; ela nunca é a mesma. E suas respostas são sempre as mesmas, elas nunca crescem – elas não podem crescer, elas estão mortas. Disseram a você uma determinada coisa em sua infância; ela permaneceu ali. O homem cresceu, a vida mudou, mas aquela resposta que lhe foi dada por seus pais, por seus professores ou por seus sacerdotes ainda está ali. Então, se algo acontece, ele vai funcionar de acordo com aquela resposta que lhe foi dada cinquenta anos atrás. E em cinquenta anos muita água passou pelo Ganges; a vida está totalmente diferente. Heráclito disse que não se pode entrar no mesmo rio duas vezes. E eu digo que você não pode entrar no mesmo rio nem mesmo uma vez, pois o rio corre muito depressa.

O caráter é estagnado; é um tanque de água suja. A consciência é um rio.

Por isso eu não dou ao meu povo nenhum código de conduta. Eu lhes dou olhos para ver, uma consciência para refletir, um ser como um espelho para que possam ser capazes de responder a qualquer situação que surja. Não lhes dou informações detalhadas sobre o que fazer e o que não fazer; não lhes dou dez mandamentos. Se você começar a dar mandamentos às pessoas, não poderá parar em dez, porque a vida é muito mais complexa.

Nas escrituras budistas há trinta e três mil regras para um monge budista. Trinta e três mil regras! Para cada situação possível que possa surgir algum dia, eles recebem uma resposta pronta. Mas como eles vão se lembrar de

trinta e três mil regras de conduta? E uma pessoa que seja esperta o bastante para recordar trinta e três mil regras de conduta será esperta o suficiente para encontrar sempre uma saída; se ela não quiser fazer determinada coisa, vai encontrar uma saída. Se quiser fazê-la, vai encontrar uma maneira de fazê-la.

Eu ouvi o seguinte sobre um santo cristão: alguém havia lhe batido no rosto porque justamente naquele dia, em seu discurso matinal, ele tinha dito: “Jesus disse que se alguém bater em uma face, deve oferecer a outra”. Um homem que estava ouvindo aquele discurso quis tentar aquilo, e então bateu no santo, bateu-lhe bem forte em uma face. O santo foi realmente coerente com o que havia dito: ofereceu a outra face. Mas aquele homem também era obstinado: bateu mais forte ainda na outra face! E então foi surpreendido: o santo saltou sobre ele e começou a espancá-lo! O homem disse:

– O que você está fazendo? Você é um santo, e esta manhã você disse que se alguém bater em sua face você deve dar a outra.

Ele disse:

– Sim, mas eu não tenho uma terceira face, e Jesus parou em duas. Agora estou livre; agora vou fazer o que eu quiser fazer. Jesus não deu mais informações sobre isso.

Aconteceu exatamente algo parecido também na vida de Jesus. Uma vez ele disse a um discípulo:

– Perdoe sete vezes.

O discípulo respondeu:

– Está bem. – Pela maneira como ele disse “está bem”, Jesus ficou desconfiado; e então disse:

– Eu quero dizer setenta e sete vezes.

O discípulo ficou um pouco perturbado, mas disse:

– Está bem – mas os números não terminam em setenta e sete. E quanto à

septuagésima oitava vez? Então estarei liberado e poderei fazer o que eu quiser!

Quantas regras se pode criar para as pessoas? Isso é estúpido, sem sentido. É assim que as pessoas são religiosas e todavia não religiosas: elas sempre encontram uma maneira de escapar das regras de conduta e dos mandamentos. Sempre encontram uma saída pela porta dos fundos.

O caráter pode, no máximo, proporcionar a você uma máscara superficial, uma pseudo-máscara. E nem mesmo superficial – arranhe levemente seus santos e você irá encontrar o animal que se esconde atrás da máscara. Na superfície eles parecem belos, mas apenas na superfície.

Não quero que você seja superficial; quero que você realmente mude. Mas uma mudança real acontece no centro do seu ser, não na circunferência. O caráter é a pintura da circunferência; a consciência é a transformação do centro.

Certo dia um carpinteiro estava trabalhando em uma igreja e atingiu seu polegar com um martelo.

– Puta merda! – gritou ele.

Ocorria de um vigário estar passando por ali e o ouviu gritar.

– Você não pode usar esse tipo de linguagem aqui. Esta é uma casa de Deus – censurou ele.

– Perdão, vigário, mas o que um homem deve dizer quando esmaga seu polegar com um martelo?

– Você pode dizer, ‘Deus me preserve’ ou ‘Jesus me ajude’ – sugeriu o vigário.

Mais tarde, ao serrar um pedaço de madeira, o carpinteiro serrou o seu dedo, que caiu no chão.

– Deus me preserve! – gritou o carpinteiro, e o dedo saltou do chão de volta à mão e se



curou.

– Puta merda! – exclamou o vigário.

## *Você é contra o esforço até mesmo para cultivar um caráter moral?*

Em primeiro lugar, cultivar qualquer coisa é se tornar pseudo. O cultivo significa que você estará criando à sua volta algo que você não é. O cultivo significa que você vai criar uma divisão, o cultivo significa que você vai criar uma fachada. O cultivo significa que você viverá camuflado; que será uma coisa e fingirá ser outra; você fará uma coisa e dirá outra.

O cultivo significa que você vai se reprimir – por isso sou contra o cultivo. O cultivo não cria a verdadeira moralidade; ele cria apenas feios puritanos. Cria apenas os chamados corretos; cria pessoas que são fingidoras. Cria a atitude do “mais realista que o rei”, apenas isso. Ele proporciona uma grande satisfação ao ego.

Também cria uma prisão. Quando uma pessoa cultiva algo, fica aprisionada naquilo, porque no fundo ela é exatamente o contrário. Por exemplo, a pessoa é violenta – ela pode cultivar a não violência. Qual será o resultado disso? Na superfície haverá uma fina camada de não violência, mas apenas na superfície; ela não terá sequer a profundidade da pele. Arranhe ligeiramente a superfície de qualquer homem não violento e você verá o surgimento da violência. Cuidado com as pessoas não violentas; elas são as pessoas mais perigosas se tiverem sua superfície arranhada.

Se você arranhar uma pessoa violenta, ela pode não ser tão violenta porque não carrega dentro de si uma violência reprimida há muito tempo; ela

não acumula. Ela explode de vez em quando e por isso não há acumulação. Mas a pessoa não violenta, o gandhiano, a chamada pessoa religiosa, cuidado com ela; ela é uma pessoa perigosa. Está carregando dentro de si grandes forças explosivas. Apenas um pequeno arranhão irá criar uma centelha e ela vai explodir; pode se provar assassina, pode ser muito perigosa. Quando você cria a não violência à sua volta e dentro de si há violência em ebulição, você está vivendo em uma prisão.

Um jornal estava promovendo uma competição para descobrir o habitante local mais virtuoso, equilibrado, bem-comportado. Entre as inscrições havia uma que dizia: “Não fumo, não uso drogas nem jogo. Sou fiel à minha esposa e nunca olho para outras mulheres. Sou trabalhador, tranquilo e submisso. Nunca vou ao teatro ou ao cinema. Durmo cedo toda noite e me levanto de madrugada. Vou religiosamente à missa todos os domingos. Estou assim há três anos... mas espere até a próxima primavera quando eles me deixarem sair daqui!”.

Olhe para as suas chamadas pessoas morais – elas estão vivendo em uma prisão. E todas têm de se tornar hipócritas. Todas elas devem ter saídas furtivas para suas vidas, pois do contrário enlouquecerão. A moralidade cultivada só desperta duas alternativas: uma é enlouquecer – se a pessoa for sincera, ela vai enlouquecer – e a outra é se tornar hipócrita. Naturalmente, as pessoas optam por ser hipócritas em vez de enlouquecer, e não posso condená-las. Isso é mais inteligente.

Por isso se veem tantos hipócritas em todos os lugares do mundo. Eles estão em toda parte – os fingidores. Você os conhece. Eles vivem uma vida totalmente diferente atrás dos muros. Eles têm duas vidas, e sua vida real é secreta. Estão vivendo em tal conflito interno que não conseguem ser felizes. E a pessoa que não é feliz não permitirá que ninguém seja também. Essas

peessoas são tristes, têm um rosto triste; são tensas, vivem em constante conflito e angústia, e gostariam que todos vivessem desse jeito. Naturalmente, vão condenar toda alegria, vão condenar todo riso. Vão condenar tudo o que é divertido, que é engraçado. Vão reduzi-los à total seriedade, e a seriedade é uma doença. Ela é patológica.

A vida só está disponível para aqueles que são alegres. A vida não foi feita para os sérios; para os sérios há o túmulo. A vida é para aqueles que são festivos, que sabem como celebrar.

Sou contra o cultivo de um caráter moral porque cultivar um caráter moral não confere uma moralidade real. Por isso sou contra isso. A moralidade real não tem que ser cultivada: ela chega como uma sombra do estar mais perceptivo. É uma consequência da consciência.

Se a sua moralidade não for uma consequência da sua consciência, então sua moralidade é feia, perigosa, venenosa. Então sua moralidade não é nada além do policial que a sociedade implantou em você. Então sua moralidade não é nada senão a voz de seus pais, dos sacerdotes gritando dentro de você, “Não faça isso – faça aquilo”. Você não é livre, não é um ser humano livre: é controlado de dentro – uma estratégia muito sutil usada para controlar a humanidade. Isso que é a sua chamada moralidade.

A moralidade real não vem de fora: ela brota dentro de você; é parte da sua consciência. Não digo para você cultivar a moralidade; digo para se tornar mais consciente e assim você se tornará moral. Mas essa moralidade terá um sabor totalmente diferente. Ela será espontânea; não será uma coisa pronta. Ela estará viva momento a momento, fluindo, mudando. Ela refletirá todas as cores da vida. Será apropriada ao momento; será responsável. Você responderá à situação com total percepção – não porque Moisés disse para fazer assim, não porque Jesus disse a você para segui-lo, mas porque seu

próprio Deus interior sente que essa é a maneira de responder. Então você estará funcionando a partir da verdadeira fonte da consciência, e essa é a verdadeira moralidade. Ela não tem que ser cultivada. O cultivado significa o falso.

Por isso eu digo que a verdadeira pessoa de caráter não tem caráter. A verdadeira pessoa de caráter é desprovida de caráter. A verdadeira pessoa de caráter não pode se permitir ter um caráter, porque o caráter significa aquilo que você aprendeu no passado; caráter significa o passado. Você deve responder ao momento presente – mas seu caráter estará entre você e o presente. Vai obrigá-lo a se comportar de acordo com o padrão passado, e quando se comporta de acordo com o padrão passado você nunca é apropriado.

Assim, suas chamadas pessoas morais nunca são apropriadas, não podem ser. Elas perdem o momento; funcionam a partir do passado e por isso não podem se relacionar com o presente. E há apenas uma vida, e isso significa estar relacionado com o presente..

Ele conheceu uma garota em um jogo de futebol, e os dois se deram tão bem que ele a levou para assistir a um show. Foi ótimo, e então ele a convidou para jantar. Eles desfrutaram de um jantar agradabilíssimo em um bom hotel, e a seguir foram a uma boate para dançar.

Em torno de meia-noite, estavam fazendo uma refeição ligeira em uma mesa para dois e ele lhe disse:

– Sabe, passei momentos maravilhosos desde que a conheci esta tarde. Acho que nos demos muito bem juntos, você não acha?

– Certamente – concordou ela. – Eu também gostei muito.

– Eu gostaria de tomar o café da manhã com você amanhã. – E olhou para ela ansioso. –

Posso?

– Sim – respondeu ela. – Eu gostaria muito.

– Ótimo. Então, o que farei: telefone para você ou a cutuco?

Estas são as maneiras tortuosas, as maneiras diplomáticas. As chamadas pessoas morais não conseguem ser diretas em nenhuma situação; elas sempre usam de rodeios. Têm sempre que ser cautelosas porque têm de manter suas máscaras; não podem deixar cair suas máscaras. Uma mentira conduz a outra *ad infinitum*, e pouco a pouco uma pessoa se torna apenas um monte de mentiras.

O verdadeiro homem de caráter é autêntico, ele é o que é. Ele está totalmente exposto, indefeso; não está escondido. Eu gostaria que a nova humanidade fosse composta por pessoas corajosas. Já vivemos muito tempo como covardes; já sofremos muito como covardes. Chegou a hora de nos expormos, sob a luz do sol – de sermos sinceros, de sermos autênticos, de sermos quem realmente somos. Não há necessidade de nos escondermos, porque todos os seres humanos são como nós. Não há santos nem pecadores, apenas seres humanos.

Toda a dicotomia dos santos e dos pecadores é um subproduto do caráter cultivado. E você ficará surpreso ao perceber que os pecadores são mais inocentes do que seus chamados santos. Você verá nos olhos dos pecadores mais qualidade da criança, mais sinceridade, mais inocência, mais verdade do que encontrará nos olhos dos seus chamados santos. Seus olhos serão astuciosos – eles têm que ser, porque o cultivo traz a astúcia.

Gostaria que houvesse uma humanidade totalmente diferente no mundo, onde santos e pecadores tivessem desaparecido, onde houvesse apenas pessoas autênticas, abertas ao vento, abertas à chuva, abertas ao sol... abertas!

Isso será um grande problema para a sociedade, porque a pessoa aberta

imediatamente o deixa desconfortável se você for fechado, porque a pessoa aberta imediatamente atingirá a verdadeira raiz do seu ser. A pessoa aberta imediatamente faz com que você se sinta inferior, feio, falso. A pessoa aberta imediatamente faz com que você se sinta ignorante, estúpido.

Por isso Sócrates foi envenenado – porque ele era uma pessoa aberta. Não um santo, mas um homem de uma enorme percepção. Um sábio, não um santo. Jesus foi crucificado – um sábio, não um santo – porque ele não estava correspondendo às expectativas da sociedade. Ele se comovia com os ladrões – os santos não se comovem com os ladrões. Ele se comovia com as pessoas condenadas pela sociedade: jogadores, bêbados, prostitutas. Ele se sentia à vontade com a humanidade em geral, com todo mundo. Isso não era tolerável. Os rabinos, os santos daquela época, as pessoas moralistas, os puritanos, não conseguiam tolerar aquilo. Ele teve que ser crucificado.

Isso vem acontecendo no decorrer dos séculos. Agora isso tem que ser detido! Já houve crucificações suficientes. Agora temos de explodir em tal onda sobre a Terra que mesmo que queiram nos crucificar não conseguirão encontrar tantas cruzes. Um Jesus pode ser crucificado, um Sócrates pode ser envenenado... Meu esforço é no sentido de criar tantas pessoas abertas que se tornará quase impossível crucificá-las e envenená-las; de dar a qualidade da abertura, da simplicidade, da inocência, a tantas pessoas – porque só assim a qualidade desta sociedade podre pode ser mudada, pode se tornar viva. Ela está entorpecida, morta. Não circula mais vida em suas veias.

Sou contra o caráter moral cultivado porque ele não é moral nem saudável. Sou contra o caráter porque o caráter cria apenas uma armadura em volta da pessoa; é uma medida defensiva, não lhe permite ser aberta. E uma pessoa que não é aberta vive em um túmulo.

As pessoas se tornam astuciosas; não conseguem dizer o que querem. Não

conseguem ser verdadeiras; estão sempre se escondendo, enganando, ludibriando os outros e ludibriando a si mesmas. Esta não é a verdadeira maneira de viver esta vida extremamente bela. Esta não é a maneira de apreciar esse presente de Deus. Deve-se viver autenticamente. Autenticidade é moralidade – e por “autenticidade” não quero dizer seguir os mandamentos de outra pessoa, mas viver de acordo com a sua própria luz.

Ser uma luz para si mesmo, isso é tudo. Essa é a minha única mensagem, e isso produzirá caráter e um caráter que não será uma prisão. Isso produzirá a moralidade, e uma moralidade que não será uma hipocrisia. E esse será um tipo de vida totalmente novo para você: uma vida responsável, viva, inocente, divertida... isso vai abrir as portas do misterioso para você. Se você for autêntico, disponível, então Deus se derramará sobre você em todas as direções. Isso trará uma grande bênção para você – não o caráter cultivado, mas a consciência não cultivada, espontânea.

### *Em sua visão de religiosidade, existe essa coisa chamada pecado?*

O pecado é uma técnica das pseudorreligiões. Uma verdadeira religião não necessita de nenhum conceito. A pseudorreligião não pode conviver sem o conceito do pecado, porque o pecado é a técnica de criar culpa nas pessoas.

Você precisa entender toda a estratégia do pecado e da culpa. A menos que você faça uma pessoa se sentir culpada, não conseguirá escravizá-la psicologicamente. É impossível aprisioná-la em uma determinada ideologia, em um determinado sistema de crença. Mas, uma vez que você crie a culpa na mente dela, terá extraído tudo o que é corajoso nela. Terá destruído tudo o

que é ousado nela. Terá reprimido toda a possibilidade de ela algum dia ser um indivíduo por direito próprio. Com a ideia de culpa, você terá quase assassinado seu potencial humano. Ela nunca poderá ser independente. A culpa vai obrigá-la a ser dependente de um messias, de um ensinamento religioso, de Deus, dos conceitos de céu e inferno e de tudo mais.

Para criar culpa, basta uma coisa muito simples: comece a invocar erros, falhas, “pecados”. Estes são simplesmente erros, humanos. Ora, se alguém comete um erro em matemática – dois mais dois, e a pessoa conclui que são cinco –, você não diz que ela cometeu um pecado. Ela está dispersa, não está prestando atenção no que está fazendo. Está despreparada, não fez sua lição de casa. Está certamente cometendo um erro, mas um erro não é um pecado. Ele pode ser corrigido. Um erro não faz com que ela se sinta culpada. No máximo, faz com que ela se sinta tola.

O que as pseudorreligiões têm feito – e todas as religiões do mundo têm sido pseudorreligiões até agora – é explorar os erros, as falhas, que são absolutamente humanas, e condená-las como pecados. Pecado significa que não se trata de um simples erro: a pessoa foi contra Deus; esse é o significado da palavra pecado. Adão e Eva cometeram o pecado original: eles desobedeceram a Deus. Quando alguém o condena por ter cometido um pecado, está dizendo de uma maneira ou de outra que você está desobedecendo a Deus.

Ora, ninguém sabe quem é esse Deus, o que é a favor dele e o que é contra ele. Há trezentas pseudorreligiões na Terra. Pense em trezentas ciências na Terra, trezentas escolas de física, uma condenando a outra, encontrando falhas umas nas outras, declarando que “somente a nossa escola é a verdadeira escola, e todas as outras escolas estão enganando a humanidade”. Qual seria a situação da Terra se houver trezentas escolas de



física, trezentas escolas de química, trezentas escolas de medicina, trezentas escolas de matemática – qual seria a situação? Toda a Terra enlouqueceria. E é isso que tem acontecido no que diz respeito à religião.

E quando digo trezentas não estou contando as seitas dentro das religiões. Por exemplo, estou contando o Cristianismo como uma única religião, não os católicos, os protestantes – embora na verdade eles sejam duas religiões. E há também as subseitas. Se as contarmos todas, então trezentos seria um número muito pequeno; pode haver três mil. Todas estão dando a você a palavra de Deus, e todas essas religiões estão apresentando declarações contraditórias.

Se você escutar todas as religiões, não conseguirá sequer respirar um único momento, porque qualquer coisa que faça será um pecado. Felizmente você está condicionado por apenas uma pseudoreligião, e por isso não se conscientiza de que também há outras pessoas na mesma situação – você não está sozinho – que estão fazendo a mesma coisa. Suas regras são diferentes, mas estão todos jogando o mesmo jogo.

Por exemplo, um monge jainista... Atualmente o Jainismo é uma religião com poucos seguidores, apenas trezentos mil. Temos mais *sannyasins* do que seguidores do Jainismo. Mas eles têm duas seitas importantes, assim como católicos e protestantes, e também há pelo menos trinta subseitas. E cada subseita acredita que carrega o verdadeiro Jainismo e as outras vinte e nove estão se enganando ou enganando os outros.

Uma dessas seitas é o Terapanth. A palavra *terapanth* significa caminho divino, o caminho de Deus. O monge dessa seita mantém seu nariz coberto, sempre coberto – vinte e quatro horas por dia, durante o dia e durante a noite, mesmo no sono – com um pano, porque respirar diretamente é pecado. Todos vocês estão cometendo pecado, e cometeram tantos que agora não há mais esperança; durante sua vida toda estiveram cometendo pecado. Exceto essas

poucas setecentas pessoas – há apenas setecentos monges nessa seita –, exceto essas setecentas pessoas, toda a Terra está cheia de pecadores.

Isso é suficiente para lançar a todos no sétimo inferno, porque a cada respiração estão matando milhões de germes. E, segundo o Jainismo, o menor germe que não se consegue sequer ver a olho nu – é preciso um microscópio, é preciso ampliá-lo pelo menos mil vezes para conseguir vê-lo –, esses minúsculos germes têm a mesma alma que você. Não há diferença qualitativa. Quer você mate um homem ou mate um germe, tudo é a mesma coisa aos olhos de Deus. Aos olhos de Deus, você não terá um tratamento especial.

Assim, no momento em que você expira, expele ar quente. Esse ar quente é suficiente para matar milhões de germes no ar. Quando você inspira, respira milhões de germes com a sua respiração, que serão mortos dentro de você. Então, a cada respiração, o que Adolf Hitler, Joseph Stalin e Mao Tsé-Tung fizeram – o que os três juntos fizeram – parece ser nada. Você está fazendo isso em uma simples respiração.

Nem à noite eles podem retirar o pano. Falar com essas pessoas é difícil, porque o pano está cobrindo o nariz e também a boca, já que, quando você fala, sai ar da sua boca, entra ar na sua boca, e por isso eles não podem falar sem a proteção. Então, o golpe direto é evitado. Mas falar com essas pessoas é muito difícil; até entender o que elas dizem é muito difícil. Elas apenas murmuram dentro da boca e do nariz protegidos.

E as pessoas que não se tornam monges, mas acreditam no Terapanth, estão continuamente se sentindo culpadas por estarem respirando. Eu costumava ficar com alguns amigos *terapanthi* em Bombaim e esta era a grande carga que pesava sobre a alma deles: o fato de não serem capazes de renunciar ao mundo e se tornarem monges – porque, a menos que uma pessoa

se torne um monge e renuncie ao mundo, ela não poderá evitar cometer pecado. Se até mesmo a respiração é pecado, você pode imaginar que qualquer coisa pode ser pecado.

Um dos mais velhos senadores da Índia era meu amigo. Ele era conhecido como o pai do Parlamento indiano. De 1916 até 1978 ele foi membro do Parlamento. Apenas um homem em toda a história do mundo competiu com ele – Winston Churchill; do contrário ele teria derrotado todos – atuou durante um longo tempo e era continuamente reeleito. Mas ele era um homem muito comum. Talvez essa tenha sido a razão de as pessoas o reelegerem repetidas vezes. Ele não era astucioso; não era realmente capaz de ser um político; se fosse, um homem que permanece por mais de meio século como membro do Parlamento teria se tornado naturalmente um primeiro-ministro, um presidente. Mas ele não conseguiu sequer se tornar um ministro ou um governador de Estado. Ele era simples – melhor dizendo, ele era um simplório.

O que o trouxe a mim foi a morte do seu filho, também um político, e bastante promissor. Já era vice-ministro, e na eleição seguinte iria se tornar ministro. E o pai – seu nome era Seth Govindadas – estava projetando todas as suas ambições no filho. Ele não havia conseguido se tornar primeiro-ministro da Índia, mas seu filho seria. E era muito jovem, por isso havia toda a possibilidade de que quando ele estivesse com cinquenta, sessenta anos se tornasse primeiro-ministro.

Mas ele morreu de repente quando estava com apenas trinta e seis anos. Sua morte foi um grande choque para o pai. Ele era muito rico. O governo britânico havia conferido ao pai de Seth Govindadas o título de Rajá, título de um rei, embora ele não fosse um rei. Mas possuía muitas riquezas e muitas terras, e serviu o governo britânico de todas as maneiras possíveis; por isso o

governo reconheceu seus serviços e lhe deu o título de rajá.

Seth Govindadas era filho de Raja Gokuldas, e seu prestígio vinha do fato de ele ter se revoltado contra o governo britânico e se tornado um defensor da liberdade. Essa era sua única qualidade, e a razão pela qual as pessoas continuavam reelegendo-o para o Parlamento. Isso era suficiente para as pessoas pobres: o fato de ele ser tão rico e de que, embora o governo respeitasse muito seu pai, ele se revoltara contra ele, se revoltara contra o governo, e seu pai o deserdera. Essas se tornaram suas qualificações; fora isso, ele não tinha qualidades, inteligência ou qualquer outra coisa. E por causa dele seu filho seguiu a mesma profissão. O filho era astuto e inteligente, culto.

Sua morte foi um grande choque para Seth Govindadas. Ele começou a procurar os santos e perguntar: “Por que isso aconteceu?”. E onde quer que fosse – a resposta simples de todas as pseudoreligiões é a mesma – todas elas diziam: “Você deve ter cometido algum pecado em sua vida passada. Isso é uma punição”.

Quero enfatizar o ponto de que ele foi a diferentes santos religiosos, mas a resposta era a mesma. A estratégia era a mesma: “Você cometeu algum pecado, e o que aconteceu é resultado disso. Agora, arrependa-se! Faça alguma coisa boa, seja virtuoso”. É claro que a virtude prescrita por todos esses santos era diferente. Um monge hinduísta sugeriu:

- De agora em diante, pare completamente de ingerir sal.

- Mas como isso vai ajudar? – ele perguntou.

O monge disse:

- Isso vai ajudar porque quando você não come sal toda a sua comida fica sem gosto – particularmente a comida indiana vai se tornar absolutamente insossa sem sal – e comer sem ser por gosto é uma virtude; comer por gosto é

um pecado. Comer por gosto é seguir o corpo, e com isso sua alma vai sendo manipulada, escravizada pelo corpo. Esse é o pecado, colocar o corpo acima da sua alma; o corpo é o mestre e a alma fica funcionando como um escravo; por isso, onde o corpo a leva, ela vai.

E o monge continuou:

– Faça exatamente o contrário disso; o que quer que o seu corpo diga, não faça. Seu corpo vai pedir sal... não coma sal. E pouco a pouco pare de comer açúcar. Pouco a pouco torne a sua comida totalmente insossa, de modo que você só coma para manter a vida que recebeu de Deus e permanecer vivo; então você não estará interessado nesta vida, estará se preparando para a vida futura.

Ora, o sal é necessário ao corpo. As pessoas necessitam de uma determinada quantidade de sal em seu corpo, do contrário se tornam fracas. O que quer que o seu corpo peça, ele não está errado. Ele pede porque tem necessidade.

Essas pessoas estão transformando as necessidades físicas em pecados. Naturalmente, seu corpo vai continuar a pedir sal. Você vai obrigar o corpo a não comer sal, mas o corpo estará continuamente pedindo por ele e desejando-o. Isso vai criar problemas: ou você tortura o seu corpo ou pode começar a comer sal e cometer pecado. Faça o que fizer, apenas uma coisa simples, o sal, o transformou em uma pessoa doente. Agora a sua psicologia não está saudável.

Seth Govindadas encontrou muitas dessas pessoas... ele era uma pessoa famosa, por isso qualquer santo estava pronto para se encontrar com ele, feliz em se encontrar com ele, e sempre pronto para lhe sugerir ideias. Vivi em sua própria cidade durante vinte anos e ele nunca se deu ao trabalho de me procurar. Na verdade, qualquer político na Índia tinha medo de ser visto

comigo, de ficarem sabendo de seu contato comigo. As massas vão se voltar contra ele – e não apenas contra os pequenos políticos. Esse homem era uma pessoa muito estabelecida, há cinquenta anos, há mais de cinquenta anos um membro do Parlamento. Então, o que ele tinha a temer? Mas ele nunca me procurou.

Ele costumava ouvir falar sobre mim. As pessoas comentavam a meu respeito, até mesmo o primeiro-ministro. Enquanto ele estava no Parlamento houve muitos primeiros-ministros. Um deles, Lalbahadur Shastri, perguntou por mim. Seth Govindadas disse:

– Eu ouvi falar dele, mas não o conheço pessoalmente. Lalbahadur me disse:

– Isso é estranho: esse homem é um membro do Parlamento pelo seu distrito eleitoral e não conhece você!

Eu disse:

– O senhor deve entender a posição dele. Se ele viesse me ver... é claro que eu não iria procurá-lo. Não tenho motivo para vê-lo. Eu nunca votei em ninguém porque todos os idiotas são iguais. Só os rótulos são diferentes. Por isso, não há razão para votar. Eu nunca votei. Por que razão eu iria procurá-lo? Não há razão. E do lado dele... o senhor deve entender, o senhor é um político. O senhor tem coragem suficiente de vir até a minha casa?

Ele era um homem muito bom. Ele riu e disse:

– Você está certo; agora eu entendo. Qualquer pessoa que vá à sua casa vai ter problemas. Esse homem poderia perder sua cadeira no Parlamento.

Indira Gandhi vivia lhe perguntando por mim. Ela queria vir me ver; pelo menos cinco vezes a data foi marcada, mas no último momento ela encontrava uma desculpa e nunca conseguiu ir me ver... “porque”, seus colegas lhe diziam, “Isso é perigoso. Você ir vê-lo será muito perigoso para a

sua carreira política. E o partido da oposição vai usar sua ida até ele como um dos fatores mais importantes contra você”. Então, todas as vezes ela recuou.

Mas quando o filho, Raja Gokuldas, morreu, esse velho – talvez naquela profunda tristeza – esqueceu-se de sua política e do Parlamento e veio me ver. E disse: – Em todo lugar que fui me disseram que devo ter cometido algum pecado, que é por isso que estou sofrendo essa perda do meu jovem filho. E têm me sugerido medidas para que eu não sofra na vida futura.

Eu disse:

– Eles têm recomendado ao senhor medidas suficientes para sofrer agora, nesta vida. E o senhor devia ter perguntado que pecado cometeu em suas vidas passadas. Todos eles dariam respostas diferentes; eles não podem saber que pecado o senhor cometeu em suas vidas passadas; todos teriam que fazer alguma suposição. Isso é tão estúpido! Pelo fato de parar de comer sal ou açúcar o senhor acha que se tornará virtuoso? Só se tornará culpado.

Ele disse:

– Você está certo. Foi isso que me tornei. Tenho obedecido a todas essas pessoas, achando que elas são sábias, e elas tornaram a minha vida um caos. Qualquer coisa que eu faça está errada. E qualquer coisa que elas sugiram que eu deva fazer me parece não natural, forçada. Mesmo que tente, eu falho.

O pecado é uma estratégia para destruir a pessoa, para derrubá-la, para massacrá-la como indivíduo. E então ela fica nas mãos do sacerdote. Assim, a pessoa tem de seguir qualquer coisa que ele diga. Ela não pode argumentar porque aquilo está nas escrituras. E argumentar contra as escrituras também é pecado. As escrituras têm que ser tratadas como uma pessoa.

Eu estava em Jalandhar, em Punjab. Pela manhã, ao sair para uma caminhada, passei por um lugar onde os siques mantinham um pequeno templo – aqueles que podem se permitir construir um templo, e essa era a

casa de um homem muito rico. Era um belo templo de mármore, um pequeno templo, onde eles guardavam o *Guru Granth Sahib*, seu livro sagrado. Até aí, tudo bem. O livro sagrado estava ali, mas ao lado do livro sagrado havia um creme dental, uma escova de dentes e um jarro cheio de água quente, porque estávamos no inverno.

Eu perguntei ao meu anfitrião:

– O que está acontecendo? Eu posso entender o templo. Posso entender o *Guru Granth Sahib*... – Na verdade, o uso da palavra *sahib* é para personalizar o livro. *Sahib* não é usado para coisas; só é usado quando se quer mostrar respeito por alguém. Isso surgiu com os britânicos na Índia. Eles eram os senhores, e os indianos começaram a chamá-los de *sahib*. Era uma palavra antiga, mas *sahib* significa “pessoa muito respeitável”. Ninguém chama um livro de *sahib*. Mas os siques chamam seu livro de *Guru Granth Sahib* – guru significa mestre.

O décimo guru dos siques proclamou: “Eu sou o último guru, e daqui em diante o livro” – em que estão reunidos os ditames de todos os dez mestres, incluindo ele, o último – “será o mestre. De agora em diante ninguém mais será o mestre, apenas o livro”. Então, *guru* significa o mestre; *granth* significa a coleção, porque não se trata de um livro escrito por uma pessoa, mas das declarações de dez pessoas; por isso é uma compilação, uma coleção. E então *sahib*: essa palavra significa honorável e respeitável mestre.

Eu disse:

– Consigo entender que o senhor respeite os ditames de seus mestres, mas por que mantém esta água, o creme dental e a escova de dentes no templo?

Ele disse:

– Você não conhece os nossos costumes. O mestre, pela manhã, vai precisar lavar sua boca, limpar seus dentes. O livro...



– Está bem – eu disse –, mas algum dos seus dez mestres conhecia escova de dentes ou creme dental? Naquela época não existia creme dental.

Ele disse:

– Você está certo. Isto é muito moderno.

Há quinhentos anos, certamente, o creme dental Binaca...? E ele era fabricado na Suíça – quando se dá algo ao guru, se dá algo importado. O creme dental Binaca também é fabricado na Índia, a mesma companhia fabrica o creme, mas quando uma pessoa o oferece ao guru oferece o creme dental Binaca *importado*. Se não o fizer, ela vai se sentir culpada, porque todos os siques estão fazendo isso. Na hora do desjejum, a pessoa vai lhe trazer o desjejum – e ela sabe que aquilo é um livro! Ela sabe, ela não é cega. Na hora do almoço, o almoço... e todas as vezes ela leva tudo de volta. O livro não come nada, mas isso não importa. Se a sua sociedade condiciona sua mente a qualquer estupidez e a pessoa não quer cometê-la, sua consciência vai atormentá-la.

Você tem que entender estas duas palavras: *moralidade* e *consciência*. A consciência é sua. A moralidade é dada pela sociedade. É uma imposição à sua consciência. Diferentes sociedades impõem diferentes ideias à sua consciência, mas todas elas impõem uma coisa ou outra. E quando algo é imposto à sua consciência, você não consegue ouvir a sua consciência; ela fica bem longe. Entre a sua consciência e você ergue-se um grosso muro de moralidade que a sociedade impõe desde a sua mais tenra infância – e ela funciona.

Até os dezesseis anos de idade eu nunca havia comido nada à noite. Isso é impossível em uma casa jainista. Não se consegue encontrar nada para comer porque tudo, quando o sol se põe, acabou. Se sobrou algo, é dado aos mendigos; dentro da casa não se consegue encontrar uma única coisa para

comer. Então, não há a questão sequer de furtar ou de, quando seus pais vão dormir, ir até a cozinha. Lá não há nada, não se consegue encontrar nada.

Não se pode sair de casa em uma aldeia pequena, porque todo mundo se conhece. Não se pode ir a um restaurante porque eles imediatamente dirão “O quê...?”. Eles podem não ser jainistas, mas sabem que aquela pessoa é um jainista. E vão dizer: “Então, você começou a comer à noite? Está bem. Amanhã, quando seu pai passar vou falar com ele”. Então, mesmo que a pessoa esteja com fome não há nada a fazer... Até os dezesseis anos de idade eu nunca comi durante a noite.

Quando eu estava com dezesseis anos, toda a escola estava saindo para um piquenique em um castelo da vizinhança, numa montanha muito bonita coberta de floresta, e eu então fui com eles. Todos os alunos da minha classe, exceto eu, eram hinduístas ou muçulmanos. Eu era o único jainista. O dia estava muito bonito, e havia tanta coisa para ver e explorar que ninguém ficou interessado em preparar comida durante o dia. Eles disseram: “Vamos comer à noite”. Ia ser uma noite de lua cheia, e um belo rio corria ao lado do castelo; então, “vamos comer à noite”. Eles não iriam preparar a comida mais cedo apenas por minha causa, e eu não podia lhes dizer: “Eu não posso comer à noite”. Achei que seria melhor passar fome a me tornar um motivo de riso, porque todos eles iriam rir e dizer: “Então você prepare alguma comida para você!” e eu nunca havia preparado comida alguma na minha vida, nem mesmo uma xícara de chá.

Mesmo hoje não consigo preparar uma xícara de chá. Na verdade, nem sei onde fica a cozinha. Não consigo encontrá-la a menos que alguém me mostre o caminho. Não sei onde fica a cozinha nesta casa. E na minha própria casa quando eu era criança, é claro, não me era permitido entrar na cozinha. Por isso não consigo sequer preparar uma xícara de chá. E como eu me misturava

com muçulmanos, hinduístas e intocáveis, não me era permitido entrar na cozinha. Minha família dizia: “A menos que você mude os seus costumes...”.

Todos na casa costumavam comer na cozinha. Eu costumava comer fora da cozinha. Eu era simplesmente um pária, porque eles não conseguiam confiar em mim, não sabiam de onde eu estava vindo, com quem havia conversado, em quem eu havia tocado; eles não tinham ideia. “Ou você toma um banho imediatamente e então pode entrar...”.

Ora, quantas vezes eu teria que tomar banho? Então eu me acomodava e dizia: “Tudo bem; além disso, não quero brigar todos os dias. Vou comer lá fora. E me sinto perfeitamente feliz lá fora”.

Aqueles meninos do piquenique prepararam uma comida realmente maravilhosa, e era ainda mais maravilhosa porque eu estava faminto... e o cheiro dela... e eles começaram a me convencer: “Ninguém vai contar aos seus pais; nós prometemos que ninguém vai falar nada sobre isso”. Por um lado, eu estava faminto e a comida parecia realmente deliciosa, pela maneira como a estavam preparando. Eles eram persuasivos e estavam me convencendo, aí pensei: “Se todas estas pessoas vão para o inferno, por que me preocupar? Eu também posso ir para o inferno. Na verdade, sem todos os meus amigos, o que vou fazer no céu? Com aqueles monges jainistas não vou estar em boa companhia. Não gosto deles, e eles também não vão gostar de mim. As pessoas de que eu gosto são estas, e todas elas vão para o inferno, isso é certo”. Isso me era dito desde que eu era muito pequeno – que comer à noite é o maior pecado.

Agora isso é estranho... mas no tempo de Mahavira talvez houvesse algum sentido nisso porque não havia luz nas casas da maioria das pessoas. As pessoas eram tão pobres que costumavam comer no escuro, e então podiam comer qualquer inseto, qualquer coisa. A preocupação de Mahavira

não era a noite; sua preocupação era que as pessoas não comessem insetos, formigas, qualquer coisa viva. E esse foi o seu ensinamento: se vocês comerem qualquer coisa viva, terão cometido um pecado. Então, para manter a questão completamente fechada, ele declarou: “Comer à noite é pecado”. Ele cortou toda a situação pela raiz. Mas agora havia mais luz do que era disponível na sua época, e então não havia problema. Mas as escrituras haviam sido escritas vinte e cinco séculos atrás, e Mahavira havia fechado a porta. Nada podia ser adicionado, nada podia ser eliminado. A palavra final estava ali.

Então, pensei que no máximo eu iria para o inferno, mas todos os meus amigos estariam lá e eles eram bons cozinheiros; podia valer a pena. Então, eu disse: “Está bem”. Mas até aquele momento eu não estava ciente do fenômeno da moralidade. Comi com eles. Estava delicioso, e eu estava faminto. Mas em algum lugar lá no fundo havia uma revolta. Comecei a me sentir nauseado, e quando terminei comecei a vomitar. Não havia nada de errado com a comida deles, porque ninguém mais teve náusea, ninguém estava vomitando; não foi comida envenenada ou qualquer outra coisa. Enquanto não vomitei toda a comida não consegui dormir. Demorei quase a metade da noite para eliminar aquela comida, e só então consegui dormir.

Naquele dia eu descobri que a minha náusea não se devia à comida, mas ao condicionamento daqueles dezesseis anos, da repetição contínua da ideia de que comer à noite é pecado. Ora, aquilo foi certamente um envenenamento psicológico, não um envenenamento alimentar, e isso havia sido causado pelo sacerdote, pelos monges, por meus pais, pela minha sociedade.

A consciência é o policial inserido dentro de nós pela sociedade. A sociedade tenta nos controlar e controlar o nosso comportamento de duas maneiras: um policial fora, um tribunal fora, um juiz fora, uma prisão fora; e

uma moralidade dentro, o medo da punição, o medo do inferno, de Deus o juiz, do seu tribunal... diante de Deus não podemos esconder nada. Estaremos de pé despidos, com todos os nossos pecados escritos sobre o nosso corpo. Não haverá a possibilidade de ocultá-los.

Assim, até agora a sociedade tem usado uma tecnologia muito sutil: criar moralidade repetindo que algumas coisas são pecado, algumas coisas são virtude. A virtude será recompensada mil vezes. Aqui você dá apenas uma rupia como doação, e no céu receberá uma recompensa de mil rupias. Eles estão jogando com a nossa ganância. Esse é um bom negócio.

Isso é quase uma loteria – e segura e certa. Não é uma questão de o seu número poder sair ou poder não sair. Você dá uma rupia aqui ao brâmane – lembre-se, não cometa nenhum erro. A escritura diz: “Dê a rupia ao brâmane, a ninguém mais”. Os brâmanes escrevem a escritura! Dê ao brâmane, e, de tudo o que der, receberá mil de Deus no céu. Essa é uma promessa de Deus, e o brâmane estará ali testemunhando a seu favor.

No livro dos brâmanes está escrito: “Ao doar algo a um brâmane, nunca doe uma vaca velha que não dá mais leite”. Ótimo! Porque é isso que as pessoas fazem na Índia. Quando uma vaca fica muito velha, o que fazem com ela? Ela não lhes dá mais leite, não lhes dá mais bezerros, que podem ser usados na agricultura. Ela está velha demais e é uma carga desnecessária para as pessoas. Então as pessoas a dão a um açougueiro, o que significa que elas são um parceiro no abate da vaca. Na verdade, elas são o principal parceiro; se não a tivessem dado ao açougueiro, ele não poderia tê-la matado. Elas a deram ao açougueiro; terão de arcar com a responsabilidade.

E sabem o que dizem as escrituras brâmanes? Matar uma vaca é quase equivalente a matar dez brâmanes. Matar um brâmane é equivalente a matar dez seres humanos. Então, quem vai vendê-la a um açougueiro? E também

não se receberia muito dinheiro do açougueiro. A melhor maneira é doá-la a um brâmane. Por isso as pessoas se acostumaram a doá-las.

Os brâmanes sabiam que era isso que estava acontecendo. Os brâmanes estavam em dificuldade; eles não podiam recusar a doação; uma doação tem que ser aceita com gratidão. Mas o que fazer com aquela vaca velha? O brâmane não pode vendê-la ao açougueiro. Ora, o próprio brâmane é pobre, e aquelas vacas velhas da aldeia vão começar a se juntar em torno dele. Então, ele tem que escrever na sua escritura – não é a palavra de Deus, pois por que Deus deveria se importar com isso? – que um brâmane não deve receber uma vaca velha como doação: a ênfase está em “uma vaca velha”. Deve-se dar ao brâmane uma vaca nova que esteja dando bastante leite, e então o doador será recompensado.

Então, essas pessoas que funcionam como mediadoras entre você e Deus, entre você e o céu, são realmente as pessoas mais astuciosas. Elas destruíram o que é mais precioso em você, a sua consciência. Elas a cobriram com uma série de camadas. A sua consciência ficou lá no fundo; sobre ela há camadas de condicionamento.

Você pergunta se na minha visão de religiosidade existe o pecado. Isso é impossível. O pecado é uma invenção do sacerdote, e eu não sou um sacerdote. O pecado é a técnica da pseudoreligião, e eu não sou um messias, um avatar ou um *paigambara*. Não estou criando uma pseudoreligião. A pseudoreligião certamente necessita do conceito de pecado, porque através do pecado ela vai torná-lo culpado. Através da culpa ela vai fazê-lo tremer por dentro. Agora, de algum modo você tem que se livrar da culpa.

As escrituras brâmanes dizem: “Não tenha medo. Você doa ao brâmane e sua culpa será perdoada”. Mas doe ao brâmane de acordo com a culpa, é claro; se a sua culpa for grande, se o seu pecado for grande, então você tem

que doar mais. Então construa templos...

Birla era o maior monopolista e um homem super-rico na Índia. Ele estava construindo centenas de templos por todo o país. O país está cheio de templos. As pessoas necessitam de casas e não as conseguem. Deus não necessita de casa, e na Índia você encontrará milhões de templos. Em uma cidade como Varanasi, para quatro casas você vai encontrar três templos. Quem vive ali? As pessoas estão vivendo nas ruas – e milhões de templos estão vazios, milhões de igrejas estão vazias, milhões de mesquitas estão vazias.

Birla estava construindo belos templos, grandes templos onde quer que fosse possível. Tive um encontro com ele. Aquele velho sobre o qual eu estava falando, Seth Govindadas, era amigo de Jugal Kisore Birla, o chefe da família Birla. Quando Govindadas passou a ficar cada vez mais interessado em mim, começou a falar a meu respeito com outras pessoas. E falou também com Jugal Kisore Birla, e lhe disse que quando eu fosse a Delhi ele tinha que se encontrar comigo.

Quando voltei a Delhi, fiquei na casa de Govindadas. Ele me disse:

– Jugal Kisore está muito interessado em você... e ele é um homem velho; não me parece bom que devamos lhe dizer que venha aqui, e ele também está doente. Então, em seu nome, eu lhe prometi que o levaria até a casa dele.

Eu disse:

– Se você prometeu, tudo bem, mas qual é o propósito disso? Para mim, qualquer coisa que ele faz é idiotice. Ele está desperdiçando uma enorme quantidade de dinheiro construindo templos de mármore por todo o país, e acha que está ganhando virtudes para o paraíso porque é isso que as escrituras dizem: faça um templo e obterá um palácio, um palácio de mármore, no paraíso. Então ele está calculando – ele é um homem de negócios, está

calculando quantos palácios vai ter no céu. Ele deverá ser o homem mais rico por lá também, se conseguir o que pretende, e todo esse dinheiro será deixado aqui quando ele morrer. – Ele nunca acreditou em seus filhos; achava que eles iriam desperdiçar o dinheiro e tudo iria por água abaixo. Antes que isso acontecesse, por que não transferir todo o dinheiro para o paraíso? O que ele estava fazendo era uma simples transferência bancária.

Eu disse:

– Ele é um idiota, mas se o senhor prometeu, eu irei.

E fui até lá. Ele foi muito respeitoso. Recebeu-me bem e disse, imediatamente, no momento em que me sentei:

– Quero que você faça duas coisas. Tenho ouvido muitas pessoas falarem de você. Govindadas é apenas uma delas – eles eram da mesma casta, e de alguma maneira aparentados um do outro –, e por isso não acertei este encontro com ninguém mais, apenas com Govindadas, porque ele o manterá em segredo. Não quero que ninguém saiba que nos encontramos.

Eu disse:

– O senhor está preocupado por se encontrar comigo? Eu estava achando que eu estava preocupado. Só vim até aqui porque Govindadas lhe prometeu, do contrário não teria vindo. Se o senhor tivesse simplesmente me convidado, eu teria recusado. – E eu disse a Govindadas: – Olhe, você me convenceu de que ele estava velho e doente, e por isso eu vim. E o que ele está dizendo é que quer manter isso em segredo. Ora, qual é a razão deste encontro com um homem tão covarde? O que ele pode fazer? E o que pode entender de mim? – Mas eu disse: – Sim, eu vim; então, diga-me o que quer, porque foi o senhor que me convidou. Então, diga-me.

Ele disse:

– Eu ouvi falar de você, e estou informado a seu respeito. Se você puder



fazer duas coisas, estou pronto para dar a você todo o apoio financeiro que quiser. Dou a você um cheque em branco.

Eu disse:

– O senhor me fale sobre essas duas coisas. No cheque em branco eu não estou tão interessado; quero saber quais são essas duas coisas, porque elas devem ser idiotas.

E eram idiotas. Uma delas era:

– Você sai pelo mundo difundindo o Hinduísmo e eu dou a você todo o apoio financeiro. Converta o máximo de pessoas possível ao Hinduísmo. E a segunda coisa: crie um movimento no país para que o governo seja obrigado a deter o abate das vacas. Se fizer essas duas coisas, não tem que se preocupar mais com as finanças.

– Não estou absolutamente preocupado com as finanças – eu disse. – Guarde consigo o seu cheque em branco, pois jamais precisarei dele. Não sou tão estúpido a ponto de perder o meu tempo convertendo um cristão em um hinduísta, arrastando-o de um poço e o lançando em outro. Eu estaria desperdiçando o meu tempo. Ele está completamente afundado em um, muito satisfeito por estar ali afundado, para desnecessariamente eu puxá-lo de lá... e seria muito esforço tirá-lo de lá, porque os outros que estão naquele poço o puxarão de volta. Eles não permitirão que ele saia do buraco, porque ninguém quer que alguém saia do seu buraco, do seu poder. E, de todo modo, se de alguma maneira eu pudesse conseguir tirá-lo de lá, teria que atirá-lo em outro poço. Então, qual a razão disso? Só para receber seu cheque em branco?

Jugal Kisore disse:

– Minha vida seria desnecessariamente desperdiçada. E ele estaria no mesmo jogo. Talvez o jargão fosse diferente. Agora ele estaria carregando o Gita em vez da Bíblia, mas estaria carregando um livro, adorando um livro.

Agora, em vez de Cristo ele estaria falando sobre Krishna. E você ficará surpreso em saber que os estudos de linguística descobriram que *christ* não é nada além de uma formação da palavra *krishna*. Traduzindo-o do sânscrito para o bangla, ela se torna *christo*; de *krishna* ela se torna *christo*. Do bengalês... você pode ver muito facilmente *christo* se tornando *christ*. A palavra grega *christ* não é nada senão uma transliteração da palavra *krishna*.

Então, eu lhe disse:

– Na verdade, entre Cristo e Krishna não há diferença nenhuma; ambos são a mesma palavra. E eu não estou nem um pouco interessado nesse tipo de trabalho absolutamente desnecessário. Se o senhor quiser, posso puxar as pessoas de seus poços, seja o poço cristão, hinduísta, judeu, muçulmano, mas com uma condição: que eu os deixe livres e perceptivos: "Agora, não caiam em outro poço!". Se o senhor quiser isso, posso fazê-lo. Estarei puxando também os hinduístas, porque para mim isso não faz diferença: qualquer um que esteja afundando no poço, seja ele hinduísta, cristão, muçulmano, eu terei de puxá-lo dali. E quanto à sua segunda proposição...

A humanidade está morrendo. Talvez daqui a vinte, trinta anos, esta Terra esteja morta, porque o homem tem se comportado muito erroneamente consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com o ambiente. Durante toda a sua história ele vem se preparando para uma guerra final – apenas uma preparação, um objetivo. E agora ele está muito perto do objetivo; ele tem tudo o que é necessário para destruir toda esta Terra. Na verdade, temos setecentas vezes mais energia nuclear do que aquela necessária para destruir esta pequena Terra. Podemos destruir setecentas Terras como esta; toda essa energia já está armazenada. E a estamos aumentando todos os dias, ninguém sabe para quê. – E o senhor quer que eu me preocupe com as vacas abatidas? Se não houver nenhum homem na Terra, o senhor acha que haverá alguma

vaca... ou algum corvo? Junto com o homem, toda a vida vai desaparecer. Então, se o senhor está realmente interessado na vida, a coisa mais importante neste exato momento é salvar o homem de si próprio.

Ele disse:

– Eu já sabia. Eu disse a Govindadas que tudo o que já ouvi sobre você é perigoso. Não há possibilidade de trabalharmos juntos.

Eu disse:

– O senhor está falando em “trabalhar juntos” – durante toda a minha vida eu trabalharei contra o senhor. E não preciso do seu cheque em branco, mas, ainda assim, se o senhor tiver coragem e algum entusiasmo em seu ser, dê-me o cheque em branco e lutarei contra o senhor!

O homem virou-se para Govindadas e disse:

– Tire este homem daqui. Estou muito doente e ele pode me causar um ataque cardíaco.

Eu lhe disse:

– Um ataque cardíaco faria muito bem ao senhor. Pelo menos assim o senhor pararia de construir estes templos em todo o país. O senhor sabe perfeitamente bem que milhões de pessoas não têm casas.

E na Índia as pessoas que têm casas... você não pode sequer imaginar que tipo de casas são. Aqueles que não têm, de certa maneira sua posição é clara. Mas para aqueles que têm casas, elas sequer merecem ser chamadas de casas. Eu tenho passado por aldeias... nem uma única casa tem um banheiro, nem uma única casa tem uma vaso sanitário, uma latrina. Não, as pessoas têm que ir até a margem do rio ou até o tanque, ou até qualquer lugar onde haja água disponível. E as pessoas estão fazendo tudo ali, e estão bebendo daquela mesma água. Eu tive que parar de ir às aldeias; era repulsivo demais, totalmente inumano.

O que é uma casa na Índia? Apenas um curral, que você não construiria nem mesmo para uma vaca. As pessoas estão vivendo com suas vacas e seus touros e seus outros animais na mesma casa. E as famílias estão reunidas; por isso, em uma casa pode haver trinta pessoas, quarenta pessoas, além de todos os animais. Toda casa é uma arca de Noé! Há todas as espécies... e o cheiro, o fedor é tão forte que só de pensar nele eu lamento imensamente pela vida dessas pessoas.

Mas isso não acontece só na Índia, acontece em todo o Terceiro Mundo. Na África, na China, isso existe em todo o Terceiro Mundo. E ele está construindo templos para Deus? Deus pode viver muito facilmente no céu aberto; isso não é problema para ele. Ele é todo-poderoso. O frio não lhe provocará pneumonia, as chuvas não o deixarão molhado, o sol quente não o queimará, então por que se dar ao trabalho de construir casas para Deus?

Mas o problema é a ganância. O Hinduísmo diz aos hinduístas: “Construam casas para Deus; depois vocês serão recompensados”. Os cristãos estão dizendo: “Construam casas para os pobres, hospitais para os pobres, escolas para os pobres, órfãos, idosos, doentes, e depois vocês serão recompensados”. Mas o desejo de ambos é serem recompensados. Só um motivo está dominando todas as religiões.

Em minha opinião, uma pessoa verdadeiramente religiosa pode ter a ideia de falhas, erros, mas não pode ter a ideia de pecado. Uma pessoa realmente religiosa não pode criar em outra pessoa a ferida da culpa, porque isso tem uma razão específica: se uma pessoa quer ser um messias, então tem que criar o pecado, então tem que criar a culpa. A única mensagem que o homem que iniciou Jesus na formação dos apóstolos, João Batista, transmitiu em toda a sua vida foi: “Arrependam-se, arrependam-se, arrependam-se, porque o Messias está chegando. Então, preparem-se. Arrependam-se dos seus pecados

e se preparem”. Mas como se arrepender? Primeiro, a culpa é necessária; as pessoas têm que se sentir culpadas. Então, sintam-se culpados, arrependam-se e o messias virá para salvá-los.

Lembro-me de uma pequena escola dominical em uma aldeia. Todas as crianças vão à escola dominical, e o padre as ensina e pergunta, após seu longo sermão sobre as belezas, alegrias, as glórias do céu que os cristãos vão obter... e todas as crianças ficam agitadas, realmente agitadas para entrar rapidamente no ônibus e ir para o céu. Por que perder tempo aqui? Então, no final, ele perguntou:

– Então, digam-me o que é absolutamente necessário para ir para o céu?

Um menino pequeno ergueu a mão.

O padre disse:

– Levante-se e diga-me o que é necessário. A criança disse:

– Cometer pecados. O padre disse:

– O quê!? Eu tenho lhes ensinado a não cometer pecados e você está respondendo que para entrar no céu vocês têm de cometer pecados!

Ele disse:

– Sim. De acordo com o seu sermão eu concluí que a menos que a pessoa cometa pecados ela não será culpada. Se a pessoa não se sente culpada, como vai se arrepender? E se ela não se arrepender, então não tem jeito. Tem que cometer pecados antes. Primeiro a pessoa tem que se sentir culpada, depois se arrepender e o messias vem e a leva para o céu.

Acho que o raciocínio da criança foi absolutamente lógico; o que o menino disse estava absolutamente certo. É assim que as religiões têm orientado: cometam pecados. Se você não pecar, elas vão mostrar que você está cometendo pecados, embora não saiba. Você deve estar fazendo algo – isso é suficiente! Desse algo, pode-se encontrar o pecado. Se não estiver

fazendo absolutamente nada, isso também é suficiente.

Eu estava conversando com um bispo e disse:

– Se uma pessoa simplesmente fica sentada em silêncio, sem fazer nada, pelo menos ela não está cometendo um pecado. O senhor vai admitir isso.

Ele disse:

– Não. Deus nos enviou aqui para fazer algo, algum serviço, tarefa, e ela está sentada sem fazer nada. Esse é um grande pecado.

Eu disse:

– Então todos os monges budistas foram para o inferno, porque é isso que eles ensinam: simplesmente sente-se em silêncio sem fazer nada. Só dessa maneira você vai se tornar consciente.

Quando a pessoa se torna consciente, a consciência simplesmente se desintegra porque ela é um artefato, criado artificialmente pela sociedade. Ela pode ser judia, pode ser católica, pode ser protestante ou qualquer outra coisa; comunista, socialista, fascista, o que for.

A sua consciência brota no silêncio, e brota apenas no silêncio, porque toda a sua energia não vai para nenhum outro lugar, não está envolvida na ação. Então, quando toda a energia não está envolvida na ação, para onde ela deve ir? Ela começa a ser coletada no verdadeiro centro do seu ser, como um pilar, um sólido pilar de energia, que se livra da moralidade e de todas as ideias de pecado e de todas as ideias de culpa. Mas, lembre-se, com isso também desaparecem o messias, o rabino, o padre. Com isso desaparecem Deus, o demônio, o céu, o inferno, toda bobagem que foi ensinada a você, até agora, como sendo religião. Isso não é religião.

Não tenho nenhuma necessidade do conceito de pecado. Em minha comuna não se pode cometer pecado. Há quatro anos, quatro mil pessoas estão vivendo e nenhum pecado foi cometido; você pode imaginar que isso

esteja acontecendo em um mosteiro católico? Quatro mil de vocês vivendo em um mosteiro católico, vinte e quatro horas por dia... pecado e pecado e pecado, e nada mais estará acontecendo. Tudo o que você faça... se deseja fumar um cigarro está cometendo um pecado. Você pode estar apaixonado por uma mulher e está cometendo um pecado. Você pode querer um dia dormir um pouquinho mais e está cometendo um pecado. Você pode adorar ler um livro que o Vaticano colocou em sua lista negra... Meus livros estão na lista negra. Até os livros em que falei sobre Jesus, e falei com tanta consideração que ninguém pode se sentir ofendido, até esses livros!

Por engano, uma editora cristã na Inglaterra, a Sheldon, que é de propriedade de uma associação cristã, publicou meus livros. Primeiro publicaram *A semente de mostarda*, e depois ficaram interessados em mim. Então publicaram outros livros, e as pessoas da Sheldon Press ficaram envolvidas comigo. Elas se esqueceram de que eram parte da associação cristã, que eram propriedade de cristãos, e estavam publicando os livros que o Vaticano havia colocado em sua lista negra! Elas publicaram oito livros. Então ficou claro para elas que houve algum erro. Aí recolheram os oito livros e devolveram todos os direitos autorais.

Todos os anos o Vaticano reúne uma lista dos livros que devem ser lidos e dos livros que não devem ser lidos. Atualmente eles não podem fazer o que costumavam fazer no passado; quando costumavam queimar os livros. No porão do Vaticano, exatamente no porão da Basílica de São Pedro, há uma imensa biblioteca com todos os livros que eles queimaram no passado. Um exemplar eles preservaram, mas milhares... isso significa que eles queimaram milhares de livros, removendo-os completamente de toda a Terra onde quer que fossem encontrados, eram queimados. E quem quer que resistisse a isso era morto ou também queimado junto com os livros.

Na biblioteca do Vaticano não é permitida a entrada de ninguém. Essa biblioteca deveria ser assumida pelas Nações Unidas imediatamente. Ela não é propriedade do Vaticano. E essa biblioteca pode revelar milhares de verdades, invenções, descobertas que os papas ao longo dos séculos impediram de acontecer queimando os livros. Agora eles não podem fazer isso, mas pelo menos podem fazer uma coisa: podem publicar, em segredo, uma lista negra, e podem colocar qualquer livro nessa lista negra; e então nenhum católico terá permissão para lê-lo. Se você o ler, estará cometendo um pecado, um grande pecado – desobedecendo ao papa, que é infalível.

Não vejo a necessidade de nenhum tipo de pecado. Sim, você é um ser humano e irá viver como ser humano, e às vezes pode cometer um erro. Por exemplo, se você está fumando um cigarro, isso pode ser um erro, pode ser uma falha; mas você está prejudicando a si mesmo e não precisa ser castigado no inferno por isso. Você já está se punindo o suficiente. Esse cigarro pode provocar câncer, ou pelo menos reduzir sua vida em alguns anos. O próprio cigarro fará isso, não há necessidade de nenhum demônio chegar e levá-lo para o inferno e lá o queimar. Você está fazendo isso a si mesmo, e pagando por isso. Ninguém tem nada a ver com isso; você vai pagar por isso, e vai queimar a si mesmo, e tudo bem.

Mas se você se tornar consciente, os cigarros vão desaparecer. Então, eu não digo para você não fumar – isso se tornaria um mandamento. Eu digo para se tornar mais consciente. E, na sua consciência, o cigarro desaparece... Ele provavelmente vai desaparecer, porque uma pessoa consciente não pode ser tão estúpida de inalar a fumaça e depois expeli-la, e inalá-la de novo, e expeli-la... envenenando a si mesma, envenenando a atmosfera e pagando por isso, acima de tudo.

Suas ações não são uma preocupação minha; a sua consciência sim.



Se a sua consciência permite que você faça algo, ela está certa – faça-o. Não se preocupe com nenhuma escritura sagrada, com nenhum profeta. E se a sua consciência não permitir que faça algo, então não o faça. Mesmo que Deus diga a você: “Faça-o!”, não vai adiantar, você não pode fazê-lo.

Então não se trata das suas ações. Eu não decido as suas ações. Estou dando a você a chave-mestra, mas não decidindo cada ação simples e isolada, seja ela certa ou errada – essa é uma tarefa impossível.

Eu disse a você que os monges budistas têm trinta e três mil regras. Eis como elas surgiram: eles procuravam Buda com cada questão isolada e lhe perguntavam se ela estava certa ou errada. E ele fazia uma regra dizendo que essa era certa e aquela era errada. Um homem criou trinta e três mil regras! É bom que durante vinte e cinco séculos isso não tenha continuado, porque, do contrário... Você está fazendo milhões de coisas. Não vou me incomodar com cada pequena coisa que você faça.

Minha preocupação é muito fundamental, muito básica: a sua consciência. Não estou preocupado com o que você está fazendo, estou preocupado com seu executor. E quando seu executor está desperto, é impossível fazer qualquer coisa errada. Então, qualquer coisa que você faça está certa. Por isso, se me perguntarem o que está certo, o que está errado, eu direi: tudo o que você fizer conscientemente está certo; qualquer coisa que faça inconscientemente está errada. Mas não estou usando de maneira nenhuma a palavra *pecado*. Mesmo que você esteja fazendo algo errado, é apenas um erro comum, humano, para o qual ninguém precisa inventar o inferno; ninguém precisa inventar o céu, ninguém precisa chegar e redimi-lo e libertá-lo. É você que se permite ser acorrentado pelos outros.

Agora, por favor, lembre-se de uma coisa: os outros podem acorrentá-lo, mas ninguém pode redimi-lo.

Só você pode se redimir, e isso acontece ao impedir que os outros o restrinjam, com correntes cada vez mais pesadas, criando muros cada vez mais altos à sua volta.

Você é seu próprio messias, sua própria salvação.

## 2

# As raízes da corrupção

Você só pode encontrar a verdade quando está absolutamente despido; quando se livrou de todas as suas roupas, de todas as filosofias, todas as teologias, todas as religiões; quando se despojou de tudo o que foi dado a você; quando chega de mãos vazias, não conhecendo nenhum caminho. Quando chega com conhecimento, já chega corrompido. Quando chega com inocência, sabendo que não sabe, então as portas estão abertas – então conseguirá saber. Somente aquela pessoa que não tem conhecimento é capaz de saber.

*Deus existe? Se Deus existe, como pode haver tanto mal e tanta corrupção no mundo?*

Deus é uma palavra mítica, uma palavra sem sentido inventada pelo clero. Na verdade, perguntar se Deus existe é absurdo. Para aqueles que sabem, Deus é existência, ou existência é Deus.

As coisas existem, Deus não. Uma cadeira existe porque sua inexistência é possível. Dizer que a cadeira existe é significativo porque sua não existência é possível. Deus é existência, a própria existência factual. Quando dizemos “Deus existe” criamos algo a partir da palavra *Deus*; então Deus se torna uma coisa. Mas Deus não é uma coisa, e Deus não é uma pessoa. Por isso não se pode torná-lo responsável por nada. A responsabilidade só existe quando há uma personalidade, quando há alguém que pode ser responsável.

Deus não é uma pessoa, ele é pura existência. A palavra é enganosa porque a palavra personifica. É melhor usar a palavra *existência*. A totalidade da existência é Deus.

Então não se pode perguntar se Deus existe. Isso é como perguntar se a existência existe. Colocado dessa maneira, pergunte se a existência existe – a pergunta torna-se absurda. É óbvio que a existência existe; não há dúvida sobre isso. A pergunta não pode sequer existir se não há existência, nem o questionador.

Eu gostaria de deixar claro que quando falo de Deus estou me referindo à existência como tal. Deus não é uma coisa entre outras coisas, Deus é a concretude total. Dizer que a mesa existe é o mesmo que dizer que a mesa é Deus. Dizer que você existe é o mesmo que dizer que você é Deus. Deus é a existência. Deus é a existência factual, a qualidade do factual, a qualidade da existência.

Em primeiro lugar, Deus não é uma coisa. Em segundo lugar, Deus não é uma pessoa porque o total não pode ser uma pessoa. A personalidade é um relacionamento. Sozinho, totalmente só, você não será uma pessoa, você será a própria existência. Por isso aqueles que estão buscando o divino tendem a buscar o isolamento. Dessa maneira, eles podem deixar de ser pessoas e podem se fundir com a existência. A solidão, a solidão absoluta, é um passo na direção do abismo da existência.

Deus não é uma pessoa porque não há nada oposto a ele, nada distinto dele. Deus não pode dizer “eu” porque nenhum outro existe como “tu”. Ele não pode ser relacionado a ninguém. Ele é o todo, e por isso todos os relacionamentos existem nele e não podem existir além dele.

Então, se Deus não é uma pessoa, não há a questão de qualquer responsabilidade. Se o mal existe, ele existe. Ninguém é responsável por ele.

O total não pode ser responsável por ele.

A responsabilidade implica a existência de uma pessoa que pode ser responsável. Uma criança de quatro anos não pode ser levada a um tribunal porque ela ainda não pode ser considerada responsável por qualquer coisa que possa ter feito. Ela é tão inocente que nem o significado de personalidade nem o significado de ego estão ali. Ela não é absolutamente responsável porque a responsabilidade vem acompanhada do ego. A existência não tem nenhum ego – Deus não tem nenhum ego – por isso não se pode responsabilizá-lo por qualquer mal que exista.

Mas a mente humana é muito astuciosa. Primeiro inventamos um Deus personificado – demos a Deus uma personalidade – e depois o tornamos responsável pelo que acontece. Continuamos criando problemas que não são problemas de fato, mas apenas falácias linguísticas. Noventa e nove por cento da filosofia consiste apenas em falácias linguísticas. Se você chamar a totalidade de “existência”, não pode torná-la responsável; mas se a chamar de “Deus”, então pode torná-la responsável – só a palavra mudou.

A existência é não pessoal, impessoal. Mas se Deus se torna uma pessoa, então você pode perguntar: “Por que existe o mal?”. Todo o jogo está sendo jogado apenas por você; Deus não faz parte dele. Quando você dá um nome à existência, um nome pessoal, você cria problemas. Esses problemas não são problemas autênticos; eles são problemas criados, problemas inventados.

Deus significa existência. Não posso dizer que Deus existe, porque isso seria uma tautologia. Seria como dizer: a existência existe, ou a poesia é poesia. Isso não significa nada, não define nada, não esclarece nada, não explica nada; só se repete.

Para mim, Deus é existência, e a existência é impessoal. Não pode ser de outra maneira porque o total não pode ser uma pessoa. Como poderia ser?

Em contraste com quem ele pode ser um indivíduo, uma pessoa? Em contraste com o ego de quem ele pode criar seu próprio ego?

Uma pessoa se torna um ego porque existem outros egos. Os psicólogos dizem que o sentido do ego se desenvolve em uma criança depois do sentido do outro. Primeiro a criança se torna consciente dos outros, depois ela se torna consciente de si mesma. O ego é uma adição posterior.

Uma pessoa não pode ser consciente de si se não existir nenhum outro. Sem o outro a pessoa não pode se definir – sua definição de si mesma vem do outro. Os outros definem a pessoa; eles a tornam única. Conhecendo os outros a pessoa passa a sentir seus próprios limites. Então o que ela é fica claramente definido – definido por outros egos. Se não houvesse nenhum outro, ela jamais seria consciente de si mesma como uma pessoa.

Deus não pode se tornar um ego. Ele não pode dizer “eu” porque não há tu: ele não pode definir a si mesmo. Deus é indefinível porque uma definição significa um traçado de limites, e o total não tem limite nenhum. O total significa aquilo que não tem limites, o infinito.

Não conseguimos conceber o infinito – qualquer coisa concebida pela mente é finita. Mesmo quando pensamos sobre o infinito nós o concebemos como uma finitude maior, nunca como o infinito. Não conseguimos conceber uma existência sem limites, mas não obstante ela é assim. Se conseguimos ou não concebê-la não faz nenhuma diferença. A mente não consegue conceber o indefinível, porque a mente requer definições, limites bem-definidos. Por isso Deus, a existência, não pode ser entendido pela mente.

Deus é o indefinível. Da mesma maneira que usamos o pronome “ele” para uma pessoa, usamos “ele” para nos referirmos a Deus. Mas “ele” não está correto, porque Deus se torna uma pessoa ao ser chamado de “ele”. No entanto, não há outra maneira. Se chamarmos Deus de “isto” pode parecer

melhor, mas como chamamos as coisas de “isto” Deus também se torna uma coisa. Nossa linguagem não pretende expressar o indefinível; então o melhor que podemos fazer é usar “ele”. Mas ele não é de modo algum uma pessoa: ele é uma não pessoa, um não ego. Não se pode torná-lo responsável.

Se dizemos que alguma coisa é ruim – que o mal existe ou existe a carência –, não estamos dizendo isso para ninguém. Nenhuma resposta será dada pelo universo, porque no que se refere à própria existência o mal não existe. O mal depende das nossas atitudes; depende das nossas definições moralistas. Por exemplo, podemos chamar alguém de feio, mas não há feiura na própria existência porque não há beleza. A distinção é humana, não é existencial. Nós criamos a definição; nós definimos uma coisa como beleza e outra coisa como feiura. Nós criamos a distinção e então perguntamos: “Por que Deus criou a feiura?”.

Não há como decidir o que é bom e o que é ruim. Se não houvesse seres humanos na Terra, isso seria uma coisa boa ou ruim? Não existe bom e não bom porque a bondade e a maldade são distinções humanas, distinções mentais. Se não houvesse seres humanos na Terra haveria alguma flor que fosse feia ou alguma flor que fosse bonita? Haveria apenas flores florindo; a distinção não estaria ali.

Nós dissemos “isso é ruim” e “isso é bom”. Mas, por exemplo, se a mãe de Adolf Hitler o tivesse matado durante a sua infância, isso teria sido bom ou ruim? Ela teria sido uma criminosa e teriam de puni-la por isso. Mas agora, olhando para trás, podemos dizer que esse teria sido um ato muito moral: matando o seu filho ela poderia ter salvado milhões e milhões de pessoas.

Ninguém consegue saber o futuro. Para nós, todo ato é um ato incompleto, todo ato é um fragmento. Não conhecemos o todo, e por isso não

podemos julgá-lo.

É como uma página rasgada de um romance – como podemos fazer qualquer julgamento sobre o romance lendo apenas uma página? Não sabemos nada sobre o romance. É apenas um fragmento – não tem início nem fim. Nós diríamos: “Eu gostaria de ler toda a história primeiro. Do contrário, nada pode ser dito a seu respeito. Esta página não é suficiente”.

Palavras como *bom* e *ruim* são apenas recursos, utilitários; elas não são existenciais. Não conseguimos existir sem classificar as coisas como boas ou ruins porque do contrário a sociedade seria impossível.

Isso deve ser claramente entendido. As definições não são verdades definitivas, elas são relativas. Não há um único ato que não possa ser considerado bom em algum contexto. Uma boa ação pode ser ruim em um contexto e uma má ação pode ser boa em outro. Para fazermos qualquer julgamento final temos que conhecer tudo desde o seu princípio até o seu fim – tudo na totalidade da existência. Mas é claro que isso é impossível.

Todas as nossas declarações sobre o bom e o ruim, a beleza e a feiura, não são nada além de regras de trânsito. Nós temos que criá-las, mas elas não são verdades definitivas. “Mantenha-se à esquerda” ou “mantenha-se à direita” – isso não faz diferença. Mas nenhuma sociedade pode fazer ambas: ou temos que nos manter à direita ou temos que nos manter à esquerda. A regra é utilitária; não é natural nem final.

A estrada não está absolutamente preocupada se você deve se manter à direita ou à esquerda, mas o trânsito requer certas regras. Quando há pouco trânsito não precisamos criar nenhuma regra; mas quanto mais confuso é o trânsito, mais regras serão necessárias. Em uma aldeia não há necessidade de regras de trânsito, mas em uma cidade grande as regras são necessárias.

Quando a sociedade se desenvolve de uma maneira mais complexa, é



necessária uma moralidade mais claramente definida; do contrário não conseguiremos viver. Mas essas moralidades, essas concepções do bom e do ruim, são conveniências humanas.

Quando perguntamos como pode haver corrupção se Deus existe, lembre-se: Deus não está de modo algum envolvido nisso. Há razões para a corrupção, mas Deus não é responsável, o total não é responsável. Caso se queira atribuir a responsabilidade a alguém, ela deve ser atribuída a nós. Nós criamos uma sociedade em que a corrupção se tornou necessária porque sua própria base é corrupta.

A menos que modifiquemos a própria base da sociedade, certamente haverá corrupção; a corrupção sempre existiu. As formas mudaram, mas a corrupção permaneceu porque ainda não criamos uma sociedade em que a corrupção seja impossível.

Esta situação é criação nossa; Deus não está absolutamente envolvido nisso. Ela é tão criação humana quanto esta mesa, este sofá, esta casa. Não se pode considerar Deus responsável por esta casa, ou por este aposento ser pequeno e não grande, ou porque esta janela está voltada para o oeste e não para o leste. Nunca perguntamos a Deus: “Por que o senhor colocou esta janela na parede da direita e não na parede da esquerda?”. Isso seria absurdo – sabemos que foi uma pessoa que colocou aquela janela na parede da direita. Deus nunca foi inquirido a esse respeito, ele não tem participação nisso.

Da mesma maneira, podemos perguntar por que a corrupção existe, mas não podemos fazer qualquer referência a Deus. É pertinente perguntar por que a corrupção existe. Mas falar sobre Deus com referência à corrupção não é pertinente. A nossa sociedade foi criada por nós – nós somos os seus arquitetos. E pelo fato de a sua base ser errada, porque a base sobre a qual construímos todas as estruturas da sociedade não é científica, ela é propensa a

ser corrupta.

Este é um problema humano. Nós podemos mudá-la ou podemos prolongá-la – isso depende de nós.

Por exemplo, toda a nossa educação é orientada para a ambição. Toda a nossa sociedade é ambiciosa, e uma sociedade ambiciosa nunca pode ser outra coisa senão corrupta. Se criamos a ambição em todos, nem todos serão capazes de consumá-la. Podemos dizer que qualquer um pode ser presidente, mas só uma pessoa pode ser presidente em uma determinada época. Quando nos ensinam que todos podem ser presidentes, a ambição é criada; se todos podem ser presidentes, então por que nós não podemos ser? Mas como só uma pessoa pode ser presidente, tem início uma corrida desenfreada. Todos os meios serão utilizados – até meios ruins serão utilizados.

A ambição corrompe, a mente ambiciosa tende a ser corrupta. A ambição é a semente da insanidade. Mas toda a nossa educação é orientada para a ambição. O pai diz ao filho: “Torne-se alguém!”. E a febre é criada. Você fica doente. Só uma pessoa pode ser presidente, e milhares de pessoas que serão malsucedidas são inflamadas pela mesma ambição. Então elas não podem ser sãs – elas se tornam insanas. Tamanha é a tensão criada que a pessoa se torna corrupta: ela vai usar quaisquer meios para atingir o seu objetivo.

E isso é contagioso. Se você percebe que outra pessoa está usando meios corruptos, você ficará para trás se não os utilizar. Então, você também tem que usar meios igualmente corruptos. Aí outra pessoa o vê sendo inescrupuloso e, então, ela também tem que ser inescrupulosa. Isso passa a ser uma questão de sobrevivência. Nenhuma outra coisa é possível dentro desse sistema, dessa estrutura. Se olharmos as próprias raízes da sociedade veremos que a corrupção é uma consequência natural do nosso

condicionamento, da nossa educação, da nossa cultura.

A complexidade da nossa estrutura social é tal que aqueles que são bem-sucedidos podem esconder sua corrupção. A corrupção só é vista quando alguém falha. Se a pessoa for bem-sucedida ninguém vai saber que ela tem sido corrupta; o sucesso vai esconder tudo. Ela só tem que obter sucesso e se tornará um pináculo de bondade – irá se tornar tudo o que é bom, puro, inocente. Isso significa que uma pessoa pode obter sucesso da maneira que quiser, mas precisa ser bem-sucedida. Uma vez que você seja bem-sucedido, uma vez que você tenha sucesso, nada do que você possa ter feito é errado.

Isso tem acontecido durante toda a história. Uma pessoa só é um ladrão se for um ladrão barato. Se for um grande ladrão, então se torna um Alexandre o Grande, um herói. Ninguém jamais vê que não há diferença qualitativa entre os dois, que se trata apenas de uma diferença quantitativa. Ninguém vai chamar Alexandre o Grande de um grande ladrão porque a medida da sua bondade é o sucesso: quanto mais bem-sucedida for uma pessoa, melhor ela é. Os meios só são questionados se ela for um fracasso; então ela será chamada de corrupta e tola.

Se esta é a atitude, como será possível criar uma sociedade não corrupta? Pedir a uma pessoa para ser moral nesta situação imoral é pedir algo absurdo. Um indivíduo não pode ser moral em uma sociedade imoral. Se ele tentar ser moral, sua moralidade apenas o tornará egoísta, e o ego é tão imoral e corrupto quanto qualquer outra coisa.

Esta situação é uma criação humana. Nós criamos uma sociedade com uma corrida louca por riqueza, poder, política; continuamos a apoiá-la e depois perguntamos por que existe corrupção. Onde há ambição, a corrupção será a consequência lógica. Não se pode controlar a corrupção a menos que toda a estrutura básica que encoraja a ambição seja destruída.

A ambição se torna manifesta até mesmo em torno daquele que é considerado um santo. Ele irá incitá-lo à ambição em termos de comparação. Ele dirá: “Torne-se melhor do que os outros. Seja bom para poder ir para o céu e ser amado pelo divino, enquanto os outros serão torturados no fogo do inferno”. O veneno da ambição pode ser facilmente usado para tornar uma pessoa boa.

Mas isso não é realmente possível. Uma pessoa pode ser ambiciosa e má – isso é natural, lógico –, mas não pode ser ambiciosa e boa. Isso é impossível. Se uma pessoa quer ser boa, ela não pode pensar em termos de comparação, porque o florescimento da bondade real só aparece quando não há comparação.

A comparação é a barreira, porque a comparação cria ego, cria violência. No momento em que uma pessoa diz “Sou mais humilde do que você”, ela se torna violenta. Ela usou um método sutil e ardiloso de enfiar uma faca no outro; ela o matou. A arma é letal – e muito mais sutil do que as armas políticas ou capitalistas. Se ela diz “Sou melhor do que os outros, sou mais santo que os outros”, o objeto pode ser diferente, mas ela estará na mesma trilha ambiciosa. Os criminosos e os pecadores não são os únicos corruptos; as chamadas boas pessoas, os “santos”, são também corruptos – de uma maneira mais sutil.

Toda a nossa sociedade é corrupta. Ela cria pecadores com ambição e santos com ambição. E eles são interdependentes, porque ambos existem no mesmo eixo: o eixo da ambição. Uma pessoa que entenda isso vai abandonar completamente a sociedade. Não vai ser um pecador nem um santo; não vai se adequar em nenhuma categoria, e as outras pessoas não conseguirão avaliar quem ela é, que tipo de pessoa ela é.

Precisamos de uma sociedade desprovida de ambição.

Deus não está de modo algum envolvido nisso, mas se você for ambicioso até Deus vai se tornar parte da sua ambição. Você irá persegui-lo, tentará alcançar Deus.

Uma pessoa ambiciosa jamais conseguirá alcançar Deus. Ela nunca está relaxada, nunca é amorosa – porque ambição é violência. E uma pessoa que não se sente à vontade, que não é amorosa, que não é calma ou pacífica, jamais poderá saber o que Deus é. Deus não é algo que possa ser conhecido intelectualmente; ele é algo que só consegue ser sentido.

Quando uma pessoa está à vontade, totalmente relaxada, não indo a lugar nenhum – quando a sua mente está tranquila e em paz consigo mesma –, então ela sabe o que é a existência. Então conhece a beleza e a bênção da existência. Não é a beleza em contraste com a feiura; não há contraste e não há comparação. Em vez disso, tudo se torna belo – a própria existência é bela. Então um cacto é tão belo quanto uma rosa. Então a individualidade é bela; é incomparável.

Então, pela primeira vez ela começa a amar. Não é um amor que existe em contraste com o ódio, porque esse tipo de amor nunca pode realmente ser amor; está fadado a ser uma forma diluída de ódio, uma forma não intensa de ódio. É o polo oposto: o amor existe em um polo e o ódio existe no outro polo, e a pessoa vive oscilando entre os dois. Seu ódio significa menos amor. Seu amor significa menos ódio.

Você pode perguntar como alguém pode estar além do ódio e do amor. Você só está além da dualidade do amor e do ódio se não for mais ambicioso, se não for mais tenso, se estiver relaxado – não indo a lugar nenhum, não buscando nada, apenas sendo. Então conhecerá Deus e, simultaneamente, conhecerá o amor. O amor é um subproduto do estar em sintonia com o infinito; ele acontece como se fosse uma sombra, é uma consequência.

Buda jamais buscou o amor; o amor simplesmente chegou até ele. Jesus nunca pensou no amor; ele viveu o amor. A busca do amor não pode ser direta – o amor é um perfume tão sutil que não se pode buscar por ele diretamente. Ele chega como um subproduto do entendimento de que tudo é uma coisa só, um subproduto do entendimento de que Deus existe no seu inimigo e no seu amigo.

No momento em que a pessoa toma consciência de que ela não está separada da existência, de tudo o que existe, que ela é uma parte disso – e não uma parte mecânica, mas uma parte orgânica, assim como uma baleia está organicamente unida ao oceano e está unida a ele o tempo todo, assim como a minha mão está organicamente unida a mim –, então ela consegue conhecer o amor.

A pessoa só se torna consciente disso quando não é ambiciosa. Só uma mente não ambiciosa é religiosa. Não faz diferença qual seja a sua ambição – se é riqueza, poder ou fama, ou mesmo libertação ou Deus – se a pessoa for ambiciosa, isso significa que a sua mente está se movendo para outro lugar, correndo atrás de alguma outra coisa. Sua mente está sempre ocupada em alcançar alguma coisa, nunca está simplesmente sendo o que já é.

Ambição é tensão, e a tensão é a barreira para encontrar o divino. Quando você o encontra, você não existe mais – o encontro o limpa completamente, o encontro o devora completamente. Só então existe o amor. A morte do seu ego é o nascimento do amor.

Normalmente pensamos no amor em contraste com o ódio. Mas aqueles que o conhecem sempre pensam no amor em contraste com o ego. O inimigo real do amor não é o ódio – o inimigo real do amor é o ego. Na verdade, o ódio e o amor, como os conhecemos, são dois lados da mesma moeda.

O amor chega quando você não está presente, quando o ego não está

presente. E o ego não está presente, você não está presente, quando você não é ambicioso. Um momento não ambicioso é um momento de meditação. Em um momento não ambicioso, quando não estamos buscando nada, pedindo nada, rezando por nada; quando estamos totalmente satisfeitos com o que somos, não nos comparando com ninguém mais – nesse momento tocamos o reservatório profundo do divino. Não estamos apenas em contato com ele, estamos profundamente imersos nele; formamos com ele uma unidade.

Então o amor flui. Então você não pode fazer outra coisa; só pode ser amoroso. Então o amor não é o oposto do ódio. Não existe nem o amor como o conhecíamos nem o ódio como o conhecíamos; ambos desapareceram. Agora cresce em nós uma qualidade diferente de amor, em uma dimensão totalmente nova.

Esse amor é um estado da mente, não um relacionamento. Não está relacionado a ninguém; não se trata de uma pessoa amar outra; é antes o fato de que você é amoroso. O outro não existe, o ser amado não existe, você está simplesmente amando qualquer coisa que entre em contato com você. Você é o amor; você vive no amor. Ele se tornou o seu perfume.

O amor está ali, o perfume está ali, mesmo quando a pessoa está sozinha – como uma flor em um caminho solitário. Ninguém passa, mas a flor está ali com seu perfume. Ninguém está ali para vê-la, para desfrutar dela, mas o perfume continua silenciosamente se difundindo, porque não está dirigido a ninguém. O perfume está ali porque essa é a manifestação da natureza mais íntima da flor. A flor é bem-aventurada, e o perfume faz parte da sua natureza. Não há esforço para difundi-lo – ele se expande naturalmente.

Quando o ego não está presente, o amor chega como um perfume – como um florescimento do seu coração. Então ele vai se expandindo. Não é dirigido a ninguém, é absolutamente não direcionado. Quando o amor não é

direcionado, ele se transforma em oração. Quando está direcionado, se degenera em sexo; quando não está direcionado, se eleva em oração.

Deus, amor ou morte não são problemas a serem solucionados – são experiências a serem vivenciadas. Não são perguntas que podem ser respondidas; são indagações que não podem ser asseguradas. Deus não pode de modo algum ser transformado em uma pergunta. Quando perguntas sobre Deus são feitas, elas tendem a ser superficiais. E as respostas serão ainda mais superficiais, porque uma pergunta superficial só pode ser respondida com uma resposta ainda mais superficial.

Deus é uma busca existencial; uma investigação, não uma pergunta. Portanto, não há uma resposta pronta para a pergunta: Deus existe? Aqueles que dão respostas prontas a esta pergunta não sabem absolutamente nada. Não se pode dizer que Deus existe e não se pode dizer que Deus não existe. As duas respostas são irrelevantes, porque nenhuma resposta consegue tocar o verdadeiro problema. As teologias de toda religião tornaram-se superficiais porque elas simplesmente se tornaram especialistas em apresentar respostas prontas. A pessoa pergunta e a resposta é dada. Mas isso tem causado um dano muito sutil no espírito religioso. Essas coisas não podem ser respondidas assim. Não se pode perguntar a alguém: “O que é o amor?”. Não se pode perguntar isso! E se outra pessoa responde, então ela está no mesmo barco que aquela que perguntou – nenhuma das duas sabe.

Nós queremos respostas porque estamos tentando escapar do sofrimento envolvido no processo do amor, no processo que é vida, existência, Deus. Queremos saber que estamos conduzindo navios seguros para não virmos a sofrer. Mas sofrimento é nascimento; através do sofrimento vem o êxtase. Temos que passar pela noite escura da alma para chegarmos ao amanhecer. Não se pode perguntar que amanhecer será esse. Temos que passar pela noite



para conhecê-lo.

Deus é uma busca, não uma pergunta, e uma busca não pode ser respondida. Ela tem que ser vivida; temos que penetrar nela profundamente. Temos que estar comprometidos com ela; temos que nos lançar dentro dela. Esse é o medo: nos lançarmos no desconhecido, no inexplorado.

As pessoas têm medo, por isso sentam-se à margem e fazem perguntas. E, é claro, há sempre pessoas que sentem prazer em respondê-las. Responder a alguém satisfaz o ego; você sabe e o outro não sabe, o outro é ignorante e você é um conhecedor. Então, esse absurdo mútuo prossegue: alguém pergunta e alguém vai responder. Ambos são ignorantes porque o problema não pode ser resolvido na margem. É preciso se lançar em águas desconhecidas, e ninguém consegue penetrar no desconhecido com respostas prontas.

As respostas prontas são uma barreira ao desconhecido. Tem-se que ir para o desconhecido em total insegurança, sem saber nada. Isso é que é necessário – e nada pode ser feito quanto a isso. Saltar para o desconhecido é encontrar a verdade, o êxtase. Quando você encontra o divino isso não é simplesmente uma resposta, é uma transformação: você se une a ele.

Uma pessoa nunca pode se tornar unida a nenhuma resposta; uma resposta sempre permanece separada na memória. Você pode continuar colecionando respostas e as empilhando na mente; então vai conhecer muitas respostas e a pergunta permanece a mesma – e ainda não é respondida.

A pergunta não pode ser respondida assim. Só pode ser respondida mediante uma mutação. Quando você encontra o divino diretamente, de imediato – quando o divino está diante de você e você diante do divino, sem nenhuma barreira –, você encontra o fogo e é transformado. Então você se torna alguém com a chama divina: você e a chama não estão separados.

Então, você nunca pergunta o que é Deus, porque vocês não estão separados. Então você nunca responde à pergunta “O que é Deus?” porque vocês não estão separados.

Aqueles que conheceram permaneceram em silêncio. Eles falaram, mas não deram nenhuma resposta à pergunta; não fizeram nenhuma declaração. Apontaram em determinada direção, mas apontar não significa fazer uma declaração, é apenas um gesto. Porque devido à limitação das palavras, da linguagem – devido às limitações da mente humana, perguntando e respondendo –, eles só podem indicar, só podem apontar em uma determinada direção.

Deus é um encontro vivo, não uma pergunta. E através de Deus vem o amor. Mas só se consegue encontrar Deus quando não se é ambicioso. Despoje-se da sua ambição e você conhecerá.

Não se defina como aqueles que estão atrás, porque ninguém está atrás; ou como aqueles que estão à frente, porque ninguém está à frente. Não se compare com ninguém. Você está só. Só você é como você; ninguém mais é como você. Simplesmente, seja o que você é.

Isso não significa não ser ativo. Seja ativo, mas só por causa de você mesmo, não em comparação com os outros. Floresça por si mesmo, não em comparação com os outros. Com essa atitude, quando a mente estiver completamente imóvel, algo do divino irá encantá-lo; você terá vislumbres.

Quando conhecer o êxtase desses vislumbres, vai conhecer a bobagem, o absurdo e a infelicidade absolutamente desnecessária da ambição. Então por si mesma a mente para. Ela se torna completamente calma, silenciosa, sem nenhuma pretensão. Nesse momento tranquilo ocorre o salto. E após o salto há Deus. Após o salto há o amor – o amor acontece como uma sombra.

*Durante toda a minha vida tentei viver uma vida religiosa,  
então por que ainda assim me sinto infeliz?*

A vida religiosa não pode ser “tentada”. O que quer que você tenha tentado fazer em nome da religião deve ter sido alguma outra coisa. A religião não é um esforço, é uma consciência. Não é uma prática, é uma percepção. Não é um cultivo; não se pode cultivá-la – a vida religiosa não tem nada a ver com caráter.

O caráter pode ser cultivado. O caráter é moral; mesmo uma pessoa não religiosa pode cultivá-lo. Na verdade, as pessoas não religiosas têm mais caráter do que as chamadas religiosas, porque a pessoa religiosa continua acreditando que pode subornar Deus, ou pelo menos o sacerdote de Deus, e que vai encontrar alguma maneira de entrar no paraíso. Mas o não religioso tem que ser responsável por sua vida, responsável por si mesmo. Não existe nenhum Deus, nenhum sacerdote a quem ele deva satisfação; ele só deve satisfação a si mesmo. Ele tem mais caráter.

Religião não tem nada a ver com caráter. Na realidade, a pessoa verdadeiramente religiosa é absolutamente desprovida de caráter. Mas tente entender o que quero dizer com *desprovido de caráter*; isso não quer dizer que a pessoa não tenha caráter; significa que ela tem um caráter fluido. Ela vive cada momento, reagindo a novas situações, a novos desafios, sem respostas prontas.

O chamado homem de caráter tem respostas prontas. Não importa qual seja o desafio, ele continua reagindo segundo as velhas maneiras aprendidas. Por isso ele sempre falha, e essa é a sua infelicidade. Ele nunca está sintonizado com a existência; não pode estar, porque está mais interessado em manter o seu caráter do que em estar em sintonia com a existência. O que

era certo ontem pode não ser certo hoje, e o que é certo neste momento pode não ser certo no momento seguinte. O homem de caráter tem ideias fixas sobre o que é certo e o que é errado; o problema é a sua fixação.

Isso deve mantê-lo infeliz. Ele não é flexível, não pode ser. O chamado homem de caráter é absolutamente inflexível. Ele é como madeira seca. Não é como uma árvore verde que se move com o vento, dança com o vento, se inclina para deixar o vento passar e depois se ergue de novo.

O verdadeiro homem religioso é como uma árvore verde – na verdade, é mais como uma grama verde. É assim que Lao-Tsé define o homem religioso: ele é como a grama. Deixa o vento vir e a grama se inclina, caindo sobre a terra, não luta de maneira alguma com o vento. Por que lutar contra ele? Nós somos parte de uma unidade orgânica; o vento não é nosso inimigo. A grama se inclina; o vento passa e a grama volta a dançar. O vento foi uma ajuda, ele levou embora toda a poeira. A grama está mais verde, mais fresca, desfrutou de todo o jogo com o vento.

Mas uma árvore grande, egoísta, dura, rígida, incapaz de se inclinar, vai cair com o vento forte e não conseguirá se levantar de novo; ela tende a ser infeliz. Um homem de caráter é sempre infeliz. Sua única felicidade é o fato de ele ser um homem de caráter; isso é tudo. E o que o caráter tem a ver com religião? Ele pode comer algo, pode não comer algo; pode beber algo, pode não beber algo; pode fumar, pode não fumar. Essas coisas triviais são consideradas de imenso valor!

E ele pratica isso – o que pretende praticando isso? Deve ser uma repressão – e um homem que se reprime tende a ser infeliz, porque tudo o que ele tem reprimido está lutando dentro dele para vir à tona, para ser poderoso de novo. Mesmo o que ele tem reprimido continua puxando suas cordas do inconsciente. Vai mantê-lo sempre em um estado de conflito, de

tumulto interior; uma guerra civil prossegue dentro dele. Ele vai continuar tenso, ansioso, preocupado e sempre com medo – porque sabe que o inimigo está ali. Ele reprimiu aquilo e o inimigo está tentando a cada momento se vingar. E há um ponto além do qual ele não pode mais reprimir aquilo porque não pode mais contê-lo; há um limite para tudo. Então, tudo o que ele reprimiu explode, como pus saindo de dentro dele. Isso é o que nos tem sido dito ser o estado de um homem religioso – esse caráter repressivo.

Minha abordagem é totalmente diferente. Eu não digo que você pode praticar religião e não digo que a religião tem alguma coisa a ver com essa ideologia medíocre, moralista, puritana.

Um mendigo barbudo, olhos vermelhos e com alguns dentes faltando, pediu uma esmola para Hogan. O irlandês perguntou:

– Você bebe, fuma ou joga?

– Senhor – disse o mendigo. – Eu não bebo, não fumo nem ligo para o maldito jogo.

– Muito bem – disse Hogan. – Se você me acompanhar até minha casa, darei um dólar a você.

Quando entraram na casa, a Sra. Hogan chamou seu marido de lado e lhe sussurrou:

– Como você se atreve a trazer esse espécime de péssima aparência à nossa casa?

– Querida – disse Hogan, – eu só queria que você visse como é um homem que não bebe, não fuma e não joga.

Essas pessoas não são pessoas religiosas.

Você disse: “Durante toda a minha vida tenho tentado viver uma vida religiosa”. Você desperdiçou a sua vida! Não a desperdice mais. A religião não é algo a ser tentado. O que você sabe sobre religião?

Exceto na meditação profunda, a pessoa nunca encontra a religião. Ela

não está escrita no Gita e não está escrita no Alcorão. Não está escrita em parte alguma, porque não pode ser escrita. O que está escrito é a moralidade. O que está escrito é: “Você deve fazer isso, você não deve fazer aquilo” – “deves” e “não deves”. A religião não tem nada a ver com tudo isso.

A religião é basicamente a ciência de criação de consciência na pessoa. Torná-la mais meditativa, torná-la mais consciente. Dessa consciência nasce um caráter muito flexível, espontâneo, que muda todos os dias dependendo da situação, que não está ligado ao passado, que não é como algo pronto. Ao contrário, é uma responsabilidade – uma capacidade de se responder à realidade momento a momento. É como um espelho; reflete qualquer coisa que ocorra, e, desse reflexo, nasce a ação. Essa ação é a ação religiosa.

Você não sabe nada sobre religião. Como pode praticá-la? E você diz: “Por que ainda assim me sinto tão infeliz?”.

O que quer que tenha praticado, você deve ter praticado com ambição, visando atingir algo. Deve estar esperando que uma grande felicidade chova sobre você, que Deus vá recompensá-lo, que você se torne o homem mais rico do mundo ou o presidente de um país, ou se torne muito famoso, ou um grande santo, algo assim. Você não amou a religião, você usa a religião como um meio para atingir algum outro fim; do contrário, essa pergunta jamais surgiria. Uma pessoa religiosa não pode dizer: “Por que ainda assim me sinto tão infeliz?” porque ela sabe: “Se eu sou infeliz, significa que eu não sou religioso”.

A infelicidade é um subproduto de ser inconsciente. Se você for consciente, a infelicidade desaparece. Não que ela seja uma recompensa, é apenas um simples resultado do discernimento. Traga uma luz, uma lâmpada, para dentro de casa e a escuridão desaparece. Ela não é uma recompensa de Deus – não quer dizer que ele viu que você trouxe a luz e que agora você tem

de ser recompensado e a escuridão tem de ser removida. Não, esta é a lei natural: *aes dhammo sanantano* – esta é a lei eterna. Traga a luz e a escuridão desaparece, porque a escuridão não tem existência própria; ela é apenas ausência de luz.

A infelicidade é a ausência de discernimento. Portanto, é impossível ser consciente e infeliz; ninguém jamais conseguiu isso até agora. Se você consegue, está fazendo algo histórico, algo de que jamais se ouviu falar, algo incompreensível. Você estará realizando um milagre que nenhum Buda jamais conseguiu fazer. Você tampouco pode fazê-lo; é impossível, não está na natureza das coisas. Como você pode manter a escuridão com a luz brilhando em sua sala? Você pode manter a escuridão, mas terá de tirar a luz; você não pode manter as duas juntas, nenhuma coexistência é possível.

Se você é infeliz, isso simplesmente mostra que não entendeu o que é a religião, e esteve experimentando alguma outra coisa em nome da religião. Esteve tentando ser um moralista, um puritano. Esteve tentando criar um caráter. Por quê? Porque o caráter é elogiado, porque a sociedade respeita o caráter. É uma viagem do ego – muito sutil, mas de qualquer modo uma viagem do ego. E o ego gera infelicidade.

Seus chamados santos são todos infelizes. Eu tive contato com milhares dos seus santos – hinduístas, jainistas, budistas, muçulmanos, cristãos –, e todos eles são infelizes. Estão todos esperando ser recompensados após a morte. A verdadeira religião é instantânea; nela você se torna consciente e a infelicidade imediatamente desaparece. Você não precisa esperar pela outra vida; não precisa sequer esperar o amanhã.

Foi isso que Buda quis dizer quando falou: “Seja rápido ao fazer o bem”. O maior bem é estar consciente – porque todos os outros bens nascem daí. Estar consciente é a fonte de toda bondade, de toda virtude.

*Um Buda ou Cristo podem ser criados, podem evoluir a partir de um ser humano comum? Ou somente Buda ou Cristo nasceram assim? Toda pessoa é um Buda, toda pessoa é um Cristo – eu sinto que isso não é verdade.*

Buda ou Cristo não podem ser criados porque o buda é sua natureza intrínseca. Ele não necessita ser criado. Tampouco tem que evoluir; ele já está aí, já existe. Só tem que ser revelado, tem que ser descoberto.

O tesouro está aí; você tem que encontrar a chave para destrancar a porta. O tesouro não tem que ser criado, não tem que ser desenvolvido; você só tem que encontrar a chave certa. Você se esqueceu da chave – a chave também está com você. Deus o provê de tudo o que é necessário para a jornada; você chega absolutamente preparado. Mas a sociedade perturba toda criança, distorce toda criança, porque um Buda ou um Cristo são inúteis para a sociedade; eles não servem a nenhum propósito utilitário.

O que você pode fazer com um buda? A que propósito ele vai servir? Ele será uma bela flor, mas as flores não servem a nenhum propósito. As flores têm que ser desfrutadas, apreciadas, amadas. Você pode dançar em torno delas, pode beber a sua beleza, mas elas não são produtos de conveniência no mercado. O que você pode fazer com a lua cheia? Não pode vendê-la, não pode comprá-la, não pode obter lucro com ela. Você não pode ter uma conta bancária maior por causa da lua cheia.

Sim, se você olhar para as massas, isso não parece ser verdade. Se fosse verdade haveria muitos budas, mas raramente se ouve falar num buda. Só sabemos que em algum lugar, vinte e cinco séculos atrás, certo Sidarta



Gautama se tornou Buda. Quem sabe se isso é verdade ou não? Pode ser apenas um mito, uma bela história, um consolo, um ópio para as massas, para mantê-las esperando que um dia elas também se tornem budas. Quem sabe se Buda é uma realidade histórica?

E tantas histórias foram criadas em torno de Buda que ele parece mais uma figura mitológica do que uma realidade. Quando ele se torna iluminado, os deuses vêm do céu, tocam uma bela música e dançam em torno dele. Então, como isso pode ser uma história? Chovem flores do céu sobre ele – flores de ouro e prata, flores de diamantes e esmeraldas. Quem pode acreditar que isso seja uma realidade histórica?

Na verdade, eu concordo que isso tudo não parece ser verdade. Isso é poesia. Mas simboliza algo histórico, porque algo tão singular aconteceu em Buda que não há outra maneira para descrevê-lo senão transformá-lo em poesia. Flores reais não choveram sobre Buda, mas quando alguém se torna iluminado toda a existência se rejubila – porque não estamos separados dela.

Quando alguém tem uma dor de cabeça todo o seu corpo sofre, e quando a dor de cabeça desaparece todo o seu corpo fica bem, sente um bem-estar. Não estamos separados da existência. E até que alguém se torne um Buda, ele é uma dor de cabeça – uma dor de cabeça para si mesmo, uma dor de cabeça para os outros, uma dor de cabeça para toda a existência. Ele é um espinho na carne da existência. Quando a dor de cabeça desaparece, quando o espinho se torna uma flor, quando um homem se torna um Buda, uma grande dor que ele estava criando para si e para os outros desaparece.

Certamente – eu atesto isso, sou uma testemunha disso – certamente toda a existência se rejubila, dança, canta. Como dizê-lo? Isso não é visível; não se pode tirar fotografias disso. Daí a poesia; daí essas metáforas, símbolos, analogias.

Diz-se que quando Buda nasceu sua mãe imediatamente morreu. Este pode não ser um fato histórico, mas pode ser. Minha sensação é de que esse não é um fato histórico – porque se diz que sempre que um Buda nasce sua mãe imediatamente morre. Isso não é verdade. Tem havido muitos Budas – a mãe de Jesus não morreu, a mãe de Mahavira não morreu, a mãe de Krishna não morreu. Talvez a mãe de Sidarta Gautama tenha morrido, mas não se pode dizer que sempre que um Buda nasce sua mãe morre, não historicamente.

Mas eu sei que isso tem um significado intrínseco que não é histórico. Por “a mãe” não se quer dizer realmente a mãe; por “a mãe” se quer dizer todo o seu passado. Você renasce quando se torna um Buda; todo o seu passado funciona como um útero, a mãe. E no momento em que um Buda nasce, no momento em que ele se torna iluminado, todo o seu passado morre. Essa morte é necessária.

E isso é absolutamente verdadeiro. Aconteceu com Mahavira, com Krishna, com Jesus; aconteceu sempre. Diz-se que sempre que um Buda nasce a mãe morre. As pessoas têm que ser muito receptivas para entender essas coisas.

Eu posso entender que é difícil, olhando para a maior parte da humanidade, enxergar que haja qualquer possibilidade de cada ser humano se tornar um Cristo ou um Buda. Olhando para uma semente, alguém consegue acreditar que um dia ela vai se tornar uma flor de lótus? Só de observar a semente, dissecar a semente, alguém será capaz de inferir, concluir, que cada semente vai se tornar uma flor de lótus? Ali não parece haver nenhum relacionamento. A semente não se parece com nada, e quando ela é dissecada não se encontra nada dentro dela, apenas o vazio. No entanto, cada semente carrega uma flor de lótus dentro de si – e cada ser humano carrega o Buda

dentro de si.

Você me pergunta: “Buda ou Cristo podem ser criados ou podem evoluir a partir de um ser humano...?”.

Não, eles não podem ser criados nem podem evoluir: eles têm que ser descobertos, têm que ser revelados. Eles já estão aí. As pessoas precisam apenas atingir seu âmago mais profundo e então encontrarão o santuário de Buda, encontrarão Cristo. Cristo e Buda significam a mesma coisa: o estado definitivo da consciência.

E você diz: “... a partir de um ser humano comum?”.

Nunca me deparei com nenhum ser humano comum. Estive com milhares de pessoas, olhei a fundo para milhares de pessoas diferentes, mas nunca encontrei um homem comum, ordinário. Todo ser humano é único, extraordinário, incomum, excepcional. Deus nunca cria seres humanos comuns, Deus cria apenas consciências únicas.

Abandone essa ideia de um “ser humano comum”. Isso é um insulto à humanidade.

E você diz: “Ou somente Buda ou Cristo nasceram assim?”.

Não. Ninguém nasce assim. Todos nós nascemos da mesma maneira. Esse também é mais um truque da mente para evitar o crescimento. Está estabelecido que um Buda nasce como um buda, e que Cristo é o único filho gerado por Deus, e que Krishna é uma reencarnação de Deus. Esta é uma bela estratégia a ser evitada: “Então o que podemos fazer? Se não somos budas não é culpa nossa – não nascemos assim. E se Buda é um buda, está certo. Ele nasceu um buda! Nenhum crédito para ele; ele não fez nada especial. Se todos nascêssemos como Buda também seríamos budas. Mas nascemos como seres humanos comuns!”.

Essa é uma estratégia. A mente é muito astuciosa, e sua astúcia é sutil:

cuidado com ela. Ninguém nasce como um Buda, mas todos trazem o potencial para ser um Buda. E não diga: “Eu sinto que isso não é verdade” – porque como você pode achar isso a menos que tenha se tornado um Buda? Você só pode inferir, só pode pensar, mas não pode sentir.

Ouçame! Eu sinto que todos podem se tornar um Buda. E sinto isso porque eu também era um ser humano comum... e então, de repente, essa explosão, então, de repente, essa luz, então, de repente, esse estado meditativo floresceu. Você também pode se tornar um buda; é seu direito nato. Não se deixe enganar por sua mente – permaneça alerta, perceptivo.

# 3

## Lutando com sombras

A moralidade é apenas um subproduto da consciência, e a imoralidade é uma sombra da inconsciência. Não estou interessado em sombras e em subprodutos; estou interessado no fundamental, no essencial. Seja consciente e você será bom; seja inconsciente e você será mau.

*Você fala de percepção e consciência e parece estar dizendo que isso é tudo o que é necessário para guiar as ações de uma pessoa. Quer dizer, então, que o assassinato, o estupro e o roubo só são errados quando cometidos sem percepção, sem consciência?*

Sim – o único pecado é a ausência de consciência, e a única virtude é a consciência. Aquilo que pode ser feito com ausência de consciência é pecado. Aquilo que só pode ser feito mediante a consciência é virtude. É impossível alguém assassinar se for consciente; é impossível alguém ser de algum modo violento se for consciente. É impossível estuprar, roubar, torturar – essas são impossibilidades se a consciência está presente. Só quando a ausência de consciência prevalece é que, na escuridão da inconsciência, todos os tipos de inimigos entram em você.

Buda disse: se a luz está presente em uma casa, os ladrões a evitam; e se a sentinela está desperta, os ladrões nem mesmo tentarão entrar. E se as pessoas estiverem andando e conversando lá dentro, e a casa ainda não caiu

no sono, não há possibilidade de os ladrões entrarem e nem sequer pensarem nisso.

Exatamente a mesma coisa acontece com uma pessoa. Ela está em uma casa sem nenhuma luz. O estado comum do homem é aquele do funcionamento mecânico, *Homo mechanicus*. Ele só é um ser humano no nome; de resto ele é apenas uma máquina treinada, aprimorada, e qualquer coisa que ele faça será errada. Lembre-se de que estou dizendo *qualquer coisa* que ele faça: nem mesmo suas virtudes serão virtudes se ele não for consciente. Como ele pode ser virtuoso se não for consciente? Atrás da sua virtude estará um grande, um enorme ego – isso obrigatoriamente acontecerá. Até mesmo a sua santidade – praticada, cultivada com grande trabalho e esforço – será inútil, porque não trará simplicidade e não trará humildade. Não trará essa grande experiência do divino, que só acontece quando o ego desaparece. Ele viverá uma vida respeitável como um santo, mas será tão comum como todos os demais – interiormente apodrecido, interiormente vivendo uma existência sem significado. Não será vida, será apenas um estado vegetativo. Seus pecados serão pecados; suas virtudes também serão pecados. Sua imoralidade será imoralidade; sua moralidade também será imoralidade.

Eu não ensino moralidade, e tampouco ensino a virtude, porque sei que sem a consciência elas são apenas pretensões, hipocrisias. Elas o tornam falso. Elas não o libertam – não podem libertá-lo. Ao contrário, elas o aprisionam.

Só uma coisa é suficiente: a consciência é uma chave mestra. Ela abre todas as fechaduras da existência. Consciência significa viver cada momento, alerta, consciente de si e consciente de tudo o que está acontecendo à sua volta, em uma resposta a cada momento. Você é como um espelho, você

reflete. E reflete tão totalmente que qualquer ato que nasça desse reflexo é certo, porque ele é perfeito, ele é harmonioso com a existência. Ele não surge realmente em você, você não é o agente. Ele surge no contexto total: a situação, você e tudo o que está envolvido nela. O ato nasce dessa totalidade – não nasce de você. Você não decidiu realizá-lo dessa maneira; a decisão não é sua, o pensamento não é seu, o caráter não é seu. Você não o está fazendo, está apenas permitindo que ele aconteça.

É como uma pessoa que está caminhando bem cedo, antes de o sol nascer, e encontra uma cobra no caminho. Não há tempo para pensar – ela só pode agir. Não há tempo para decidir o que fazer e o que não fazer. Ela *imediatamente* pula! Lembre-se da palavra *imediato* – nem um único momento é perdido. Ela imediatamente pula para fora do caminho. Mais tarde ela se senta debaixo de uma árvore e pensa a respeito daquilo – o que aconteceu, como fez aquilo, e pode se parabenizar porque agiu certo. Mas na verdade não foi ela quem fez aquilo – aquilo aconteceu, aconteceu devido ao contexto geral. Ela, a cobra, o perigo da morte, o esforço da vida para se proteger... e mil e uma outras coisas estavam ali envolvidas. A situação total causou o ato. A pessoa foi apenas um meio. Aquele ato foi perfeito. Ela não foi o agente dele. À maneira religiosa, podemos dizer que Deus agiu através dela. Essa é apenas uma maneira religiosa de falar, apenas isso. O todo agiu através da parte – isso é virtude. Ela nunca se arrependerá disso.

E esse é realmente um ato libertador. Uma vez ocorrido, terminou. A pessoa está novamente livre para agir; ela não carregará essa ação em sua cabeça. A ação não se tornará parte da sua memória psicológica; ela não deixará nela nenhuma ferida. Foi tão espontânea que não deixará nenhum vestígio.

Esse ato nunca se tornará um *carma*. Esse ato nunca deixará nela nenhum

arranhão. O ato que se torna um carma é aquele que não é realmente um ato, mas uma reação que vem do passado, da memória, do pensamento. A pessoa toma a decisão, ela realiza uma escolha. Isso não vem da consciência, mas da ausência de consciência. Então, é tudo pecado.

Para mim, a consciência é tudo. Eu ensino a consciência..

No momento em que nos tornamos conscientes, não é apenas a nossa vida que é transformada. Nós imediatamente começamos a funcionar de uma nova maneira, começamos a ajudar os outros a se transformarem. Porque quando virmos a luz da consciência, quando sairmos da caverna da mente inconsciente, ficaremos surpresos ao ver que qualquer coisa que sabíamos antes não era real – eram apenas sombras do real. Nós sonhávamos com o real. E quando vemos a luz, queremos compartilhá-la. Gostaríamos de voltar à caverna e libertar outros prisioneiros. É isso que todos os grandes mestres ao longo do tempo vêm fazendo. Foi isso que Pitágoras fez. Ele se libertou, saiu da caverna.

De início ficamos confusos. De início sentimos nossos olhos doendo – essa é a dor do crescimento. Na primeira vez que acontece surge o desejo, um grande desejo, de voltar para a escuridão – porque nos acostumamos com a escuridão. Ela era reconfortante. Mas quando enxergamos até mesmo um pouquinho da realidade não conseguimos voltar atrás; cruzamos o ponto do não retorno. Teremos que nos acostumar a viver na luz. Teremos que aprender como absorver luz. E a realidade é tão extasiante! E a partir da experiência do real a vida se torna religiosa. A partir da experiência do real, não conseguimos mais agir à maneira antiga.

Sei por que esta pergunta surgiu – porque você tentou não sentir raiva, decidiu isso muitas vezes, mas ainda acontece. Você tentou não ser ganancioso, mas repetidas vezes caiu na armadilha. Tentou todos os tipos de



coisas para se modificar, mas nada precisa funcionar. Você continuava o mesmo. E aqui estou eu dizendo que há uma chave simples – a consciência. Você não consegue acreditar. Como a consciência, quando nada mais além da consciência pode ajudar? As chaves são sempre pequenas; as chaves nunca são coisas muito grandes. Uma pequena chave pode abrir uma enorme fechadura.

Por que a consciência funciona como uma chave?

A pessoa que está vivendo em um sonho está profundamente adormecida, tem um pesadelo, está sendo torturada, está sendo morta. E é claro que está lutando, revidando; está com muito medo, quer que alguém a salve e não encontra maneira de escapar. Tudo à sua volta são inimigos com espadas desembainhadas. A morte parece certa. Tremendo, transpirando, devido ao sofrimento do pesadelo, ela acorda. Sua respiração ainda não é normal, ela ainda está transpirando, tremendo, mas começa a rir. Não há problema... o pesadelo desapareceu. Todos aqueles inimigos e as espadas desembainhadas não eram reais. Ela não precisa pedir para ser salva; não precisa arranjar nenhuma defesa. Tudo aquilo foi apenas um mundo de sombras. Quando ela acordou, tudo aquilo desapareceu. Mas no pesadelo ela tentou de todas as maneiras possíveis se proteger, o que achava impossível. É isso que acontece com você, com todo mundo.

A raiva é uma sombra. Não se consegue ser vitorioso lutando com uma sombra. A ganância é uma sombra. Estas não são realidades – a realidade é que aquilo que vai permanecer mesmo quando a consciência tiver acontecido. E este é o milagre: aqueles que conheceram a consciência não conheceram nenhuma raiva ou ganância. Não que as tenham abandonado; eles simplesmente não as encontram! Quando a luz está presente, a escuridão está ausente.

Quando Buda se tornou iluminado, no primeiro momento da sua iluminação, consta que ele sorriu e disse: “Isto é inacreditável! – então eu estava iluminado desde o início!? E todas aquelas cadeias e todas aquelas prisões eram apenas sonhos?”.

Quando as pessoas lhe perguntavam, “o que devemos fazer para não sentir raiva”, ou “o que devemos fazer para não ser ambiciosos”, ou, ainda, “o que devemos fazer para não ficar obcecados por sexo ou por comida?”, sua resposta era sempre a mesma: Fiquem conscientes. Tragam a consciência para a sua vida.

Seu discípulo, Ananda, escutando repetidas vezes todo tipo de pessoa – diferentes problemas, mas a prescrição do médico permanecendo a mesma –, ficou confuso. Ele perguntou:

– O que há com o senhor? As pessoas lhe trazem diferentes tipos de doenças – uma lhe traz a ganância, outra lhe traz a questão do sexo, outra, questão com comida, e outra, alguma outra coisa – mas sua prescrição continua sendo a mesma!

Buda disse:

– Suas doenças são diferentes apenas porque as pessoas podem sonhar sonhos diferentes.

Vocês estão aqui. Se todos vocês, todas as duas mil pessoas que estão aqui neste auditório caírem no sono, vocês terão dois mil sonhos. Lembrem-se de que vocês não podem convidar ninguém para compartilhar o seu sonho – ele é muito privado – nem mesmo sua esposa ou seu marido, ninguém pode compartilhá-lo. Então, duas mil pessoas terão dois mil sonhos. Mas se vocês vierem a mim e me perguntarem como se livrar desse sonho, o remédio vai continuar o mesmo: Acordem! Ele não vai ser diferente; a prescrição será a mesma. Vocês podem chamá-la de consciência, podem chamá-la de

testemunho, podem chamá-la de recordação, podem chamá-la de meditação – são nomes diferentes para o mesmo remédio.

Aja com mais percepção.

Havia um homem viajando de trem do trabalho para casa. Logo após sua partida ele caiu no sono, embalado pelo movimento do trem. Em algum lugar entre as estações, o trem de repente parou devido a um sinal vermelho de emergência.

O homem, acordando de repente, achou que o trem havia chegado ao seu destino. Imediatamente se preparou para sair pela porta e caiu direto no trilho! Muito assustado e machucado, foi ajudado pelos outros passageiros a voltar para o vagão.

Limpando-se da poeira, reajeitando sua gravata e esfregando o nariz sangrando, ele exclamou: “Como fui idiota em sair do lado errado!”. Então se encaminhou para sair pela porta oposta e saltou na frente do trem que se aproximava!

O único problema do homem é que ele adormece depressa – com os olhos abertos! Por isso vocês não têm sequer a percepção de que não estão conscientes. Seus olhos estão abertos e vocês estão sonhando – mil e um sonhos, mil e um desejos. Vocês não estão aqui agora – esse é o significado de não estarem conscientes. Vocês estão no passado, nas lembranças – isso é um sonho. Ou estão no futuro, na imaginação – isso é um sonho.

Estejam agora, aqui!

Se o passado estiver aqui, vocês não estarão perceptivos. Se o futuro estiver aqui, vocês não estarão perceptivos. Percepção significa a presença no presente. Simplesmente estarem aqui neste momento. Se um único pensamento passar dentro de vocês significa que vocês não estão perceptivos. Estar em um processo de pensamento é estar dormindo. Não estar em um processo de pensamento é estar acordado.

E nessa pureza cristalina de estar aqui, de estar agora... como você pode cometer algum pecado? Nessa claridade, o ego desaparece – e é o ego que traz todos os tipos de problemas na vida. O ego é violento. E se você tentar se tornar humilde, pode se tornar humilde, mas o ego permanecerá ali, escondido atrás da sua humildade. A menos que se torne consciente, o ego continuará jogando novos jogos. Os jogos mudarão; você pode se mover de uma cela de prisão para outra cela de prisão – isso é tudo –, mas não sairá da prisão.

A única maneira de sair da prisão é estar totalmente alerta. Nesse estado de alerta você se torna cristalizado, nesse estado de alerta você se torna centrado. Essa própria centralização o leva para o próprio centro da realidade. E essa experiência é tão jubilosa que você não pode mais permanecer um ladrão – porque tudo de que você precisa, tudo o que sempre desejou, está preenchido. Na verdade, você nunca pediu tanto quanto está chovendo sobre você espontaneamente. Quem gostaria de ser um ladrão? Para quê?

Quem gostaria de ser um assassino? Para quê? Você nem sequer imagina matar, porque agora sabe que nada pode ser assassinado – tudo é eterno. É um esforço inútil. Você não pode matar nada. No máximo pode tirar as indumentárias, mas o ser interno continua. Uma vez que você viu seu próprio ser interior, à luz da consciência você viu a essência de tudo. Isso é eternidade. A morte é uma falsidade. A morte só acontece nos sonhos, não na verdade, não na realidade.

Como alguém pode estuprar quando está consciente? A consciência traz um enorme amor em seu despertar, e uma pessoa amorosa não estupraria. O estupro só é possível quando a pessoa nunca conheceu nada do amor. E, lembre-se, as pessoas que são estupradoras não são as únicas que estupram: vocês podem ser bons maridos e boas esposas, casados legalmente e tudo o

mais, e o relacionamento de vocês pode não ser nada além de um estupro. Se vocês não estão conscientes não podem fazer outra coisa; seu relacionamento permanecerá aquele de um estuprador. Vocês podem estar estuprando de uma maneira legal, autorizada, sancionada pela sociedade, mas isso não importa. Se sua esposa está fazendo amor com você porque é seu dever fazer amor com o marido sempre que o marido quiser, isso é estupro. Se ela não está realmente presente no ato, isso é estupro. Ela está simplesmente cumprindo os deveres de uma esposa. Se você estiver fazendo amor com sua mulher e não estiver totalmente presente naquele momento, isso é estupro. A mulher o está estuprando; você a está estuprando. O amor só é amor quando é meditativo. O amor só é amor quando há uma grande percepção de ambos os lados. Dois *agoras* se encontram, dois *aquis* se encontram, duas presenças se unem, fundindo-se uma na outra – então isso é amor, e então esse amor tem uma qualidade espiritual.

Mas você aprendeu a viver sem percepção. Você sabe como se mover sem consciência; você conhece as portas da sua casa, os quartos, e adquiriu todos os tipos de habilidades... Você pode dirigir seu carro até o trabalho e dirigir de volta para casa, e não há necessidade de estar consciente. Você pode continuar fazendo essas coisas mecanicamente.

Todos os pecados surgem dessa mecanicidade. Sua vida se torna um inferno. O inferno simplesmente significa não estar no presente, e o paraíso significa apenas estar no presente.

Um jovem garoto de fazenda do Arkansas foi enviado por seu pai a Nova York para aprender a realizar negócios sob a tutela do grande Frank E. Campbell.

Alguns meses mais tarde, o pai visitou seu filho na cidade grande.

– Diga-me – disse ele, – você tem aprendido muita coisa?

– Claro, papai – disse o filho. – Tenho aprendido muito. E tem sido bem interessante.

– Qual foi a coisa mais interessante que você aprendeu? O filho pensou por um momento e depois disse:

– Bem, nós tivemos uma experiência fantástica que me ensinou uma lição.

– E qual foi?

– Bem – disse o filho, – um dia recebemos um telefonema do Hotel Taft. Parece que a arrumadeira checkou um dos quartos e descobriu que um homem e uma mulher haviam morrido durante o sono na cama, e completamente nus.

– Uau! – exclamou o pai. – E o que o Sr. Campbell fez?

– Bem, ele colocou seu *smoking* e me fez vestir o meu. Então fomos levados em uma das suas limusines ao Hotel Taft. O gerente nos levou até um funcionário que nos deu o número do quarto. Então o gerente subiu conosco no elevador. Estávamos em silêncio porque o Sr. Campbell costuma ser respeitoso em tudo que faz.

– Que maravilha! – exclamou o pai. – E então, o que aconteceu?

– Bem, nós entramos no quarto. O Sr. Campbell empurrou a porta com sua bengala de castão de ouro. Ele, o gerente e eu entramos em silêncio. Certamente, ali na cama estava aquele casal nu, os dois deitados de costas.

– E aí o que aconteceu? – perguntou o pai.

– Bem, o Sr. Campbell enxergou um problema imediato. O homem estava com uma grande ereção.

– E então o que aconteceu? – perguntou o pai.

– O Sr. Campbell, como sempre, assumiu a situação. Ele balançou sua bengala com castão de ouro e muito elegantemente deu uma pancada no pênis do homem.

– E então o que aconteceu? – perguntou o pai.

– Bem, papai – disse o filho, – virou um inferno. Sabe, nós entramos no quarto errado!

E assim sucessivamente. Vocês estão no quarto errado – vocês estão

sempre no quarto errado; ausência de consciência é o nome do quarto errado. E o que quer que estejam fazendo – de bom ou de ruim, respeitável ou não respeitável – é tudo igual na análise final porque vocês estão no quarto errado, e no quarto errado vocês não conseguem fazer nada certo. Vocês podem se tornar santos no quarto errado, mas permanecerão exatamente no mesmo quarto que o pecador. Podem se tornar muito morais. Podem não ser ladrões, podem não ser estupradores e podem não ser assassinos, mas o quarto é errado, e o que quer que sejam, não podem estar certos.

Todo o seu estado mental tem que ser transformado – e esse é o significado da percepção. Você está no passado ou no futuro; isso significa que está na mente. A mente é o nome do quarto errado. Saia da mente! Fique no presente... porque, quando está no presente, você não é parte da mente. Então cada ato tem uma enorme clareza, porque você é um espelho. E não há poeira no espelho porque não há nenhum pensamento acontecendo.

Isso é tudo o que eu ensino aqui: como ser perceptivo, como estar consciente – como estar, e sem pensamentos. E então a vida espontaneamente começa a mudar. Não ensino a não violência. A não violência tem sido ensinada no decorrer dos séculos na Índia e, de modo algum, as pessoas deixam de ser violentas. Na verdade, é difícil encontrar em qualquer lugar pessoas mais violentas do que na Índia. Todos os dias, de todas as maneiras possíveis, ocorre violência – qualquer desculpa é suficiente, e ônibus são queimados e pessoas são assassinadas, e a polícia tem que abrir fogo contra o povo. Todos os dias! Estão todos sentados sobre vulcões – qualquer desculpa, qualquer pequena desculpa desencadeia a violência. E então ela vai sendo disseminada como um incêndio descontrolado.

Sempre que há um conflito entre hinduístas e muçulmanos, pode-se ver as faces reais das pessoas desse país – assassinas. E no dia anterior o hinduísta

estava rezando no templo e o muçulmano estava rezando na mesquita, e um estava lendo os Vedas e o outro estava lendo o Alcorão, e eles pareciam muitos religiosos. Mas é só haver um tumulto e toda aquela religiosidade simplesmente evapora como se nunca tivesse estado ali, e eles estão prontos para matar, estuprar... estão prontos para fazer qualquer coisa! Essa violência irrompe repetidamente na Índia devido ao ensinamento, um ensinamento errado, que é baseado na repressão. Sempre que se reprime algo, aquilo virá à tona repetidas vezes. Eu ensino consciência, não repressão. Por isso não falo sobre a não violência. Não digo: “Não sejam violentos”. Só digo: “Seja perceptivo, seja consciente!”. O que quer que você esteja fazendo, faça com tal cuidado, com tal compenetração, que você esteja totalmente ali, naquilo, envolvido; não fique apenas fazendo gestos vazios. Sua presença deve estar ali – e essa própria presença produz uma mudança alquímica. Você nunca reprimirá, nunca se sentará sobre um vulcão. E quanto mais você se tornar consciente, mais a sua vida vai atingir o silêncio, a paz, o amor. Eles são subprodutos da consciência.

*Nada ou ninguém necessita de correção? Estou confuso.*

Ninguém necessita de correção. E quem vai corrigir? No momento em que se diz que alguém necessita de correção, mais cedo ou mais tarde alguém se torna necessário para dominá-lo, para manipulá-lo, para transformá-lo em um escravo. Por isso, ao longo dos séculos, os líderes têm invocado e gritado dos telhados das casas que tudo necessita ser corrigido, tudo necessita ser modificado, melhorado. Se nada necessitar ser corrigido, eles não serão mais líderes. Eles vivem com a ideia de que as coisas precisam ser melhoradas,



que deve haver revoluções; então eles são grandes líderes.

E nada é jamais melhorado, nada pode ser nunca melhorado. Você pode estar dormindo ou desperto. E o despertar não é uma correção, lembre-se disso. Não é “corrigir” o seu sono. Se o sono for corrigido significará que mais alguns tranquilizantes serão injetados em você para que possa dormir melhor. Esta é a correção. Novos travesseiros, mais confortáveis; uma nova cama, mais conveniente; um quarto melhor... essas são correções para que você possa permanecer adormecido com mais conforto, para que possa quase permanecer em um coma.

O sono não necessita de correção. O despertar não é uma correção do sono, é simplesmente parar de dormir. É se mover para outro tipo de realidade, tendo um tipo de relacionamento totalmente diferente com a existência.

Moralistas, políticos, puritanos, sacerdotes estão sempre atrás de vocês, recomendando correção. Tudo necessita ser corrigido, toda pessoa necessita ser corrigida; esse é o poder deles. Por isso o mundo é dominado pelos políticos. Eles sempre vão descobrindo o que tem de ser corrigido, e sempre os vão enganando e dizendo que agora pode ser realizada a correção. Mas só há uma maneira de isso acontecer: somente se *eles* estiverem no poder a correção poderá ser feita.

Primeiro eles os convencem de que a correção é necessária; então naturalmente, quando vocês ficam convencidos, a correção será necessária. E porque vocês ficam convencidos? Porque estão sofrendo – sofrendo por causa do sono, não por causa da imoralidade; sofrendo não por causa do pecado, mas porque estão inconscientes. Eles chegam e dizem: “Por isso vocês estão sofrendo. Se houver uma moralidade melhor, um código de conduta melhor, um comportamento melhor, um caráter melhor, seu

sofrimento vai desaparecer”.

Então vocês começam a tentar se corrigir, e não conseguem fazê-lo – vocês precisam de ajuda, precisam de um sacerdote, um guia para guiá-los. Precisam de um líder! Primeiro eles os convencem de que a sua correção é necessária, e então naturalmente entram pela porta dos fundos com toda a parafernália para corrigir vocês. Vocês se tornam escravos. Esse tem sido o truque ao longo dos séculos. As pessoas têm sido dominadas; as pessoas têm sido coisificadas. Pessoas têm sido condenadas ou elogiadas – mas do mesmo modo elas têm sido dominadas, quer mediante a condenação ou mediante o elogio.

Essa é a grande conspiração. Eu gostaria de dizer a vocês de uma vez por todas: não há necessidade de nenhuma correção. Vocês não têm que ser melhorados. Então, o que é necessário? O despertar é necessário, não a correção. Não uma melhor moralidade, não uma melhor conduta ética, não. Apenas consciência. E com a consciência, a moralidade surge espontaneamente.

No sono profundo, no inconsciente, como vocês podem se corrigir? No máximo, podem ter sonhos um pouco melhores. Talvez não em branco e preto, mas sonhos em Technicolor, sonhos psicodélicos. Mas só podem ter sonhos melhores no sono. Não podem ter a realidade no sono.

Eu ouvi uma história:

Era uma noite escura e nublada. O bêbado entrou cambaleando no cemitério e caiu em uma cova que havia sido escavada na preparação para um enterro no dia seguinte. O bêbado deu um soluço e pegou no sono.

Meia hora depois outro bêbado entrou no cemitério. Ele estava cantando alto, e sua voz estridente acordou o bêbado que estava na cova. Ele de repente começou a gritar que estava

com frio.

O bêbado que cantava cambaleou até a beira do túmulo e olhou para baixo, para o bêbado queixoso.

– Não espanta que você esteja com frio – gritou ele para o homem lá embaixo. – Você chutou para fora toda a terra que estava em cima de você!”.

É isso que está acontecendo. Vocês estão adormecidos, seus líderes estão adormecidos; vocês estão adormecidos, seus sacerdotes estão adormecidos. O problema não é que o homem tenha chutado toda a terra que estava em cima dele! E se esse outro bêbado começasse a ajudar, o que acham que ele iria fazer? Iria tornar a jogar toda a terra em cima dele... “Não é de espantar que ele estivesse sentindo frio!”

Vocês precisam apenas de uma coisa. As correções são milhões, e nunca são suficientes. Vocês colocam uma coisa bem neste canto, e algo acontece de errado em outro canto porque o seu sono mantém certo equilíbrio. Você já observou isso? Você para de fumar e então começa a mascar chiclete. Você para uma coisa e tem que começar outra. E é sempre o mesmo jogo de sempre! Vocês ficam mudando as coisas, mas permanecem os mesmos. As correções são milhões, e não há fim para elas. Vocês podem continuar corrigindo, corrigindo, e nunca estarão corretos, nunca estarão certos. Vocês podem consertar todos os erros, mas ainda vão perceber que estão errados porque lá no fundo vocês ainda são inconscientes, vocês não sabem quem são.

O primeiro e o único passo a ser tomado é saber quem você é, é se tornar consciente.

Timothy estava em férias na Irlanda, hospedado em uma pequena pousada no campo.

Certa noite, no bar, ele ficou impressionado pela seguinte conversa:

– Que belo chapéu você conseguiu aqui! – disse um homem idoso a um jovem que estava de pé ao lado dele no bar. – Onde o comprou?

– No O’Grady’s – respondeu o rapaz.

– Oh, eu vou lá! – comentou o velho. – Você deve ser daqui da redondeza, não?

– Sim. Da Rua Murphy.

– Meu Deus! – exclamou o velho. – Eu também moro lá!

– Que incrível! – comentou Timothy com o barman. – Aqueles dois ali moram na mesma rua e só agora se conheceram.

– Não acredite nisso! – disse o barman. – Eles na verdade são pai e filho, mas estão sempre bêbados demais para se reconhecerem.

Nenhuma correção é necessária; apenas a consciência é necessária. Torne-se mais alerta. Nenhum caráter é necessário porque todo caráter é falso se você não estiver consciente, e todo caráter é uma escravidão se você não estiver consciente. E todo caráter não é nada senão correntes – ele não proporciona liberdade. Toda moralidade é hipocrisia se você não for perceptivo, se não estiver consciente.

Então, para mim, religião significa apenas uma coisa: estar mais consciente, viver mais conscientemente.

Você me perguntou: “Nada ou ninguém necessita de correção? Estou confuso”.

Isso tem confundido todo mundo no decorrer dos séculos. Esqueça-se da correção. Coloque toda a sua energia no despertar. Só há duas maneiras de ser: inconsciente ou consciente. Escolha.

## 4

# Ser inteiro é ser sagrado

A vida não é estática. Não é como a rocha, é como o rio – ela corre, flui.

É um processo, não é uma coisa. Se você me entende, estou aqui para tornar toda a sua vida sagrada. Assim, o que quer que você faça, desfrute-a totalmente e não crie uma dicotomia. A dicotomia pertence à mente; você é que a cria. E não se torne um homem santo, caso contrário irá perder a inteireza e nunca será santo. Permaneça capaz de ser não santo também. Então o santo e o não santo tornam-se suas duas margens, e entre as duas flui o rio que não pertence a nenhuma margem, que está sempre transcendendo.

*Até os judeus, os árabes e outras tribos trazerem seu Deus racialmente exclusivo e ciumento para o Ocidente, Toamy, Baco, Mitro e Apolo eram os deuses adorados pelo homem. Diana tinha seu arco e flecha, Thor estava no Norte, a Deusa Mãe era adorada no Ocidente. E depois a morte e a ressurreição tornaram-se a religião do Ocidente. A culpa e o pecado foram ensinados. Por que Adão é um pecador? Por que ele não é como Teseu, Jasão ou Hermes? O conceito de pecado é apenas um truque para fazer as pessoas meditarem?*

Eu sou um pagão. Não há Deus para mim exceto esta existência. Deus é intrínseco à vida; Deus não é externo à vida. Deus é esta própria vida. Viver esta vida totalmente é viver uma vida divina. Viver esta vida parcialmente é viver uma vida não divina. Ser parcial é ser irreligioso; ser total e inteiro é ser sagrado.

O questionador pergunta sobre o passado. No passado, no mundo todo, as pessoas eram pagãs, simples adoradores da natureza. Não havia o conceito de pecado, não havia a questão da culpa. A vida era aceita como ela é. Não havia avaliação, não havia interpretação – a razão ainda não havia interferido. No momento em que a razão começa a interferir, surge a condenação. No momento em que a razão entra, começa a divisão, começa a cisão, e o homem se torna esquizofrênico. Então começa a condenar algo em seu ser – uma parte se torna mais elevada, outra parte se torna inferior, e as pessoas perdem o equilíbrio.

Mas isso tinha que acontecer. A razão tinha que chegar; isso faz parte do crescimento. Como acontece com toda criança, isso tinha que acontecer também com toda a humanidade. Quando nasce, a criança é pagã; toda criança nasce pagã. Ela é feliz como ela é. Não tem ideia do que é certo e do que é errado; ela não tem ideais. Não tem critérios, não tem julgamento. Se a criança tem fome, ela pede comida. Se está com sono, ela dorme. É isso que os mestres Zen dizem ser o mais importante na religiosidade – quando sentir fome, coma; quando sentir sono, durma. Deixe a vida fluir; não interfira.

Toda criança nasce pagã, e mais cedo ou mais tarde ela perderá essa simplicidade. Isso faz parte da vida, isso tem que acontecer; isso é parte do nosso crescimento, do nosso amadurecimento, do nosso destino. A criança tem que perdê-la e encontrá-la novamente. Quando a criança a perde, ela se torna uma pessoa comum, uma pessoa mundana. Quando ela a readquire, torna-se religiosa.

A inocência da criança é algo comum; é um dom da existência. Ela não a ganhou e terá que perdê-la. Só a perdendo perceberá o que perdeu. Então irá começar a buscá-la. E só quando ela a busca e a obtém, a adquire, torna-se ela – e somente aí saberá o quanto ela é enormemente preciosa.

O que acontece com um sábio? Ele se torna de novo uma criança; nada mais acontece com um sábio exceto o fato de ser novamente inocente. Ele entrou no mundo da razão, da divisão, do ego, de mil e um ideais; ele ficou quase louco com a avaliação. Então, um dia, achando tudo aquilo simplesmente absurdo, estúpido, ele o abandona. Mas esta segunda infância é bem mais valiosa que a primeira. A primeira infância é dada; você não foi sequer consultado, foi um presente genuíno. E não podemos valorizar os presentes. Só valorizamos uma coisa quando fazemos esforço para obtê-la, quando lutamos por ela, e quando temos que fazer uma longa jornada para consegui-la.

Há uma história sufi que diz o seguinte:

Um homem, um buscador, foi até um místico sufi e perguntou:

– Estou procurando um mestre. Soube que o senhor é um homem sábio. Pode me dizer quais são as características de um mestre? Como posso julgá-lo? Mesmo que eu encontre o meu mestre, como vou decidir se ele é o meu mestre? Sou como um cego; sou ignorante, não sei nada a esse respeito. E diz-se que, sem encontrar um mestre, ninguém consegue encontrar Deus. Por isso estou à busca de um mestre. Ajude-me.

O mestre sufi disse poucas coisas ao homem:

– Estas são as características. Você encontrará o mestre deste modo, com este tipo de comportamento, e ele estará sentado sob uma árvore como esta. Ele estará usando uma túnica como esta e seu olhar será como este.

O homem agradeceu ao velho místico e partiu em sua busca. Trinta anos se passaram e o homem perambulou quase o mundo todo, mas não conseguiu encontrar aquele que seria seu mestre segundo a avaliação do velho místico. Cansado, exausto, frustrado, ele voltou à sua cidade natal e foi procurar o velho. Este havia se tornado muito idoso, mas no momento em que ele passa... O velho está sentado debaixo da mesma árvore – de repente ele vê que aquela

é a árvore sobre a qual lhe falara o velho místico. E aquela é a túnica que ele havia descrito, e aqueles são os olhos, e aquele é o silêncio que o místico sufi descrevera. Esta é bênção sentida na presença do mestre. Ele fica eufórico.

Mas uma grande questão também surge em sua mente. Ele se inclina, toca os pés do místico e diz:

– Antes que eu me torne seu discípulo, diga-me por que o senhor me torturou por estes trinta anos? Por que não me disse naquela ocasião, "Eu sou seu mestre"?

O velho mestre começou a rir e disse:

– Eu disse a você: "Ele estará sentado debaixo de uma árvore como esta" – e esta é a árvore debaixo da qual eu estava sentado! E disse a você: "Esta será a túnica que ele estará vestindo" – e eu estava vestindo a mesma túnica! Eu era então o mesmo homem, mas você não estava alerta. Você não conseguia me ver – você precisava destes trinta anos de viagens de um canto ao outro canto do mundo; você precisava de todo esse esforço para me reconhecer. Eu estava aqui, mas você não estava aqui.

E o velho continuou:

– Agora você também está aqui, você consegue me ver. E eu tive que esperar por você. Não foi um problema apenas para você o fato de estar viajando. Pense em mim – estou tão velho e não podia sequer morrer antes de você voltar. E não mudei a túnica, para você não me perder de novo – durante trinta anos nem por um único momento eu deixei esta árvore! Mas você veio. A jornada foi longa demais – mas esta é a maneira pela qual a pessoa descobre.

Deus está sempre aqui, mas nós não estamos. Uma criança tem que perder a trilha; tem que partir para uma peregrinação de trinta anos. Toda criança tem que perder a trilha, toda criança tem que seguir o caminho errado. Só seguindo o caminho errado, só sofrendo ela conseguirá ter olhos, clareza, transparência. Só penetrando em mil e uma coisas ela começará a buscar o real.



O irreal tem que ser buscado. O irreal é atrativo, o irreal é magnético. E como se pode conhecer o real se nunca se conheceu o irreal? A criança conhece o real – mas não conheceu o irreal, então não consegue definir o real. A criança conhece Deus – mas não conheceu o mundo, então não consegue definir Deus. Cada criança chega como um santo, mas tem que se tornar um pecador – depois vem a segunda infância. Se a pessoa não atinge a segunda infância, ela perdeu a sua vida.

Então, não pense e não fique preocupado de ter perdido a primeira infância. Todo mundo tem que perdê-la – isso não deve ser um problema. O problema só existe se você continuar indo em frente e nunca voltar. Se o homem perambula... trinta anos, trinta vidas, trezentas vidas, três mil vidas... continua perambulando e nunca volta, e nunca atinge a segunda infância, então alguma coisa realmente deu errado.

Erre – errar é humano, essa é a maneira de aprender. Siga o caminho errado – seguir o caminho errado é a maneira de voltar para casa. Esqueça-se de Deus para poder se lembrar dele. Fuja de Deus para que um dia a sede se torne um fogo dentro de você e você tenha que procurar Deus novamente... Como um homem faminto, como um homem sedento.

Isso também tinha que acontecer com a humanidade. Agora haverá novamente uma grande afirmação de paganismo no mundo – a segunda infância. Por isso Zen tornou-se tão importante, tão significante; Tantra se tornou uma palavra muito significativa. O sufismo, o misticismo judaico são atualmente mais importantes do que o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo, o Budismo, o Jainismo – por quê? Por que o Tantra? Por que Tao? Por que Zen? Por que Sufi? Estas são as atitudes pagãs – elas criam a segunda infância.

O mundo está se preparando; a humanidade está se tornando cada vez

mais madura. Esta é a era da juventude da humanidade. A infância não existe mais; nós a perdemos, nós nos tornamos corrompidos. Mas não se preocupem com isso – é assim que se atinge de novo a inocência. E a segunda infância é bem mais valiosa que a primeira, porque a segunda não pode ser perdida. A primeira tem que ser perdida, certamente terá que ser perdida; nenhuma criança, nem sequer um Gautama Buda, conseguiu retê-la. Nenhuma criança pode retê-la; isso está na própria natureza das coisas. Quando algo é dado a vocês – e vocês não o estão buscando, e não estão sequer procurando por aquilo, não estão sequer pedindo por aquilo, não estão sequer prontos para recebê-lo...

Se derem um diamante para uma criança, um diamante como o Kohinoor, ela vai brincar um pouco com ele e depois vai deixá-lo de lado. Ela não sabe o que ele é. O Kohinoor é o Kohinoor, quer você o conheça ou não. O Kohinoor é o Kohinoor – o conhecimento não faz diferença. Mas a criança o porá de lado; mais cedo ou mais tarde ela vai se cansar dele – ele é apenas uma pedra, durante quanto tempo ela conseguirá brincar com essa pedra? Mesmo que seja muito colorida, mesmo que seja muito brilhante... mas por quanto tempo? Para o Kohinoor entrar novamente na sua vida vocês terão que estar sedentos por ele. Vão precisar sentir uma grande perda – alguma coisa perdida dentro do seu ser. Vocês precisarão de um grande desejo. Todos os desejos devem se tornar desejos menores, e Deus se tornar o desejo supremo, o maior desejo. Deus está sempre aqui.

Isso acontece com as crianças, isso acontece com as sociedades, isso acontece com as civilizações e também com a humanidade em geral. Então, não fiquem preocupados com o Cristianismo – isso faz parte da jornada. O Cristianismo ou esses tipos de religião são as religiões que estão entre essas duas infâncias, a primeira e a segunda. Elas condenam, elas gritam que vocês

estão se desviando do caminho: “Voltem!”. Elas os puxam para trás, os deixam temerosos. Elas os fazem grandes provocações, dizendo que se vocês voltarem vão receber grandes prêmios, recompensas no céu. Se não voltarem, vão ser lançados no inferno. O fogo do inferno está esperando por vocês; pela eternidade vocês estarão no inferno, sofrendo.

Isso é medo – é criar medo nas pessoas para que elas voltem para trás. Mas com medo, mesmo que volte atrás você nunca chegará. O medo nunca pode se tornar amor. O medo não pode ser reduzido a amor, não pode ser convertido em amor. Continuará sendo medo, e do medo surge o ódio. Por isso o Cristianismo tem provocado grande ódio contra a religião. Friedrich Nietzsche é um subproduto do Cristianismo; se Friedrich Nietzsche diz que Deus está morto, isso é apenas uma reação ao Cristianismo. Ênfase demais é colocada em Deus, no céu e no inferno – alguém tem que dizer isso. Eu concordo com Nietzsche – alguém tem que dizer “Já chega. Vamos parar com toda esta bobagem! Deus está morto e o homem está livre” – porque o homem se sente escravizado quando se cria o medo.

E a ganância? A ganância é uma escravidão. Veja só – o céu, o paraíso, o *firdaus*, a ideia disso – o que é? Um enorme desejo, uma enorme cobiça. No *firdaus* dos muçulmanos, o céu, parece que os santos não estão fazendo nada senão copular. Belas mulheres estão disponíveis e rios de vinho estão fluindo, e tudo de que se precisa é torná-los disponíveis imediatamente. E essas belas mulheres permanecem com dezesseis anos de idade; elas nunca crescem. E há mais uma bela coisa a respeito disso: elas novamente se tornam virgens. Sempre que um santo faz amor com uma mulher – só os santos vão lá –, quando um santo faz amor com uma mulher, no momento em que ele terminou, novamente ela se torna uma virgem. Esse é o milagre do paraíso. E o que seus santos estão fazendo lá? Parece ser uma orgia, uma orgia sexual. E

rios de vinho... Então vocês dizem, “Evitem o vinho, evitem as mulheres” – por quê? Para obter melhores mulheres e mais vinho no céu? Isso parece ser ilógico.

Mas é assim que as pessoas são provocadas, pela ganância, a voltar ao redil. Ou pelo medo: se não voltarem por ganância, então o medo, o fogo do inferno – o eterno fogo do inferno! Vocês não cometeram tantos pecados, o eterno fogo do inferno é simplesmente injusto. Muito bem – durante dez anos vocês são lançados no inferno, dá para entender – quinze anos, vinte anos, cinquenta anos. Mas eternamente!? Vocês não pecaram eternamente aqui, como podem sofrer uma punição eterna? Isso parece demais!

Mas esse não é o ponto; o ponto é apenas deixar as pessoas temerosas. O medo e a ganância têm sido a base de muitas religiões. E elas não têm ajudado; elas têm destruído. Elas não têm apelado aos corajosos, elas têm apelado apenas aos covardes – e quando uma pessoa covarde se torna religiosa a religião é falsa. Uma pessoa covarde não pode se tornar religiosa; só uma pessoa corajosa pode se tornar religiosa – a religião necessita de grande coragem. Ela é um salto para o desconhecido. É um salto para o mar desconhecido, sem mapas. É se desprender do passado e se mover para o futuro, é ir rumo à insegurança. Isso não pode acontecer por covardia.

Em seus templos e em suas mesquitas, em suas igrejas, os covardes têm se reunido. Eles estão tremendo de medo. E estão cheios de ganância – inundados na ganância, inflamados pela ganância, excitados pela ganância. Essas pessoas gananciosas e covardes não podem ser religiosas. A base da religião é abandonar todo o medo e abandonar toda a ganância e se mover na direção do desconhecido. Deus é o desconhecido, o oculto. Ele está oculto *aqui* – nas árvores, nas rochas, em vocês, em mim. Mas para entrar nessa realidade escondida, nessa realidade oculta, é preciso uma grande coragem –

é entrar em uma noite escura sem nenhuma luz.

Um mestre Zen estava se despedindo de um dos seus discípulos, e a noite estava muito escura. O discípulo estava um pouco amedrontado, apavorado, porque tinha de passar por uma selva durante pelo menos quinze quilômetros, e era uma mata fechada. Ali havia animais selvagens e estava uma noite escura e sem lua. Estava ficando tarde, quase a metade da noite havia passado; conversando com o mestre, ele se esquecera completamente do tempo.

Vendo-o um pouco apavorado, o mestre disse:

– Você me parece um pouco apavorado, então vou lhe dar uma lamparina. – Ele colocou uma pequena lamparina de papel na mão do discípulo e a acendeu. O discípulo agradeceu, desceu os degraus, e então o mestre o chamou e disse:

– Pare! – Então o mestre se aproximou e apagou a lamparina. E disse: – Um mestre verdadeiro dá coragem; ele não ajuda a covardia. Entre na escuridão, seja a sua própria luz. E, lembre-se, a luz de ninguém mais será de qualquer ajuda; você terá que contar com a sua própria luz. Seja uma chama para o seu próprio ser. Siga na escuridão, seja corajoso.

Ele diz que um verdadeiro mestre nunca ajuda nenhuma covardia. Em um pequeno ato, apagando a chama, o mestre transmite uma grande mensagem. A religião só existe para os corajosos.

Aqueles que seguiram Jesus eram pessoas corajosas. Não eram muitos, na verdade eram muito poucos – era possível contá-los nos dedos da mão. Aqueles que seguiram Buda eram pessoas corajosas. Mas os cristãos não são corajosos, os budistas não são corajosos.

Aqueles que estão comigo são pessoas corajosas. Quando eu me for, seus filhos e os filhos de seus filhos poderão me prestar respeito, mas não serão corajosos. A religião só existe quando há um mestre vivo para viver por vocês. Quando o mestre se vai, a religião se torna morta.

As pessoas se reúnem covardemente em torno de uma religião morta; então não há medo. Elas adoram as escrituras, adoram a palavra, adoram a estátua – todas coisas mortas. Mas quando um Jesus está ali, ou um Buda está ali, ou um Maomé está ali, aquelas mesmas pessoas ficam muito temerosas. Elas encontram mil e uma maneiras de escapar; encontram mil e uma maneiras de racionalizar a sua fuga. Elas condenam o mestre real – por quê? O mestre real não vai apoiar sua covardia. Ele não lhes dará mais nenhuma ganância – elas já têm demais – e não as deixará temerosas. Todo o seu esforço será para tirar delas o medo e a ganância, para que se tornem capazes de viver a sua vida plenamente.

O Cristianismo e essas outras religiões tinham que acontecer. Elas têm que ser perdoadas; não fiquem com raiva delas. Mas agora elas também têm que desaparecer – agora o mundo não precisa mais delas. Elas estão em declínio, estão se dissipando, estão morrendo. Na verdade, elas estão mortas. Mas as pessoas estão tão cegas que levará muito tempo para elas perceberem que a sua igreja ou o seu templo está morto. Elas são muito inconscientes, não conseguem entender isso imediatamente. O Cristianismo está morto, o Hinduísmo está morto, o Islamismo está morto. No Islã, somente uma pequena coisa vive, ainda tem uma chama, que é o Sufismo. No Cristianismo, apenas poucos místicos ainda estão vivos. Fora isso, a Igreja, o papa e o Vaticano são apenas cemitérios, túmulos.

No Hinduísmo, alguns místicos ainda estão vivos – um Krishnamurti, em algum lugar um Raman Maharishi –, mas muito espaçados. Por outro lado, os *shankaracharyas* são pessoas mortas. Mas ninguém procura um mestre vivo. No Budismo, só Zen está vivo. No Judaísmo, só a linhagem mística do Hassidismo está viva. A religião organizada não é a religião real. A religião não organizada, a rebelde, a não ortodoxa, a herege, é a verdadeira religião –

sempre foi assim. A religião sempre surge como uma rebelião – seu próprio espírito é o da rebelião. Os dias do Cristianismo, do Hinduísmo, do Islamismo já acabaram. No futuro, um tipo totalmente diferente de religião, um tipo diferente de clima, vai envolver a Terra. As religiões vão desaparecer; haverá apenas um tipo de religião. As pessoas vão encontrar sua própria religião individualmente; as pessoas vão encontrar sua própria oração, sua própria maneira de rezar. Não haverá necessidade de seguir a ideia prescrita por ninguém – esse não é o caminho, essa não é a maneira de agir do corajoso. Essa é maneira de agir do covarde.

E Deus está disponível – vocês só têm que se tornar corajosos para olhar dentro dos seus olhos.

Você disse: “... e então a morte e a ressurreição tornaram-se a religião do Ocidente”. Isso é verdade. O Cristianismo nunca esteve interessado em Cristo; ele estava bem mais interessado na cruz. Não era uma adoração ao Cristo, mas uma adoração à cruz. A cruz é um símbolo de morte. Por quê? Porque a morte é o medo básico. Tornar as pessoas alertas sobre a sua morte as torna temerosas. Se você torna uma pessoa muito atenta à morte, há toda a possibilidade de ela começar a se abalar e a tremer. E quando uma pessoa está abalada e tremendo, é muito fácil vitimizá-la. É possível convertê-la em qualquer absurdo. Ela está pronta para acreditar em qualquer coisa – se vocês lhe prometerem a imortalidade, ela está pronta. Por isso, os seguidores do Cristianismo dizem: “Aqueles que estiverem na igreja serão salvos, e àqueles que não estiverem na igreja não podemos dar nenhuma garantia. Eles estão condenados; eles não podem ser salvos”. E é isso que todas as outras religiões dizem. Esta é a criação do medo. Trazendo o medo para a mente das pessoas, elas se tornam temerosas – quem não se torna temeroso da morte? Então, uma pessoa temerosa está pronta para ser muito facilmente convertida

em um escravo.

E por que a ressurreição? A morte e a ressurreição tornaram-se a base do Cristianismo no Ocidente. A morte lhes causa medo, e a promessa da ressurreição os torna ambiciosos. Se você morre dentro da igreja, você vai ressuscitar. Você vai ressuscitar como um ser divino, com tudo o que você sempre quis, com tudo de que sempre necessitou – belo, com um corpo dourado, com uma aura em volta de você, você ressuscitará.

Esses são truques de medo/ambição, de punição/recompensa. É isso que B.F. Skinner continua fazendo com seus ratos: ele os deixa com medo e eles começam a fazer coisas. É isso que vocês veem em um circo: amedrontar um elefante – um animal tão corajoso e tão sábio, mas é só amedrontá-lo que ele começa a fazer coisas tolas para você. Ele vai sentar num banquinho, ele vai se inclinar diante de um homem... e ele pode matar um homem em um segundo. Até os leões, vendo o chicote, tremem – só é preciso amedrontá-los, basta isso. Até os leões podem ser domados, e os elefantes podem ser ensinados e disciplinados. Criem medo e recompensa – se o elefante os obedecer, deem-lhe alimento; se não os obedecer, deixem-no faminto. É uma técnica simples.

É isso que as chamadas religiões têm feito ao homem. A culpa e o pecado foram ensinados. Naturalmente, se você quer tornar as pessoas temerosas – e essa é a única maneira de explorá-las –, ensine-lhes que tudo é pecado, que tudo aquilo de que elas desfrutam é pecado. A morte cria o medo, mas a morte está distante. Após cinquenta ou setenta anos você vai morrer – e daí? “Setenta anos? Vamos ver. Neste exato momento não estamos morrendo.”. Talvez as pessoas idosas fiquem temerosas. Por isso vocês encontram mais pessoas idosas nas igrejas, nos templos. Mulheres idosas, homens idosos – mais mulheres do que homens, porque elas ficam mais temerosas. Idosos,



morrendo, à beira da morte, eles sabem agora que algo tem que ser feito. A vida está se esvaindo, desaparecendo; eles têm que fazer algo em função do futuro.

Vocês veem pessoas jovens em suas igrejas, em seus templos? E lembrem-se, onde quer que vejam pessoas jovens, ali a religião está viva. Um jovem, quando se torna interessado na religião, sua religião não pode ser aquela do medo e não pode ser aquela da morte. Sua religião será a da vida.

Muitas vezes as pessoas se aproximam de mim e dizem: “Por que tantos jovens se aproximam de você?”. Eles vêm porque eu lhes ensino a religião da vida, do amor, da alegria. Não crio nenhuma culpa, e não fico condicionando suas mentes para “isso é pecado, aquilo é pecado”. Há erros, mas não há pecado. Os erros certamente existem – mas um erro é um erro. Se você está resolvendo um problema de matemática e soma dois mais dois igual a cinco, isso é um pecado? É apenas um erro; ele pode ser corrigido. Não há necessidade de lançá-lo no inferno para sempre apenas porque você somou dois mais dois e encontrou cinco. Este é apenas um erro, perdoável.

Tudo o que se pode chamar de pecado não é nada mais do que erros. E é pelos erros que aprendemos. Aquelas pessoas que nunca cometeram erros são as pessoas mais estúpidas, porque elas nunca crescem. Eu lhes ensino: Continuem cometendo erros, nunca tenham medo. Lembrem-se apenas de uma coisa – não cometam o mesmo erro repetidas vezes, porque isso não tem sentido. Sejam inventivos, cometam novos erros todos os dias – assim vocês vão aprender. Mas não cometam o mesmo erro todos os dias, porque isso é tolice. Vocês o cometeram uma vez, vocês viram que é um erro – ficaram com raiva e viram o que é a raiva; ora, sentir raiva de novo é uma estupidez. Vocês viram que isso não tem nenhum sentido. É destrutivo – destrói o outro, destrói você. E não traz nada; nenhuma flor brota em você.

A raiva o torna menos, não o torna mais. Ame, seja bondoso – e, de repente, você estará fluindo, crescendo, indo mais alto; você começa começa a flutuar porque tem menos peso. Assim, aprenda: quando você ama, quando está amando, você consegue voar, crescem asas em você. Quando você odeia, quando está com raiva, você fica como uma rocha. Então a força da gravidade é demais sobre você, e você se torna pesado.

Consegue enxergar isso? É simples – é como dois mais dois igual a quatro. A vida é uma aprendizagem, é uma escola. Por isso fomos enviados para cá, esse é o propósito – não para puni-los. Eu gostaria de mudar todas as suas ideias a respeito disso. Ensinaaram a vocês que foram enviados para cá para serem punidos – isso está totalmente errado. Vocês foram enviados para cá para aprender.

Por que Deus seria tal torturador? Será que ele é um sádico ou algo assim, que gosta de torturar as pessoas? E se, como essas pessoas dizem, vocês foram enviados para a vida para serem punidos, então por que foram enviados pela primeira vez? Deve ter havido uma primeira vida – antes dessa, vocês não cometeram nada de errado, porque como podem ter cometido pecados a menos que tenham vindo para cá? Vocês não podem ter cometido nenhum pecado – então por que foram enviados pela primeira vez?

Eles não têm nenhuma resposta. Os jainistas não têm, os muçulmanos não têm; eles não têm nenhuma resposta para isso. Por que o homem foi enviado? Talvez desta vez vocês tenham sido enviados porque na vida passada cometeram pecados. Certo, mas e quanto à primeira vida? E se esta é a primeira vida, como dizem os cristãos, então por que foram enviados? Ora, eles têm uma ideia muito absurda: porque Adão cometeu um pecado. Vocês não têm nada a ver com Adão; isso é simplesmente absurdo. Alguém que você não conhece, nem sabe se existiu ou não, cometeu um pecado e toda a

humanidade está sofrendo por isso. Seu pai cometeu um pecado e você foi preso. E Adão não é sequer seu pai – nem sequer o pai do seu pai, nem sequer o pai do pai de seu pai – ele foi o primeiro homem. E o que ele fez não parece ter sido nenhum pecado. Parece ter sido um simples ato de coragem. Parece ter sido uma simples rebelião. Toda criança necessita desse tanto de coragem.

Deus disse a Adão: “Não coma o fruto desta árvore. Esta árvore é a árvore do conhecimento”. E Adão o comeu. Eu acho que qualquer um que possua uma alma teria feito o mesmo. Se Adão fosse totalmente idiota, ele obedeceria a ordem. Ele deve ter sido desafiado; na verdade, esse foi o verdadeiro propósito. Do contrário, há na Terra milhões e milhões de árvores – pensem, se Deus não tivesse indicado aquela árvore em particular, seria impossível que Adão a tivesse descoberto. Aquela era apenas uma árvore em todo o jardim de Deus, e o jardim era infinito. Aquela era a única árvore sobre a qual Deus disse particularmente: “Não coma o fruto desta árvore. Se você comer o fruto do conhecimento, será expulso do paraíso”.

No meu entendimento, Deus estava desafiando Adão. Ele estava tentando ver se ele estava vivo ou morto. Estava tentando ver se ele era capaz de desobedecer, se conseguia dizer não – Deus estava tentando ver se Adão era apenas um homem que concordava com tudo. E Adão provou sua determinação: ele comeu o fruto. Ele estava pronto para ser lançado no mundo, e demonstrou coragem. Isso não é pecado, é simplesmente coragem.

Toda criança tem que desobedecer ao seu pai um dia ou outro; toda criança tem de desobedecer à sua mãe um dia ou outro. Na verdade, o dia em que você desobedece é o dia em que começa a amadurecer – nunca antes disso. Assim, só as crianças pouco inteligentes jamais desobedecem. As crianças inteligentes certamente desobedecem; as crianças inteligentes encontram mil e uma maneiras de desobedecer aos pais. Olhe em volta de

você: sempre irá encontrar a criança inteligente desobedecendo. Porque ela tem que desenvolver sua própria alma – se ela continuar obedecendo a você, quando irá crescer? Como irá crescer? Vai continuar tola e fraca. Não terá a sua própria alma, não terá a sua própria individualidade.

Não, Adão não cometeu nenhum pecado. Adão foi o primeiro santo. Ele desobedeceu a Deus, e Deus queria isso. Era exatamente isso que Deus queria – que Adão o desobedecesse. Desobedecendo a Deus, Adão iria sair pelo mundo; ele iria perder sua primeira infância. Depois, iria cometer muitos erros, e, a partir desses erros, iria aprender. E um dia ele voltaria – como Cristo, como Buda, como Mahavira, como Krishna, ele voltaria. Esse afastamento é obrigatório para que haja um retorno. Isso não é realmente contra Deus, é exatamente o que Deus queria que acontecesse. Isso foi certamente planejado pelo próprio Deus.

Assim, não chamo isso de pecado. Por que chamamos Adão de pecador? Ele é chamado de pecador porque as religiões de vocês dependem de chamá-los de pecadores, de condená-los. Quanto mais vocês forem condenados, mais vocês tocarão seus pés. Quanto mais forem condenados, mais se arrastarão na terra e implorarão o perdão. Quanto mais forem condenados, mais temerosos se tornarão. Quanto mais temerosos, mais precisarão de mediadores. Vocês não sabem onde Deus está. Seu sacerdote sabe, seu papa sabe; ele tem uma linha direta com Deus. Se ele interferir a seu favor, só assim você poderá ser salvo – do contrário, toda a sua vida será de pecado. Só se o sacerdote interferir com Deus a seu favor você poderá ser salvo. Esse é todo o truque, o truque do sacerdote. O sacerdote não é na verdade um homem religioso, o sacerdote é um homem de negócios – ele negocia em nome da religião, explorando.

A profissão mais feia do mundo não é a das prostitutas; a profissão mais

feia é a dos sacerdotes.

“Por que ele não é como Teseu, Jasão ou Hermes?” Ele é. “O conceito do pecado é apenas um truque para fazer as pessoas meditarem?” Sim. É um truque, mas não para fazê-las meditar; é um truque para transformá-las em escravos. A meditação é uma coisa completamente diferente. A meditação nunca decorre do medo, a meditação vem do entendimento. A meditação vem do amor, da compaixão. A meditação vem de viver sua vida em todos os climas, em todas as estações. Olhar profundamente para cada fato da vida, compreendendo-o – e, se ele não for significativo, descartá-lo; é importante escolhê-lo. Aos poucos, você vai reunindo o essencial e descartando o não essencial. Ambos existem. O joio e o trigo, ambos estão aí. As rosas e as ervas daninhas, ambas estão aí. E tem-se que fazer uma distinção entre o joio e o trigo; tem-se que descartar o joio e colher o trigo. Toda essa inteligência é necessária, do contrário você não pode ser uma pessoa religiosa.

Esses medos não proporcionam entendimento a você. Eles na verdade tornam sua mente mais enevoada, o tornam menos esclarecido em relação à vida. Eles não permitem entrar na vida com totalidade e experimentá-la – eles são contra a experiência.

A meditação chega quando você vive a vida, quando você vê a vida como ela acontece. Não porque Buda disse que a raiva é ruim – isso não vai ajudar; aí você se torna um papagaio, ou um erudito – mas se você chega no âmago da sua própria raiva e surgir esse entendimento, o de que essa raiva é sem sentido, venenosa... Não porque Krishna disse “Deixe tudo a Deus, entregue a Deus” – não, seguindo Krishna você não alcançará a Deus –, mas vendo como seu ego está criando todos os tipos de infelicidade para você. Vendo isso, um dia você vai abandonar o ego e dirá: “Agora vou viver de uma maneira totalmente entregue. O que quer que Deus deseje que ocorra através

de mim, vai acontecer. Eu não terei nenhum desejo próprio, não terei nenhuma vontade própria. Eu renuncio à minha vontade”.

Vendo a infelicidade que o ego traz, vem a entrega. Vendo a infelicidade que a raiva traz, vem o amor. Vendo a infelicidade que a sexualidade traz, vem o *brahmacharya*, o celibato. Mas tem-se que passar por isso – não há atalho, e essas coisas não podem ser emprestadas de ninguém.

*Você diz: “Não cometa o mesmo erro duas vezes”. Como posso evitar isso a menos que eu coloque a mente para avaliar, comparar e julgar?*

Quando eu digo para você não cometer o mesmo erro duas vezes, não estou dizendo para você avaliar, julgar, comparar. Estou dizendo para ver – quando você está cometendo um erro, observe-o totalmente a ponto de perceber que se trata de um erro. Nessa visão verdadeira, esse erro desaparece; você nunca mais conseguirá repeti-lo.

Por exemplo, você coloca a mão no fogo e a queima. Da próxima vez que estiver perto do fogo, fará um silogismo aristotélico, de que “isto também é um fogo, todo fogo queima, e por isso eu não tenho que colocar minha mão nele”? Vai comparar com a experiência passada? Vai avaliar? Se estiver fazendo isso, então não poderá evitar o erro novamente porque a mente dirá: “Talvez este fogo seja diferente. E quem sabe o fogo pode ter mudado seu modo de vida, e não se comporte da mesma maneira desta vez. Talvez ele estivesse com raiva daquela vez e agora não esteja com raiva. Quem sabe?”. A mente que avalia, julga, compara já está mostrando que não entendeu a questão. Do contrário, qual é a necessidade de avaliação, de comparação? Se

você viu um fato, o próprio fato é suficiente. Você evitará o fogo.

Então, quando você está passando por experiências, permaneça alerta; não seja surdo e cego. Não estou dizendo para você olhar para trás. Estou dizendo para você olhar agora, onde quer que esteja, e se for um erro ele vai ser espontaneamente evitado. Conhecendo um erro como um erro, ele desaparece. Se não desaparecer espontaneamente, isso simplesmente mostra que você ainda não entendeu totalmente que se trata de um erro. Em um lugar ou outro continua a ilusão de que não é um erro.

As pessoas me dizem: “Sabemos que a raiva é ruim, sabemos que ela é venenosa e sabemos que ela é destrutiva para nós, mas o que fazer? Continuamos sentindo raiva”. O que elas estão dizendo? Estão dizendo que ouviram as pessoas dizerem que a raiva é ruim, leram nas escrituras que a raiva é venenosa; mas elas próprias não a conheceram. Do contrário, ela teria desaparecido.

Sócrates disse: “O saber é uma virtude”. Uma grande máxima. Ele diz que saber é ser. Quando você sabe que isso é uma parede e não uma porta, você não vai bater a cabeça contra a parede repetidas vezes. Uma vez que tenha sabido que aquilo é uma parede, então procurará pela porta. Quando encontra a porta, sempre vai passar por ela. Não é uma questão de ficar pensando repetidas vezes nas experiências passadas, comparar, decidir e concluir.

Eu ouvi a seguinte história:

Um padre surdo estava ouvindo confissões quando um homem entrou no confessionário, caiu de joelhos e disse:

- Oh, padre, eu fiz uma coisa horrível. Assassinei minha mãe.
- O quê? – perguntou o velho padre, levando a mão em concha à orelha.
- Eu assassinei minha mãe! – disse o penitente, mais alto.

- O que foi? Fale alto! – ordenou o homem de Deus.
- Eu assassinei minha mãe!!! – berrou o pobre pecador perturbado.
- Ah – disse o padre. – Quantas vezes?

Uma pessoa surda é uma pessoa surda, uma pessoa cega é uma pessoa cega. Se a pessoa não escuta a experiência, se é surda à sua experiência, então você vai continuar repetindo várias vezes os mesmos erros. Na verdade, dizer que ela está repetindo não é certo: ela está novamente fazendo uma coisa nova porque na última vez ela não a percebeu. Não é uma repetição.

O meu entendimento é o seguinte: nenhum erro é repetido quando a pessoa entendeu que ele é um erro. Se ela o repete, isso simplesmente mostra que o está cometendo pela primeira vez, porque o passado ainda não penetrou na sua consciência. Ela o está cometendo de novo pela primeira vez, não é uma repetição. Se ela o tiver entendido, então ele não pode ser repetido. O entendimento é alquímico; ele nos transforma.

Então, não estou dizendo a você para se tornar bem esperto, calcular, e sempre pensar no que é bom e no que é ruim, o que fazer e o que não fazer, o que é moral e o que é imoral – não estou dizendo isso. Estou simplesmente dizendo que, onde quer que você passe, passe totalmente alerta, para que nada errado seja repetido.

Esta é a beleza da percepção: que aquilo que é certo é fortalecido através dela; que aquilo que é errado é destruído através dela. A consciência funciona como uma energia vital para o que é bom e como uma energia mortal para o que é ruim. A consciência funciona como uma bênção para o que é bom e como uma maldição para o que é ruim. Se você me perguntar qual é a minha definição de pecado, ela é a seguinte: que aquilo que pode ser feito com total consciência não é pecado; que aquilo que não pode ser feito com total



consciência é pecado. Ou que aquilo que só pode ser feito na ausência de consciência é pecado, e aquilo que só pode ser feito com consciência é virtude. Lembre-se da consciência, ela é tudo.

Toda a questão da evolução é entre a consciência e a ausência de consciência. Torne-se cada vez mais perceptivo e menos inconsciente. Torne sua energia mais desperta com a consciência, isso é tudo.

### *O que é o verdadeiro arrependimento?*

As religiões fizeram muita confusão em relação ao arrependimento. Jesus continua repetindo sem parar para seu povo: “Arrependam-se, arrependam-se, porque o reino de Deus está próximo! Arrependam-se porque o dia do julgamento está se aproximando!”.

Em primeiro lugar, as religiões fazem as pessoas se sentirem culpadas; do contrário o arrependimento não teria nenhuma relevância. Você olhou para uma bela mulher que passava e isso gerou um desejo em você, seu coração começou a bater mais depressa. Mas você é casado e pai de meia dúzia de filhos; além disso, é um cristão. Isso não é adequado para você. Você começa a se sentir culpado – você não fez nada, mas começa a se sentir culpado. Ora, como se livrar dessa culpa? Você está se sentindo culpado com relação à sua esposa, e então terá que levar sorvete para casa – isso é arrependimento. E a esposa também entende isso, que você deve ter feito algo errado, ou então por que o sorvete? Você tem que levar brinquedos para as crianças – isso é arrependimento.

Mas isso não é suficiente. Você tem que procurar o padre para confessar que uma bela mulher passou por você e despertou um desejo sexual: “Isso

não está certo. Peça perdão a Deus em meu nome”. Agora você vai ficar tranquilo. Mas você não fez nada e desperdiçou dinheiro desnecessário comprando sorvete, brinquedos e indo procurar o padre – e se tornou uma vítima do padre, porque agora você vai estar sempre sob o poder dele.

A religião católica tem mais poder sobre seus fiéis do que qualquer outra religião, pela simples razão de que todos têm que confessar seus pecados. Naturalmente, o padre sabe muita coisa sobre todos... você não pode deixar a congregação porque ele pode expô-lo. A confissão está sendo usada para mantê-lo escravizado; você não pode deixar a congregação. A ideia transmitida é que é assim que você se arrepende, mas a realidade é que na maioria dos casos você não está cometendo nenhum pecado. Olhar para uma bela mulher e sentir seu coração bater mais rápido é absolutamente normal, está de acordo com a natureza. É respeitoso em relação à mulher. Em uma sociedade melhor, mais humana, na qual todas essas religiões mortas estejam acabadas, você, ao invés, iria até a mulher e lhe agradeceria por sua beleza, seria grato pelo fato de ela existir.

Você não se sente culpado quando vê uma bela rosa, você não se sente culpado quando vê um belo pôr de sol. Então por que deve se sentir culpado quando vê uma mulher ou um homem bonito? A beleza não é pecado; ela deve ser respeitada. E em um mundo mais inteligente, compreensivo e humano a mulher vai aceitar seu cumprimento com gratidão. Você não está lhe causando nenhum dano.

A maioria dos seus pecados não é de modo algum pecado. Alguns talvez sejam erros, mas não pecados.

A meu ver, a palavra *pecado* não existe. Você ficará surpreso em saber que a raiz original, de onde deriva a palavra *pecado*, significa esquecimento. Isso é ótimo, é o que ela deveria significar. Você não estava consciente; você

se esqueceu, você cometeu um erro.

A ideia de pecado foi inventada pelos padres para contê-lo, subjugar-lo, humilhá-lo, destruir a sua dignidade. Mas o esquecimento é compreensível. Você pode fazer algo sem estar consciente do que está fazendo; mais tarde fica alerta e percebe que fez algo errado. Então, o melhor caminho não é procurar o padre, mas procurar a pessoa contra quem você fez algo errado. Que lugar tem o padre nisso? Qual é o lugar que Deus tem nisso? A pessoa a quem você prejudicou de alguma maneira – é a essa pessoa que você deve procurar e pedir perdão. Isso será bonito, e isso unirá as pessoas.

Você ficará surpreso em saber que na Tailândia há uma pequena tribo de pessoas muito primitivas que, mesmo em seus sonhos, prejudicam alguém... Por exemplo, se elas espancam alguém em seus sonhos, a primeira coisa que fazem pela manhã é procurar essa pessoa e lhe pedir perdão, porque, embora tenha sido um sonho, em algum lugar deve haver algum desejo que criou o sonho. Eles dizem à pessoa: “Não machuquei você e nunca vou machucá-lo. Eu nunca tive consciência de que tenho um desejo de machucá-lo, mas ele deve existir porque os sonhos fazem parte da realidade. Eles não vêm simplesmente de lugar nenhum”.

E você ficará surpreso em saber que aquela pequena tribo é a tribo mais pacífica do mundo todo: lá não há briga, não há estupro, não há assassinato, não há suicídio. Há milhares de anos eles vêm seguindo o mesmo caminho. Pouco a pouco também pararam de sonhar. Tornaram-se tão inocentes que mesmo no inconsciente não há mais nenhum desejo de serem violentos, de serem estupradores, de torturarem alguém, de matarem alguém. Depois de milhares de anos indo continuamente até a pessoa e lhe pedindo perdão – e a pessoa fica surpresa, porque não imagina nenhum mal que você pudesse fazer a ela. Mas isso o aproxima dela – ela o abraça e diz: “Não se preocupe; foi só

um sonho”.

Se um homem como Sigmund Freud tivesse ido à Tailândia e conhecesse essas pessoas, teria ficado espantado ao ver que ali sua psicanálise não teria utilidade. Elas não têm nenhum sonho, então não podem ser psicanalisadas. De vez em quando alguém pode ter um sonho, mas elas encontraram uma maneira de se livrar até de um leve desejo inconsciente.

Não há a questão de pecado em sua vida. Você pode, no máximo, cometer um erro; pode fazer algo que nunca quis fazer, e então seu coração fica pesado. Então, faça algo para desfazer o que cometeu. Procurar o padre é uma bobagem. O que quer que tenha feito, desfça – esse é o único arrependimento real.

E não por qualquer motivo – “Arrependam-se porque o dia do julgamento está se aproximando”. Se não estivesse se aproximando, então...? Então não há pressa; continuem cometendo pecados. Quando ele chegar mais perto, vocês podem se arrepender. E ele não está próximo porque dois mil anos se passaram e Jesus estava simplesmente dizendo uma mentira quando disse: “O dia do julgamento está muito próximo, por isso se arrependam”. Ele estava amedrontando as pessoas, porque, se vocês não se arrependerem, então, no dia do julgamento, serão punidos. É melhor se arrependerem antes disso. Procurem o padre, confessem o pecado, livrem-se dele.

Mas se você consegue se livrar dos seus chamados pecados tão facilmente, todo domingo procurando o padre, você entende as implicações disso? Isso significa que na próxima semana você estará novamente livre para cometer pecados e fazer qualquer coisa que queira, porque tudo o que tem que fazer é tornar a procurar o padre.

Os hinduístas têm um método ainda mais simples. Todo ano vão até o Ganges, tomam um bom banho e todos os seus pecados são lavados. Por que

criar pequenas prestações de uma semana? Por que não de um ano? E se você não conseguir se purificar uma vez por ano, então a cada doze anos há uma feira especial em Allahabad – talvez a maior reunião de pessoas no mundo todo, milhões de pessoas. Qualquer coisa que tenha feito em doze anos, tomando um banho no Ganges naquele dia você fica limpo, livre para fazer as mesmas coisas de novo; pelo menos por mais doze anos não há problema.

Eu me recordo de um incidente na vida de Ramakrishna. Ele era muito simples, sem instrução, mas dotado de um enorme discernimento. Um homem foi até ele e disse:

– Eu vou ao Ganges – este é o décimo segundo ano – e quero suas bênçãos. É verdade que todos os pecados que a pessoa cometeu são lavados?

Ramakrishna não era o tipo que me interessava. Ele disse:

– Sim, é verdade. Todos os pecados são lavados quando a pessoa mergulha no Ganges.

O homem deu um grande suspiro de alívio. E disse:

– Então está bem. Se você está dizendo, então está perfeito.

Ramakrishna disse:

– Mas eu não terminei; tenho que dizer mais uma coisa. Você já viu aquelas grandes árvores na margem do Ganges?

O homem disse: – Sim.

Ramakrishna disse:

– Esse é o problema: quando você mergulha no Ganges seus pecados pulam fora e se assentam nas árvores, e esperam por você. Quanto tempo você pode permanecer na água? O Ganges é realmente grande e ele purifica, mas por quanto tempo? Finalmente você tem que sair, e no momento em que você sai... esses pecados que estão acomodados nas árvores pulam em você. E às vezes acontece de os pecados de outra pessoa também pularem em você

– só para variar, eles gostam disso. Essas árvores estão cheias de pecados. Então, você pode ir, mas cuidado com as árvores.

O homem disse:

– Isso é muito difícil. Quanto tempo eu posso permanecer na água? Uma hora eu terei que sair, e terei que passar sob aquelas árvores.

Ramakrishna disse:

– Eu não posso ajudá-lo com isso. É por isso que eu não vou... para quê?

Todas as religiões encontraram estratégias, primeiro para torná-lo culpado, depois para oferecer um método simples para você se livrar da culpa.

Eu não estou ensinando uma religião. Simplesmente quero dizer a verdade a vocês. Se você fez algo errado a alguém, vá até essa pessoa. Seja humilde, peça perdão. Só essa pessoa pode perdoá-lo, ninguém mais pode – nem o Ganges nem Deus.

E lembre-se de que o significado da palavra *pecado* é esquecimento. Então, agora não torne a se esquecer e fazer a mesma coisa; do contrário, seu pedido de perdão perde o sentido. Então, seja cuidadoso, fique alerta, fique consciente e não torne a fazer a mesma coisa. Este é o verdadeiro arrependimento. Uma vez você cometeu o erro – foi apenas um erro. Errar é humano, não há razão para se preocupar com isso. E perdoar é divino. Então, se alguém chegar até você e disser que cometeu um erro contra você, não perca a oportunidade de experimentar algo do divino. Ou, quando você tiver cometido algum erro contra alguém e for procurá-lo para ser perdoado, estará dando a essa pessoa uma grande oportunidade de sentir algum sabor do divino. Isso é bom para ambos. Perdoando, a pessoa experimenta algo que é impossível explicar; só pode ser chamado de divino, de celestial. E você também sente algo incrivelmente belo: humildade, ausência do ego.

Mas lembre-se de não cometer o erro de novo. Isso deve se tornar uma decisão em você; então você está realmente arrependido. Isso não tem nada a ver com Deus, não tem nada a ver com nenhum padre; tem algo a ver com a sua própria psicologia.

*Rudolph Hess, um dos últimos mandachuvras do nazismo, cometeu suicídio na prisão em Berlim, onde ficou preso durante quarenta e seis anos. Ele era o braço direito de Adolph Hitler. “Não me arrependo de nada”, disse ele diante do tribunal em Nuremberg, “e se pudesse voltar atrás faria de novo a mesma coisa”. Osho, você pode nos dizer algo sobre o perdão, mesmo para pessoas que pareçam indignas dele?*

Esta é uma das coisas mais fundamentais a serem entendidas. As pessoas normalmente acham que o perdão é para aqueles que são dignos dele, que o merecem. Mas se alguém merece, é digno do perdão, isso não é exatamente um perdão. Vocês não estão fazendo nada de sua parte; ele merece o perdão. Vocês não estão sendo realmente amorosos e misericordiosos. Seu perdão só será autêntico quando mesmo aqueles que não o merecem o recebem. Não é uma questão de uma pessoa merecê-lo ou não. A questão é se o seu coração está pronto ou não.

Isso me lembra uma das mais importantes mulheres místicas, Rabiya al-Adabiya, uma sufi que era conhecida por seu comportamento muito excêntrico. Mas em todo o seu comportamento excêntrico havia um grande discernimento. Certa vez, outro místico sufi, Hasan, estava hospedado na

casa de Rabiya. Como ele ia ficar com Rabiya, não levou seu próprio Alcorão sagrado, que costumava ler toda manhã como parte da sua disciplina. Ele achou que podia pedir emprestado o Alcorão de Rabiya, e por isso não levou consigo o seu próprio exemplar.

Pela manhã, ele o pediu emprestado a Rabiya, e ela lhe entregou o seu exemplar. Ele não conseguia acreditar em seus olhos. Quando ele abriu o Alcorão, viu algo que nenhum muçulmano poderia acreditar: em muitos lugares Rabiya o havia corrigido. Esse é o maior pecado para os muçulmanos; segundo eles, o Alcorão é a palavra de Deus. Como se pode alterá-lo? Como se pode sequer pensar em escrever algo melhor? E ela não só o alterara, mas simplesmente havia cortado algumas palavras, algumas linhas – eliminou-as!

Hasan disse-lhe:

– Rabiya, alguém destruiu o seu Alcorão!

Rabiya disse:

– Não seja tolo, ninguém pode tocar no meu Alcorão. O que você está vendo fui eu quem fez.

Hasan disse:

– Mas como você pôde fazer uma coisa dessa?

Ela disse:

– Eu tinha que fazer, não havia outro jeito. Por exemplo, olhe aqui: o Alcorão diz: "Quando você vir o demônio, odeie-o". Desde que me tornei consciente não consigo encontrar nenhum ódio dentro de mim. Mesmo que o demônio ficasse na minha frente eu só poderia cobri-lo com o meu amor, porque não tenho nada diferente a lhe oferecer. Não importa se Deus está na minha frente, ou o demônio; ambos vão receber o mesmo amor. Tudo o que eu tenho é amor; o ódio desapareceu. No momento em que o ódio



desapareceu de mim, eu tive que fazer alterações no meu Alcorão. Se você não alterou o seu, isso simplesmente significa que ainda não chegou ao espaço onde só o amor existe.

Eu digo a vocês que as pessoas que não merecem, as pessoas que são indignas, não fazem nenhuma diferença para aquele que entrou no espaço do perdão. Você irá perdoar, independentemente de quem receba o perdão. Você não poderá ser tão mesquinho a ponto de achar que só os dignos devem recebê-lo. E de onde você tirará em si a incapacidade de perdoar? Essa é uma perspectiva totalmente diferente. Ela não tem a ver com o outro. E quem é você para julgar se o outro é digno ou indigno? O próprio julgamento é feio e mau.

Sei que Rudolph Hess é certamente um dos maiores criminosos. E o seu crime se torna ainda um milhão de vezes maior porque no julgamento de Nuremberg com os remanescentes companheiros de Adolf Hitler – que mataram quase oito milhões de pessoas na Segunda Guerra Mundial – ele disse diante do tribunal: “Não me arrependo de nada!”. E não só isso. Ele disse também: “E se pudesse voltar atrás faria de novo a mesma coisa”. É muito natural achar que esse homem não é digno de perdão; esse será o entendimento comum. Todos vão concordar com você.

Mas eu não posso concordar com você. Não importa o que Rudolf Hess fez, o que ele está dizendo. O que importa é que você seja capaz de perdoar até mesmo ele. Isso elevará sua consciência às maiores alturas. Se você não puder perdoar Rudolf Hess irá permanecer apenas um ser humano comum, com todos os tipos de julgamentos de merecimento, de desmerecimento. Mas o fundamental é que você não consegue perdoá-lo porque o seu perdão não é suficientemente grande.

Eu consigo perdoar o mundo inteiro pela simples razão de que o meu

perdão é absoluto; ele é imparcial. Vou contar uma pequena história tibetana que deixará essa questão absolutamente clara para você.

Um grande e velho mestre, adorado por milhões de pessoas, recusava-se a iniciar qualquer pessoa na condição de discípulo. Durante toda a sua vida, sempre, ele foi solicitado por reis, foi solicitado por pessoas muito ricas, foi solicitado por grandes ascéticos, santos, para serem iniciados como seus discípulos, e ele continuava se recusando. Ele sempre dizia: “A menos que eu encontre um homem que o mereça, a menos que eu encontre um homem que seja digno disso... não vou iniciar nenhum José, Pedro ou Antônio”.

Ele tinha um rapaz baixinho que costumava cozinhar para ele, lavar suas roupas, trazer vegetais do mercado. O próprio menino foi envelhecendo lentamente, e durante toda a sua vida havia escutado o velho mestre, que viveu quase cem anos, e, sem exceção, a sua negação: ninguém é merecedor. “Eu vou morrer”, disse ele, “sem iniciar ninguém, mas não iniciarei alguém que não seja merecedor”.

As pessoas ficaram cansadas, frustradas. Elas adoravam aquele homem, ele tinha enormes qualidades, mas não conseguiam entender sua atitude tão obstinada – sem bondade, sem misericórdia.

Mas certa manhã o velho mestre acordou seu companheiro, que também havia envelhecido, e lhe disse:

– Corra imediatamente colina abaixo até o mercado e diga a todos que quem quiser ser iniciado deve vir logo, porque esta noite, quando o sol se puser, eu vou morrer.

Seu companheiro disse:

– Mas e quanto ao merecimento?... Eu não sei quem merece e quem não merece. Quem eu devo trazer?

O velho mestre disse:

– Não se preocupe. Isso foi só um artifício, porque eu mesmo não era digno de iniciar ninguém, mas era contra a minha dignidade dizer isso. Então optei pelo outro caminho. Eu dizia: “A menos que eu encontre alguém suficientemente digno, suficientemente merecedor, não vou iniciar ninguém”. A verdade é que eu não era digno de ser um mestre. Agora eu sou, mas o tempo é muito curto. Somente esta manhã, quando o sol estava nascendo, minha própria consciência também chegou ao ponto máximo. Agora estou pronto. Agora não importa quem é digno e quem não é. O que importa agora é que eu sou digno. Então vá e encontre alguém! Simplesmente vá e deixe toda a aldeia saber que este é o último dia da minha vida, e qualquer um que queira ser iniciado deve vir imediatamente. Traga o máximo de pessoas que puder.

O companheiro do velho mestre estava confuso, mas não havia tempo para discussões. Desceu correndo a colina, chegou ao mercado e gritou para toda a aldeia:

– Quem quiser se tornar um discípulo, o velho mestre agora está pronto.

As pessoas não conseguiam acreditar. Mas, por curiosidade, alguns pensaram: “Não há mal nenhum em ver o que está acontecendo”. Durante toda a sua vida ele havia se recusado, e no seu último dia de vida de repente acontece essa grande mudança? A esposa de alguém havia morrido e o homem estava se sentindo solitário, e então pensou: “Isso é bom. Se ele vai iniciar todos, sem questionar o merecimento...” Alguém havia sido solto da prisão na noite anterior e pensou: “Ninguém vai me dar emprego; esta é uma boa chance de me tornar um santo”.

Todos os tipos de pessoas estranhas foram até a caverna do velho mestre, e seu companheiro estava se sentindo muito embaraçado diante do tipo de pessoas que ele havia trazido: um deles era um criminoso, a esposa de outro

havia morrido e por isso pensou: “É melhor... o que mais devo fazer?”. Alguém havia ido à falência e estava pensando em cometer suicídio; então achou que ir seria melhor que cometer suicídio. Alguns haviam vindo apenas por curiosidade. Não tinham outro trabalho; estavam jogando cartas e pensaram: “Podemos jogar cartas amanhã, mas hoje não tem problema, vamos ver o que é essa iniciação. De qualquer modo esse homem vai morrer à noite e por isso estaremos livres para permanecer discípulos ou não. Podemos jogar cartas amanhã, não tem problema”.

O companheiro do velho mestre estava se sentindo muito embaraçado: “Como vou apresentar esse estranho grupo de pessoas quando o mestre já recusou reis, santos, sábios, que vieram com total seriedade para serem iniciados? E agora ele vai iniciar esta gangue!”. Ele estava se sentindo até envergonhado, mas entrou e perguntou:

– Devo chamar as pessoas? Vieram onze.

O velho mestre disse:

– Chame-os depressa, porque já está quase anoitecendo. Você demorou tanto e só conseguiu encontrar onze pessoas?

Seu companheiro disse:

– O que eu posso fazer? Hoje é um dia útil; não é dia de descanso. Só consegui estes. Todos são totalmente inúteis; nem eu os iniciaria. Não que eles não sejam dignos – eles são certamente *indignos*. Mas o senhor insistiu em que eu trouxesse alguém; não havia mais ninguém disponível.

O velho mestre disse:

– Não há problema. Mande-os entrar. – E ele os iniciou a todos. Mesmo eles ficaram chocados. E disseram ao velho mestre:

– Este é um comportamento estranho. Durante toda a sua vida o senhor insistiu em que uma pessoa tinha que merecer ser um discípulo. O que

aconteceu com o seu princípio?

O velho mestre riu e disse:

– Aquilo não era um princípio, era apenas para esconder a minha ausência de mérito. Eu ainda não estava na posição de ser um mestre. E eu não podia enganar ninguém, não podia iludir ninguém; por isso, me abriguei por trás de uma atitude julgadora, a de que, a menos que vocês merecessem, não receberiam a iniciação.

Obviamente, ninguém era merecedor.

Todos tem suas próprias falhas, fraquezas; todos fazem coisas que nunca quiseram fazer. Todos se desviam do caminho. Ninguém pode se dizer absolutamente puro; todo mundo está contaminado. Então, quando o homem insistia que “a menos que sejam merecedores, não voltem a me procurar”, ninguém discutia com ele; ele estava certo. Primeiro eles tinham que ser merecedores!

No último dia, ele disse para aqueles onze discípulos:

– Eu os abençoo e os inicio. Não importa se vocês merecem ou não, mas pela primeira vez eu mereço. E se eu realmente mereço, minha simples presença vai purificá-los. O meu merecimento de ser um mestre vai torná-los discípulos dignos. Agora eu não preciso depender do seu merecimento. O meu merecimento é suficiente.

“Eu sou como uma nuvem de chuva; vou chover sobre todo este local – nas montanhas, nas ruas, nas casas, nas fazendas, nos jardins. Vou chover em toda parte, porque eu também estou sobrecarregado com a minha chuva. Não importa se o jardineiro merece... Eu nunca fiz nenhuma distinção entre o jardim e as rochas. Vou simplesmente descarregar a minha abundância”.

Se as suas meditações o trouxerem para o estado de uma nuvem de chuva, você perdoará sem qualquer julgamento, a partir da sua abundância do seu

amor, da sua compaixão.

Na verdade, eu gostaria de fazer a afirmação de que o homem não merecedor merece mais que o homem merecedor. O homem merecedor merece mais, porque ele é muito pobre; não seja duro com ele. A vida foi dura com ele. Ele se desviou do seu caminho; ele sofreu por causa dos seus malfeitos. Então, não seja duro com ele. Ele precisa de mais amor do que aqueles que merecem; ele necessita de mais perdão do que aqueles que são merecedores. Esta deve ser a única abordagem de um coração religioso.

Sua questão foi levantada diante de Gautama Buda porque ele ia iniciar um assassino no *sannyas* – e o assassino não era um assassino comum. Rudolf Hess não era nada comparado a ele. Seu nome era Angulimala – *angulimala* significa um homem que usa um cordão feito de dedos humanos. Ele havia feito um juramento de que iria matar mil pessoas; de cada pessoa ele tiraria um dedo, para poder se lembrar de quantos havia matado, e faria uma guirlanda com todos aqueles dedos.

Em sua guirlanda de dedos, Angulimala tinha novecentos e noventa e nove – apenas um estava faltando. E esse estava faltando porque a sua estrada estava fechada; ninguém vinha por aquele caminho. Mas Gautama Buda entrou naquela estrada fechada. O rei havia colocado guardas na estrada para impedir as pessoas, particularmente estranhos que não sabiam que um homem perigoso vivia atrás das colinas. Os guardas disseram a Gautama Buda: “Esta não é a estrada a ser usada. O senhor terá que tomar um caminho um pouco mais longo, mas é melhor andar um pouco mais do que ir para a própria boca da morte. Este é o lugar onde mora Angulimala. Nem o rei tem coragem de andar nesta estrada. Esse homem é simplesmente louco”.

“A mãe dele costumava ir até lá. Ela era a única pessoa que costumava ir lá de vez em quando, para vê-lo, mas até ela parou de ir. A última vez em que

ela esteve lá, ele lhe disse: ‘Agora só um dedo está faltando, e só pelo fato de você ser minha mãe... eu quero adverti-la que se você vier aqui de novo não voltará. Eu preciso desesperadamente de mais um dedo. Até agora não a matei porque outras pessoas estavam disponíveis, mas agora ninguém mais passa nesta estrada, exceto você. Então, quero que você fique ciente de que na próxima vez que vier será responsabilidade sua, não minha’. Desde essa época sua mãe não voltou mais lá”.

Os guardas disseram a Buda:

– Não corra esse risco desnecessariamente.

E sabem o que Buda lhes disse?

Buda disse:

– Se eu não for, quem irá? Só duas coisas são possíveis: ou eu o modifico, e eu não posso perder esse desafio; ou eu lhe darei o dedo para que seu desejo seja satisfeito. De todo modo, vou morrer um dia. Dar minha cabeça a Angulimala será pelo menos de algum uso; do contrário, um dia vou morrer e vocês me colocarão na pira funerária. Acho que é melhor satisfazer o desejo de alguém e dar paz à sua mente. Ou ele vai me matar ou eu vou matá-lo, mas esse encontro vai acontecer; apenas me mostre o caminho.

As pessoas que costumavam seguir Gautama Buda, seus companheiros próximos que estavam sempre competindo para estarem mais próximos dele, começaram andar lentamente. Logo havia quilômetros entre Gautama Buda e seus discípulos. Todos queriam ver o que ia acontecer, mas não queriam estar próximos demais.

Angulimala estava sentado em sua rocha, observando. Ele não conseguia acreditar em seus olhos.

– Pare! – Gautama Buda estava a apenas poucos metros, e a Angulimal disse: – Não dê mais nem um passo porque então a responsabilidade não será

minha. Talvez o senhor não saiba quem eu sou!

Buda disse:

– Você sabe quem você é?

Angulimala disse:

– Esta não é a questão. Não é o lugar nem a hora de discutir essas coisas.

Sua vida está em perigo!

Buda disse:

– Eu acho o contrário: a sua vida está em perigo. Aquele homem disse:

– Achava que eu era louco – mas você é totalmente insano e continua se aproximando. Então não diga que eu matei um homem inocente. Você parece tão inocente e tão belo que eu quero que volte atrás. Eu encontrarei outra pessoa, posso esperar; não há pressa. Se consegui lidar com novecentos e noventa e nove... só falta mais um, mas não me obrigue a matá-lo.

Buda disse:

– Você está absolutamente cego. Não consegue enxergar uma coisa simples. Eu não estou me movendo na sua direção, você é que está se movendo na minha direção.

Angulimala disse:

– Isso é pura loucura! Qualquer um pode ver que você está se movendo e eu estou parado de pé na minha rocha. Não me movi um único centímetro.

Buda disse:

– Bobagem! A verdade é que desde o dia em que me tornei iluminado não me movi um único centímetro. Eu estou centrado, totalmente centrado, sem movimento. E a sua mente está continuamente se movendo em círculos... e você tem a coragem de me dizer para parar? Pare você! Eu já parei muito tempo atrás.

Angulimala disse:



– Parece que você é impossível, você é irremediável. Está prestes a ser morto. Eu vou lamentar, mas o que posso fazer? Nunca vi ninguém tão louco.

Buda chegou muito perto, e as mãos de Angulimala estavam tremendo. Aquele homem era tão belo, tão inocente, como uma criança. Angulimala já havia se apaixonado. Havia matado tantas pessoas... Mas nunca sentira essa fragilidade; nunca havia conhecido o amor. Pela primeira vez ele estava cheio de amor. Assim, havia uma contradição – a mão segurava a espada para matar a pessoa, e o seu coração dizia: “Coloque a espada de volta em sua bainha”.

Buda disse:

– Eu estou pronto, mas por que sua mão está tremendo? Você é um fantástico guerreiro, até reis têm medo de você, e eu sou apenas um pobre mendigo. Exceto pelo prato de esmolas, não tenho nada. Você pode me matar e eu me sentirei imensamente contente de que afinal minha morte tenha satisfeito o desejo de alguém; minha vida foi útil, minha morte também foi útil. Mas antes que você corte a minha cabeça tenho um pequeno desejo, e acho que você vai me permitir um pequeno desejo antes de me matar.

Antes da morte, até o mais feroz inimigo tem o direito de ter qualquer desejo satisfeito.

Angulimala perguntou:

– O que você quer?

Buda disse:

– Eu quero apenas que você corte da árvore um ramo todo coberto de flores. Nunca verei estas flores de novo; quero ver estas flores de perto, sentir sua fragrância e sua beleza nesta manhã de sol, sua glória.

Então Angulimala cortou um ramo repleto de flores com sua espada. E, antes que pudesse dá-lo a Buda, este falou:

– Essa foi apenas a metade do desejo; a outra metade é, por favor, coloque o ramo de volta na árvore.

Angulimala disse:

– Desde o início eu estava achando que você era louco. Ora, esse é o desejo mais louco. Como posso colocar este ramo de volta ao seu lugar?

Buda disse:

– Se você não pode criar, não tem o direito de destruir. Se você não pode dar a vida, não tem o direito de dar a morte a qualquer coisa viva.

Houve um momento de silêncio e um momento de transformação... a espada caiu de suas mãos. Angulimala lançou-se aos pés de Gautama Buda e disse:

– Não sei quem você é, mas quem quer que seja, leve-me para o mesmo espaço em que você está; me inicie.

Naquela altura, os seguidores de Gautama Buda foram se aproximando cada vez mais. Vendo que agora Gautama Buda estava de pé na frente de Angulimala, não havia problema, não havia temor, embora ele necessitasse de apenas um dedo. Eles estavam todos em volta e, quando viram Angulimala cair aos pés de Buda, imediatamente se aproximaram mais. Alguém levantou a questão:

– Não inicie este homem, ele é um assassino. E não é um assassino comum; ele matou novecentas e noventa e nove pessoas, todas inocentes, todas estranhas. Elas não lhe fizeram nenhum mal. Ele nunca as havia visto antes!

Buda disse de novo:

– Se eu não o iniciar, quem vai iniciá-lo? E eu amo o homem, amo a sua coragem. Posso ver enormes possibilidades nele: um único homem lutando contra o mundo inteiro. Eu quero esse tipo de pessoa, que pode ficar contra o

mundo todo. Até agora ele estava contra o mundo todo com uma espada; agora ele vai se colocar contra o mundo com uma consciência que é bem mais afiada que qualquer espada. Eu disse a vocês que o assassinato iria acontecer, mas não era certo quem seria assassinado – se seria eu ou Angulimala. Agora vocês podem ver que Angulimala foi assassinado. E quem sou eu para julgar?

Ele iniciou Angulimala.

A questão não é se alguém merece ou não. A questão é se a pessoa tem consciência, se ela tem a abundância do amor – então o perdão virá espontaneamente. Não é um cálculo, não é aritmética.

Vida é amor, e viver uma vida de amor é a única vida religiosa, a única vida de oração, de paz, a única vida de gratidão, de grandeza, de esplendor.

## O sabor do entendimento

Nesta existência, ninguém é forasteiro. O pecador e o santo não são dois mundos separados. O verdadeiro santo é aquele que optou por se tornar tão consciente que surge nele um terceiro – um observador, uma testemunha, – que pode observar o pecador, que pode observar o santo, e que sabe que o santo e o pecador são dois lados da mesma moeda.

*Por favor, explique o que é uma “atenção correta”. Ouvi você dizer que isso não é um objetivo ou algo a ser praticado. Então, o que é?*

*Atenção correta* é um termo estranho. Em primeiro lugar, não há uma mente nela; por isso ela é chamada de *atenção correta*. Em segundo lugar, não há nada certo ou errado nela; por isso ela é chamada de *atenção plena correta*. Esta é uma maneira budista de dizer as coisas.

Ela não pode ser um objetivo, porque quando há um objetivo você está sempre do lado errado. Por que você está do lado errado quando há um objetivo? Porque quando há um objetivo há desejo, e quando há desejo você está infeliz, descontente. Quando há desejo, há ansiedade: você conseguirá ou não satisfazê-lo? Aquilo será ou não possível? Quando há desejo, há futuro, e com o futuro a ansiedade penetra em seu ser. Com o desejo você perdeu o contato com o presente.

A atenção plena correta não é um objetivo, não pode ser um objetivo.

Quando todo o desejo desaparece, os objetivos desaparecem e você está aqui e agora, esse é o momento da atenção plena correta.

Por que ela é chamada de “atenção plena correta”? Ela é chamada de plena correta porque não conhece a divisão entre o certo e o errado. Nada é errado e nada é certo; todos os julgamentos desapareceram. A pessoa é totalmente inocente. Quando você vê uma rosa, surge em você a ideia “ela é certa, ela é errada?”. Quando você vê a estrela da manhã desaparecendo, surge em você a ideia “isto é certo ou errado?”.

Quando você começa a olhar a vida sem julgamento, sem preconceito, então você está no estado da atenção plena correta.

Jesus disse: “Não julgueis”. Jesus também disse: “Não resistais ao mal”. Nem mesmo ao mal se deve resistir. Surge então a atenção plena correta. Quando a pessoa não é moral nem imoral, quando ela é amoral como as árvores, os animais, as aves e as feras, quando ela é inocente como uma criança pequena que acabou de abrir os olhos, sem ideias... então, nesse silêncio, nessa pureza, estará a atenção plena correta.

Por que ela é chamada de plena correta? É chamada de plena correta porque agora ela não conhece nada como certo e errado – ela não conhece divisão, ela é indivisível. A aceitação é total, e por isso ela é chamada de plena correta. A pessoa caiu na essência da existência. Não está mais ali se portando como um juiz.

Julgar é errado. Estar em um estado de não julgamento é certo. O certo não é contra o errado, mas é certo porque todo certo e errado desapareceram. A pessoa não tem opinião. A pessoa não carrega uma filosofia na mente. Ela é simplesmente um espelho. Quando ela fica diante do espelho, o espelho não lhe diz: “Você é bonita, você é feia”. Ele simplesmente reflete. Reflete sem condenação, sem apreciação – reflete sem escolha. Apenas reflete. Quando a

consciência se tornou um espelho e simplesmente reflete o que quer que seja, você tem a atenção plena correta. Essa qualidade do espelho...

E não é um objetivo, porque todo objetivo criará poeira no espelho. Todo objetivo estimulará desejos, e os desejos cercam o seu espelho como uma névoa, e então o reflexo não é verdadeiro; logo o essencial não é refletido. Quando uma pessoa tem alguma ideia, ela não pode ser verdadeira em relação à realidade. Ela distorce a realidade segundo a sua ideia. Ela tenta moldar a realidade de acordo com a sua ideia, ela tenta modificar a realidade. Ela continua buscando a sua ideia. Está buscando apoio; gostaria que a realidade apoiasse a sua ideia. Ela gostaria que a realidade concordasse com ela, e então ela a distorce – e começa a ver coisas que não estão ali e para de ver as coisas que estão ali. Então começa a viver em um mundo mental.

Viver na mente é errado. Viver sem a mente é certo, porque sem a mente a consciência existe na sua pureza, como um espelho – ela simplesmente reflete. Não diz nada, não tem interpretação. Ela não interpreta nada.

Então por que ela é chamada de atenção plena correta? Esta é a tradução de um termo budista, *sammasati*. *Samma* significa certo – a tradução não é muito exata, não pode ser. *Samma* é uma palavra muito estranha, muito importante, tem muitos significados; correto é um dos seus significados. *Samma* é a raiz da qual surge *samadhi*; a palavra *samadhi* vem de *samma*. *Samma* significa muitas coisas. Tranquilidade, silêncio, equanimidade, equilíbrio, vigilância, imperturbabilidade, centramento, enraizamento – todos esses são aspectos do *samma*. “Correto” é uma tradução muito pobre de *samma*. E *sati* – *sammasati*. *Sati* pode significar atenção, pode significar lembrança, pode significar reflexão, pode significar recolhimento, pode significar presença. Todos esses significados estão envolvidos nessa palavra. A atenção é apenas um dos significados. *Sammasati* é uma palavra muito

poderosa e significativa.

*Sammasati* é o sétimo passo dos oito passos de Buda – é quando a pessoa está muito próxima da realidade. O oitavo é *samadhi*, o sétimo é *sammasati*. A pessoa chegou muito perto; está bem no limiar da realidade – isto é muito significativo. Quando a pessoa está totalmente presente no presente, quando ela não tem nenhum passado e não tem nenhum futuro... quando este pássaro cantando, este trem passando, este cão latindo é tudo... quando *isso* é tudo e não há *aquela*, quando a palavra *aqui* é toda a sua realidade e não há o *lá*, quando o *agora* contém todo o tempo e não há o *depois*... então você está no estado de *sammasati*.

Isso é que eu chamo de “aqui e agora” – isso é *sammasati*. Então a pessoa está totalmente presente, absolutamente presente. Quando algo está acontecendo na sua mente com relação ao passado, você não está aqui; uma parte sua está viajando rumo ao passado, e uma parte sua está viajando rumo ao futuro – somente um pequeno fragmento está aqui. Quando todas as partes do seu ser estão aqui, quando você está totalmente em casa, nada está faltando, quando você está totalmente integrado aqui, então isso é atenção plena correta. Neste momento você refletirá a respeito da realidade – como ela é, sem nenhuma distração, sem nenhuma distorção. Se você não tem nenhum pensamento na mente, como você pode distorcê-la? O pensamento distorce, o pensamento é destrutivo. Ele continua se impondo – não permite a você ver aquilo que está ali.

A atenção plena correta é um estado de não mente (no-mind), de não pensamento!

E lembre-se: é também um estado de não sentimento – do contrário, pode-se pensar que ela seja um estado de sentimento. Não, não é – porque sentir de novo cria ondas e a superfície do lago fica perturbada, e mais uma vez a lua

não é refletida como ela é.

Nenhum pensamento perturba a pessoa, nenhum sentimento.

Estes são os três estados: o primeiro é o pensamento – o estado mais perturbado; o segundo é o sentimento – menos perturbado que o pensamento, mas ainda perturbado; o terceiro é o ser – absolutamente imperturbável. O primeiro está na cabeça, o segundo está no coração, o terceiro está no seu abdômen. A atenção plena correta é um estado no abdômen: sem cabeça, sem coração. Você simplesmente existe, indefinido, indefinível.

Você me pergunta: “Por favor, explique o que é atenção plena correta. Ouvi você dizer que ela não é um objetivo ou algo a ser praticado. Então o que é?”.

Sim, não é uma prática. Não se pode praticá-la porque a prática introduz o objetivo! A prática é desejo, a prática é mente. E lembre-se: sempre que se pratica algo está-se impondo algo contra si mesmo, do contrário por que praticá-lo? Contra quem se está praticando? Quando pratica a verdade, o que você fará? Reprimirá a inverdade – mas a inverdade irá permanecer ali, profundamente dentro de você, pronta para explodir a qualquer momento. Ela vai se acumulando.

Quando você pratica o amor, o que você fará? Reprimirá o ódio. Quando você pratica a compaixão, o que fará? Reprimirá a raiva. E tudo o que é reprimido irá permanecer dentro de você, e tudo o que for praticado permanecerá na superfície, e tudo o que for rejeitado irá penetrar profundamente em seu ser. A vontade frustrada torna-se parte do seu ser e a vontade praticada permanecerá apenas como um revestimento, uma pintura na superfície.

E lembre-se: quando pratica algo, você tem raiva disso. E é natural, porque toda prática o divide, o torna esquizofrênico. Uma parte sua está



tentando manipular a outra parte. Uma parte sua está tentando impingir algumas ideias à outra parte. E a parte que está tentando forçar coisas em você é uma parte muito impotente, mas é articulada – a sua cabeça. Ela não tem poder, mas é muito articulada, muito esperta, muito perspicaz, muito argumentativa. E a cabeça vai se impondo sobre o seu corpo, sobre o seu coração, que têm muito mais potencial, que são bem mais poderosos; ambos têm fontes de energia, mas não são articulados, não são argumentativos – são silenciosos. E a cabeça continua com a pretensão de estar praticando... e então surge uma situação e toda a prática é abandonada – porque a cabeça não tem energia.

A pessoa pensa durante anos que nunca mais terá raiva, e então um dia alguém a insulta e em um único momento ela esquece toda essa prática. Ela está com raiva! Quando ela percebe que está com raiva, a raiva já aconteceu. Ela está queimando, está inflamada. De onde vem esse fogo? E os anos de prática? Essa prática estava apenas na superfície. A mente tinha a pretensão; como não havia nenhuma situação a provocando, a mente conseguia fazer de conta. Agora a situação surgiu e a mente não consegue mais fingir. A realidade se impõe.

Por isso no decorrer dos séculos as chamadas pessoas religiosas fugiam da sociedade, fugiam da vida. Por quê? Elas fugiam de situações em que a sua prática podia se mostrar errada; elas não faziam mais nada. Indo para o Himalaia, elas estavam simplesmente fugindo do mundo – porque o mundo traz situações! E a sua chamada prática, sua religião e sua disciplina se rompem repetidas vezes. Alguém as insulta ou uma bela mulher passa por elas e todo o seu celibato, todo o seu *brahmacharya* e todas as suas ideias desaparecem. Uma única bela mulher é suficiente para destruir todos os seus anos de celibato.

Elas fogem das mulheres, fogem do mundo, fogem do dinheiro e do mercado – sabem que só conseguem ser morais, religiosas e santas quando não há uma situação que provoque a sua realidade. Então a mente pode continuar fazendo o jogo em um mosteiro. Quando não há desafio, a mente parece ser o senhor. Quando há desafio, a mente não é mais um senhor.

Qualquer coisa que essas pessoas pratiquem continua falsa. Jamais qualquer coisa real surgiu da prática. Cuidado com isso. O real só acontece através do entendimento, não através da prática. E qual é a diferença?

O entendimento vai dizer: Permaneça onde as situações surgem, permaneça onde os desafios o cercam. Esteja onde as provocações e as tentações existem. Teste-se ali. Entre nas situações! O entendimento dirá: se a raiva surgir, entre na raiva e veja o que ela é. Observe a si mesmo – não confie no julgamento de nenhuma outra pessoa a respeito dela. Penetre dentro de si mesmo! Deixe-se inflamar pela raiva. Permita a ela que deixe cicatrizes no seu ser – porque só se aprende da maneira mais difícil. Somente a sua experiência vai dizer a você repetidas vezes que a raiva é estúpida – não que ela seja um pecado! É simplesmente estúpida. E quando o entendimento se aprofunda, a raiva vai aparecer cada vez menos. Um dia... o entendimento toca o centro do seu ser, a luz penetra em você. Você vê através dessa luz que a raiva é inútil; nesse exato momento a raiva desaparece e não há nenhuma repressão.

Lembre-se do seguinte: a repressão é uma armadilha para TODAS aquelas pessoas que querem transformar suas vidas – elas têm que evitar a repressão. A indulgência não é tão ruim, porque a indulgência pode um dia trazer o entendimento, mas a repressão nunca trará o entendimento. Como entender algo que você continua reprimindo e você não olha para dentro daquilo? – continua encobrindo-o, continua lançando-o no porão do seu ser.

E lembre-se de que quanto mais você praticar, mais fingirá, mais raiva haverá em sua própria prática. A parte verdadeira em você, seu abdômen terá raiva.

O jovem intelectual estava criticando sua namorada.

– Jane – protestava ele, – eu não acho que você seja a garota certa para mim. Meus interesses são arte, literatura e música. Você só está interessada em esportes, jogos, atividades comuns que me são totalmente estranhas. Na verdade, para ser bem direto – você não tem inteligência!

– Sem inteligência! – explodiu ela. – Eu?! Do que você está falando? Sem inteligência! Eu não fui com você a óperas, concertos, conferências e todo esse tipo de porcaria?!

É isso que irá acontecer. Você pode continuar praticando, mas no fundo sabe que está reprimindo, que está rejeitando, que está negando algumas partes essenciais do seu ser.

A atenção plena correta é o sabor do entendimento, não o resultado da prática. A atenção plena correta é a fragrância – a fragrância de se enxergar as coisas profundamente, a fragrância do *insight*.

*Criado por um pai que era perfeccionista, externamente imparcial e interiormente hipercrítico de tudo e de todos, agora vejo o meu condicionamento em grande parte operando de formas muito contraditórias. Fui condenado por ser crítico e dogmático, e ao mesmo tempo estimulado a ser “exigente”. Agora sinto que algo na minha inteligência está bloqueado, danificado, hesitante e temeroso. Mesmo na comunidade, tenho sido repetidas*

*vezes criticado por ser crítico demais quando com frequência eu achava minhas declarações relevantes e válidas. Qual é a diferença entre julgamento, discriminação e a real clareza? E como uma criança, ou um homem de quarenta e três anos, vai saber a diferença?*

A mente não pode deixar de fazer julgamentos. Se vocês a obrigarem a não fazer julgamentos, haverá um bloqueio na sua inteligência. Então a mente não conseguirá funcionar perfeitamente.

Não fazer julgamentos não é algo que venha dentro da área da mente. Somente um homem que foi além da mente pode não fazer julgamentos; até então o que parece a você ser uma declaração factual, válida, o é apenas na aparência.

Tudo o que a mente decide ou afirma é prejudicado pelo seu condicionamento, por seus preconceitos – é isso que a torna julgadora.

Por exemplo, você vê um ladrão. É um fato que ele vem roubando – não há dúvida sobre isso –, e você faz uma afirmação sobre o ladrão. Certamente, roubar não é bom, e por isso quando você chama um homem de ladrão sua mente diz: “Isso é válido. Sua afirmação é verdadeira”.

Mas por que um ladrão é mau? – e o que é a maldade? Por que ele tem sido obrigado a roubar? E o ato de roubar é um ato isolado: baseado em um ato isolado você faz um julgamento sobre a totalidade da pessoa. Você o está rotulando de ladrão. Ele também faz muitas outras coisas, não só roubar. Ele pode ser um bom pintor, pode ser um bom carpinteiro, pode ser um bom cantor, um bom dançarino – o homem pode ter mil e uma qualidades. O homem inteiro é tão grande, e o fato de ele roubar é uma ação isolada.

Baseado em um ato isolado, você não pode fazer uma afirmação sobre a

totalidade da pessoa. Você não conhece a pessoa. E nem sequer sabe em que condições o ato aconteceu. Talvez naquelas condições você também tivesse roubado. Talvez naquelas condições roubar não fosse ruim... porque todo ato está relacionado às condições.

Já contei muitas vezes a vocês a história de quando Lao-Tsé foi nomeado juiz da suprema corte da China. O primeiro caso foi contra um ladrão que havia roubado a metade dos tesouros do homem mais rico da capital. E ele foi preso em flagrante, e por isso não havia dúvida sobre o seu roubo. Ele também confessou que havia roubado.

Lao-Tsé chamou o homem cuja casa o ladrão havia invadido e roubado, e lhe disse:

– Na minha opinião, vocês são ambos criminosos. Em primeiro lugar, por que você acumulou tanta riqueza? Toda a capital está faminta e pobre. Você não pode comer sua riqueza e continua explorando essas pessoas, sugando o seu sangue.

“Este homem foi obrigado a roubar. Sua mãe está morrendo. Ele não conseguiu encontrar um médico que fosse vê-la sem cobrar; ele não podia obter remédios sem dinheiro. Ele está batendo em todas as portas para conseguir emprego, e não há emprego. O que você quer que este homem faça? Ele está pronto para trabalhar, mas não há trabalho disponível. Ele tem implorado aos médicos, mas ninguém está disposto a ouvi-lo. Eles dizem: ‘Todos os dias milhares de pessoas pobres estão chegando. Como podemos lidar com isso?’. E onde ele vai conseguir esses remédios caros? Esse foi um último recurso. Este homem não é um ladrão. O roubo foi o último recurso para salvar sua mãe que está morrendo.

“E roubar a sua casa certamente não é um crime. Em primeiro lugar, você cometeu o crime básico de acumular riqueza. E este ladrão, este chamado

ladrão, é um homem com uma mente muito justa: ele só pegou metade do seu tesouro. Ele poderia ter roubado todo ele, mas deixou a metade do seu tesouro em segurança; ele simplesmente o dividiu ao meio.

“Ele não é um ladrão. As circunstâncias o forçaram a ser um ladrão. Mas você nasceu um ladrão. Seu pai esteve explorando as pessoas, o pai do seu pai esteve explorando as pessoas; você está fazendo o mesmo. Por sua causa, todo este lugar está pobre, morrendo, passando fome.”

“Agora, o que você quer que eu julgue? Vou mandar ambos para a cadeia por seis meses. Estou sendo injusto com o ladrão, porque ele fez uma coisa muito pequena, enquanto você é um criminoso nato e está roubando todos os dias dos pobres de diferentes maneiras. Ele só cometeu um ato.”

O homem rico certamente ficou aborrecido. Ele não estava acostumado a ouvir essas coisas – ele poderia ter comprado os juízes da suprema corte. Ele disse:

– Espere. Primeiro eu gostaria de ver o imperador. – Até o imperador lhe devia dinheiro; quando ele esteve em dificuldades, o homem havia emprestado dinheiro ao imperador para ele invadir outros países ou para a defesa.

Ele foi até o imperador e disse:

– Que tipo de homem o senhor colocou na suprema corte de justiça? Ele está me condenando a seis meses de prisão – junto com o ladrão! E disse que está sendo injusto com o ladrão porque ele só cometeu um ato de roubo e nós estamos fazendo a mesma coisa, com diferentes nomes, há gerações; que toda a nossa vida consiste em exploração. Lembre-se, se eu for para a prisão, amanhã você estará arruinado, pois de onde você reuniu todo este dinheiro, todo este império? Segundo aquele homem, o senhor é mais ladrão do que eu. Se quiser se salvar, demita esse homem.

Lao-Tsé foi demitido imediatamente. Ele disse:

– Eu disse a você antes que eu não seria adequado porque não funciona através da mente. Funcionar através da mente é ser parcial. Eu funciona através do silêncio. Simplesmente vejo a realidade como ela é – sem qualquer preconceito, sem qualquer opinião, sem qualquer conclusão previamente estabelecida.

Um dos tribunais da América abriu um processo contra mim, e o juiz estava escolhendo os jurados. Eram necessários onze jurados, e ele teve que entrevistar sessenta pessoas, pessoas eminentes da região. Ele simplesmente perguntou:

– Vocês podem julgar esse homem sem prejulgamento? Eles disseram que não; que já tinham uma opinião a meu respeito. Eles foram rejeitados. E não conseguiram encontrar onze jurados que pudessem dizer, fazer o juramento de que não tinham um prejulgamento. Finalmente, o juiz teve que assumir o caso em suas próprias mãos. Mas qual era a garantia de que o juiz não teria prejulgamento?... Todas essas pessoas tinham suas opiniões; e estavam projetando suas próprias opiniões. A mente não consegue fazer diferente.

Então, quando os pais ensinam seus filhos a não fazerem julgamentos – e as crianças têm plena noção de que seus pais estão continuamente julgando –, por um lado eles perdem o respeito dos filhos e por outro as crianças se tornam hipócritas. Os pais são parciais, mas começam dizendo:

– Isso não é julgamento; estamos simplesmente declarando o fato.

Não é que eles estejam dizendo isso aos outros, estão dizendo a si mesmos. Eles se convencem de que é simplesmente um fato. Mas o problema é que mesmo um fato pode ser apenas a sua opinião. Na opinião de outra pessoa pode não ser um fato, pode ser uma ficção. Por exemplo, Deus é um fato para a mente de milhões de pessoas, e eu digo que isso é uma ficção – a

maior ficção, a maior mentira.

Você pode pensar que algo é bom, mas obteve a ideia de que é bom de outras pessoas – é uma ideia emprestada. Então, está simplesmente refletindo a mente da sociedade dizendo que algo é bom, algo é ruim, algo é belo, algo é feio. E você está absolutamente certo de que esse é um fato.

Mas vou mostrar a você como esses fatos desaparecem quando são simplesmente olhados com mais profundidade, com um pouco mais de consciência. Por exemplo, você pode achar que uma determinada mulher é bonita; não só você pode achar isso, como isso pode ser decidido, por todo um comitê de juízes, que ela é Miss América ou Miss Alemanha; e todo país tem a sua própria ideia de beleza. Pelo fato de você viver em uma determinada área em que todos os demais estão, assim como você, convencidos disso, você nunca suspeita que podem existir outras pessoas que podem não achá-la bonita.

No Oriente, nenhuma dessas mulheres que são escolhidas no Ocidente como as mais bonitas pode ser reconhecida como a mais bonita. O Ocidente julga isso muito mecanicamente: as proporções do corpo em centímetros, o peso... – coisas que podem não ser consideradas bonitas por outros indivíduos. Cada parte tem pontos estabelecidos – a beleza facial, as proporções do corpo, o peso do corpo... Mas antes de se apaixonar por uma mulher alguém, em alguma ocasião, procurou pesá-la e medi-la para chegar à conclusão de que ela é realmente bonita?

Vi fotos dessas mulheres e não conseguia acreditar, porque no Oriente tão pouco peso não seria aceito como bonito. O Oriente tem um conceito diferente de mulher. A mulher deve ter alguma gordura, porque a função básica da mulher é ser mãe. No Ocidente ela faz dieta para entrar na competição; então toda a carne desaparece do corpo e ela fica reduzida a um



esqueleto.

No Oriente, uma mulher com um pouco de gordura no quadril será aceita, porque a gordura é o seu reservatório, alimento, e a função básica da mulher é ser mãe. E uma mulher esquelética, ainda que com um corpo proporcional, não pode se tornar mãe. Ela não tem gordura suficiente, porque durante nove meses lhe será difícil comer; ela terá que viver da sua própria gordura. Se ela não tiver gordura lhe será impossível ser mãe. E ela necessita de seios para poder alimentar a criança. No conceito oriental, isso faz parte da sua beleza.

Então, o Oriente e o Ocidente não vão concordar em que a mesma mulher seja bonita. E se você considerar outros países e outros continentes, como a China, haverá outros fatores diferentes em jogo. Ou no Japão haverá outras coisas – a graça da mulher... Uma mulher que desfila quase nua diante de milhares de pessoas não é graciosa. Ela está quase vendendo o seu corpo. Todas essas competições são pornográficas. As pessoas foram lá para ver diferentes mulheres nuas; elas não estão interessadas na disputa. Mas na Índia ou no Japão não se pode ter esse tipo de disputa. Você vai precisar de uma perspectiva totalmente diferente. A graciosidade da mulher será o aspecto básico, e isso não é de modo algum considerado no conceito ocidental de beleza.

Quando os ocidentais chegaram pela primeira vez na China, escreveram em suas cartas para casa: “Estas pessoas não são humanas: não parecem seres humanos, são um tipo muito estranho. Deve haver algum outro animal que se pareça um pouquinho mais com o homem” – porque eles nunca imaginavam ser possível uma barba com seis fios de cabelo! E ossos da face tão proeminentes não podiam ser aceitos.

Mas os chineses também escreveram sobre os ocidentais que os visitavam, e ainda há registros disponíveis. “Eles parecem macacos. Talvez

Charles Darwin estivesse certo, mas ele está certo somente sobre esses ocidentais, que evoluíram a partir de macacos. Seu comportamento é muito descentrado; sua individualidade não tem graça.”

Então, ambos estão julgando. Ambos são parciais; nenhum é aberto. Nenhum está olhando para o outro sem uma opinião acumulada na infância, por viverem em determinada sociedade com um determinado tipo de pessoa.

Na Índia há uma parte da sociedade hindu chamada *Marwaris*. Eles vivem no Rajastão, mas têm apenas suas casas no Rajastão; seus negócios estão espalhados por toda a Índia. De vez em quando eles voltam para casa; o resto do tempo estão trabalhando em toda parte. São negociantes muito espertos.

Eu costumava ter muita familiaridade com uma família *marwari*. A filha deles ia se casar, e a família que iria recebê-la como nora estava indagando sobre eles na cidade: “Que tipo de pessoas eles são?”. E alguém disse que eles deviam me perguntar porque eu tinha intimidade com aquelas pessoas. Então, me perguntaram. Eu fiquei confuso porque eles me fizeram uma pergunta:

– Quantas vezes eles foram à falência?

Eu disse:

– Esta é uma pergunta estranha!

Eles disseram:

– Não, não é estranha. Na nossa sociedade essa é a maneira pela qual avaliamos a riqueza de uma pessoa. Não vamos à falência porque perdemos o negócio ou tivemos perdas; vamos à falência quando estamos no auge. Cada falência significa pelo menos um milhão de rupias. Então, essa é uma maneira simples de avaliar quanto dinheiro essa família tem. Se eles foram à falência três vezes, isso é bom. Se nunca foram à falência então esse casamento não pode acontecer, porque se eles nunca foram à falência não

terão dinheiro suficiente para dar um dote à sua filha. Não podemos perguntar diretamente – isso é considerado feio –, então temos que indagar indiretamente.

Essa maneira de pensar é especial para eles. Não acho que ninguém no mundo iria pensar que uma pessoa que foi à falência sete vezes tenha alguma riqueza. E quando uma família vai à falência em um lugar, esse lugar se torna inexplorável para ela. Eles exploraram tanto as pessoas e depois foram à falência! Estão fingindo que não têm dinheiro nenhum. Então se mudam. O lar deles, de fato, é no Rajastão; os outros são locais temporários onde eles ganham dinheiro e vão à falência. Depois se mudam daquela cidade para outra cidade distante, onde ninguém sabe que eles foram à falência. De novo iniciam um negócio; de novo acumulam muito dinheiro e de novo vão à falência.

E todo o dinheiro que continua sendo acumulado vai para o Rajastão, para o seu lar. Esses outros lugares são apenas para exploração. E eles não param de se mudar. De cinco a sete anos todo *marwari* se muda, porque nesses sete anos ele ganhou a confiança das pessoas, conseguiu acumular dinheiro, emprestou dinheiro, fez tudo o que pôde fazer, e então vai à falência.

Ninguém mais diz que a falência é algo bom, mas se você for um *marwari* irá falir tantas vezes quantas conseguir! Então o seu prestígio, a sua respeitabilidade vão ficando mais elevados. Em qualquer outro lugar, se uma pessoa for à falência seu prestígio cai.

Há uma tribo na Índia em que quando casam a filha com alguém – é uma tribo aborígine –, eles indagam quantos crimes o rapaz cometeu, porque isso é considerado maturidade. Se ele foi preso, aprendeu os estilos de vida – de modo algum sua filha irá passar fome. Eles entregam sua filha a um cangaceiro!

Quando eu vim a saber sobre essas pessoas... Até o assassinato é valioso, porque significa que estão entregando a filha a um homem que é capaz de tudo, inclusive de matar. A filha estará segura sob a proteção dele e não haverá problemas, porque ele é um ladrão, esteve preso – ele sabe tudo: como enganar as pessoas, explorar as pessoas, trapacear as pessoas. Essa parece ser sua qualificação – mas apenas nessa tribo. Fora dessa tribo tudo será condenado. Quem vai casar a filha com um homem que é um assassino e que andou visitando cadeias com frequência ou já cometeu todos os tipos de crimes? Isso será uma *desqualificação*.

Se você observar o mundo em geral vai ver diferentes condicionamentos das pessoas, suas ideias de bom e mau, de certo e errado, e conseguirá ver, pela primeira vez, que sua mente é também parte de certa porção da humanidade. Não representa nada em relação à verdade; representa simplesmente aquela certa porção da humanidade. E, através dessa mente, sua visão de qualquer coisa será parcial.

Até seus juízes, que precisam ser imparciais, não são imparciais – não podem ser. Deveria ser uma condição clara que antes de uma pessoa se tornar um juiz ela devesse passar por uma meditação profunda. Deveria renunciar à sua religião, deveria renunciar a qualquer outro tipo de ideologia política, deveria renunciar ao passado. A menos que ela experimente o seu vazio, que esteja se tornando limpa e clara, não deverá ser um juiz. Só então se pode esperar que seus vereditos venham a ser factuais – porque ela não tem certas opiniões preestabelecidas. Do contrário ela julga antes mesmo de ter escutado. Ela já se decidiu muito tempo antes.

E o mesmo é verdade sobre todo mundo. Se isso acontece com juízes de quem se espera serem absolutamente imparciais, que darão igual oportunidade para os dois lados do caso, a todos os aspectos do caso, e não

introduzam sua própria opinião... mas aquela opinião já está lá dentro.

Então, consigo entender o seu problema, mas esse bloqueio pode ser removido. Seus pais o ensinaram a não ser parcial, e por isso você tem tentado não ser parcial. Mas você não consegue lidar com isso, porque através da mente só pode ser parcial. Então apenas o nome mudará – você dirá: “Estou declarando um fato. É uma afirmação de um fato”. Mas não é uma simples afirmação de um fato.

Com a mente nada é sua própria percepção, real. Só com a meditação profunda, quando você se torna desconectado da mente e a coloca de lado, poderá afirmar o fato, poderá afirmar a verdade.

Então, o que seus pais estiveram tentando... eles estiveram tentando fazer a coisa certa pelos meios errados. E foi isso que os pais deles fizeram com eles também: “Não façam julgamentos”. Mas o que a mente pode fazer? A mente não pode fazer diferente. Ninguém ensinou a você como ser uma não mente, e somente de um estado de não mente poderá surgir algo que venha a ser simplesmente o fato, sem a interferência dos seus preconceitos.

Quando eu estava no ensino médio, quase todos os dias era enviado pelo menos uma vez ao gabinete do diretor para ser punido por uma coisa ou outra. Eu não pensava naquela época – nem penso agora – que aquilo que eu havia feito estava errado, mas o diretor, o professor, tinham suas próprias opiniões.

Por exemplo, o que pode estar errado se eu for para a escola a cavalo? Eu não acho que haja nada errado nisso. Mas naquela parte do país ninguém ia para a escola a cavalo. Montar um cavalo significa criar confusão. Todos os alunos se reuniam e diziam: “Agora você veio com uma novidade!”. E o homem de quem eu havia pegado o cavalo aparecia correndo atrás de mim! Eu não possuía nenhum cavalo. Naquela aldeia não havia cavalos exceto

aqueles que puxavam um veículo chamado *tanga*. Então, havia cavalos de *tanga*, e quando não havia trem na estação todos os cavalos ficavam esperando em frente às suas casas pastando. Qualquer cavalo fazia isso; eu simplesmente o pegava e ia montado nele até a escola.

Ora, meu ponto de vista era o seguinte: “O que há de errado nisso?”. O problema deles era que eu criava uma perturbação. Então todas as aulas eram interrompidas e os alunos saíam correndo para ver o que eu havia feito naquele dia! Os professores ficavam de pé, gritando: “Não saiam!”. Mas ninguém lhes dava ouvidos. E o homem gritava:

– O cavalo é meu! E esta é a hora que o trem chega e eu tenho de ir para buscar os passageiros... e esse menino de repente pulou sobre o meu cavalo e o trouxe até aqui!

E eu dizia ao dono do cavalo:

– Quanto o senhor vai ganhar com os passageiros? Todo esse dinheiro eu o darei ao senhor – esqueça o trem. Por que estão fazendo uma confusão à toa? O senhor não ganha muito dinheiro: se o senhor ganhar uma rupia para levar quatro passageiros do trem até a aldeia, isso será mais do que o senhor espera. Então, tome uma rupia e a aproveite, porque o senhor nem precisará perder tempo indo até a estação. Como eu montei no seu cavalo, vou dar uma rupia ao senhor. Não fique preocupado, e deixe-me primeiro chegar à minha casa.

Dei a rupia ao homem e ele ficou completamente satisfeito. Ele disse:

– Se for assim, você pode pegar meu cavalo sempre que quiser.

Eu disse ao diretor:

– O senhor pode ver. O homem está feliz, o cavalo está feliz. Ninguém está insatisfeito. Se os alunos correram para fora, isso é entre o senhor e seus alunos. Mas no regulamento da escola não há nada que impeça alguém de vir

para a aula montado num cavalo. Já li várias vezes o regulamento da escola e marquei alguns pontos nele, as brechas que eu posso usar.

Ele disse:

– Nunca imaginei que alguém fosse usar o regulamento da escola contra a escola. É verdade que não há nenhum regulamento proibindo isso.

– Então, por que tanta raiva contra mim?

Todos os dias havia uma coisa ou outra. O diretor costumava me dizer: “Abra a sua mão”. E ele batia em minha mão com sua bengala e até parava de me perguntar o que eu havia feito. Eu lhe disse:

– Assim é melhor: não me pergunte nada, porque mesmo depois de me perguntar o senhor vai me punir; então, qual é a razão de tudo isto? Eles me trazem aqui, o senhor me pune e eu volto para a aula.

Esta é uma sociedade muito esquisita. Ninguém sabe exatamente o que está tentando fazer, ou como a coisa pode ser feita. Todos dizem: “Não julguem” – mas como evitar ser parcial quando, por outro lado, estão dizendo a todos: “Isso é bom, isso é ruim, isso é certo, isso é errado?”.

Todo o ensino da sua moralidade é parcial, e nesse próprio ensino isso também faz parte: “Não sejam parciais”. Vocês estão criando confusão, e a única maneira de a criança ser capaz de sobreviver a essa confusão é se tornando uma hipócrita. Ela vai julgar e vai dizer que não é parcial. Vai acreditar que o seu julgamento é um fato válido. Mas a realidade é tal que não há fato válido: até a ciência tem apenas fatos relativos, não fatos válidos. Só hipoteticamente pode-se dizer que algo é verdade. Amanhã aquilo pode mudar; mais pesquisa pode mudá-lo.

Apenas cem anos atrás a ciência era muito obstinada ao dizer que qualquer coisa que fosse descoberta era uma afirmação sólida da realidade. Atualmente não é mais assim. A situação chegou a um ponto em que agora

não se pode escrever um grande livro sobre a ciência moderna, porque no momento em que o livro for concluído tudo o que foi escrito estará ultrapassado. Por isso, hoje há apenas pequenos periódicos e artigos que são imediatamente impressos, distribuídos e lidos em conferências, porque não se pode ter certeza do amanhã. Amanhã alguém vai descobrir outro fato e todos os resultados dos trabalhos anteriores cairão por terra.

Tudo é relativo.

A mente não consegue encontrar o definitivo. A mente não consegue encontrar o fato real, porque isso é o que a verdade é. A mente só consegue encontrar ficções aproximadas, as quais de algum modo, por um momento, nos ajudam a entender a realidade e a trabalhar com ela.

Então, não se deve transformar isso em um problema e não se deve tentar resolvê-lo no nível da mente. A mente está condenada a ser parcial. Então, não tente fazer o que não pode ser feito. O que pode ser feito é escapar da mente. Pouco a pouco ir além da mente e começar a observar a partir de uma evidência silenciosa. Talvez então o que você vir seja a verdade.

Há uma história sufi de Junnaid. Um de seus discípulos lhe disse:

– Eu confio totalmente em você.

Junnaid disse:

– Não diga uma coisa dessas porque você ainda está na mente, e a verdade absoluta não é uma qualidade da mente. Você veio aqui me procurar para atingir o estado no qual você possa ter uma confiança absoluta, mas neste exato momento não diga isso.

Mas o discípulo era obstinado. Ele disse:

– Confio no senhor. E essa confiança não é algo que possa ser abalado ou retirado. Eu posso dar a minha vida, mas não vou retirar a minha confiança.

Junnaid disse:



– Eu posso acreditar nisso. Você pode dar a sua vida, mas no que se refere à confiança, veremos isso mais tarde.

Alguns dias depois o discípulo viu Junnaid sentado ao lado de uma mulher do outro lado do lago. Esse foi um grande choque, porque os místicos sufis não têm permissão para estar com mulheres. E não apenas isso: a mulher estava despejando vinho em uma taça para Junnaid. Junnaid pegou a taça e bebeu o vinho. E os sufis são contra qualquer tipo de bebida alcoólica!

Isso foi demais. O discípulo foi até o outro lado do lago e disse a Junnaid:

– O senhor matou a minha confiança.

Junnaid disse:

– Eu lhe disse antes que a confiança gerada pela mente não tem muito valor.

O discípulo disse:

– Não tente ainda se mostrar um mestre. O senhor tem enganado as pessoas! Está bebendo vinho, está sentado com uma mulher. – É claro que a mulher estava com o rosto coberto por um véu, como o fazem as mulheres muçulmanas.

Junnaid disse:

– Experimente o vinho. Não é nada senão água, apenas colorida para parecer vinho.

O discípulo o experimentou. Ficou confuso. Então, perguntou:

– Mas por que o senhor fez isso? E Junnaid disse:

– Tire o véu da mulher... ela é minha mãe.

Ele tirou o véu; a mulher era a mãe de Junnaid. Ele caiu aos pés de Junnaid e disse: – Perdoe-me.

Junnaid disse:

– Não há necessidade disso. Eu simplesmente quis deixar claro a você que

não se deve dizer coisas através da mente porque a mente não consegue lidar com a verdade absoluta, a confiança absoluta. Apenas uma mulher sentada a meu lado – se você tivesse confiança, não teria se incomodado com isso. Não é da sua alçada. Você não é meu mestre. Você não se tornou meu discípulo sob a condição de que eu nunca me sentaria ao lado de uma mulher. Você não tem que estabelecer a condição de que só será meu discípulo se eu não beber vinho. Então, por que deve ficar perturbado?

O pobre discípulo estava simplesmente repetindo seu condicionamento social. Mas uma coisa estava clara agora: é errado dizer coisas que a mente não é capaz de dizer.

Então, você não deve se importar com as coisas que seu pai disse a você. Tudo isso é passado, apenas poeira no espelho. Limpe o espelho e chegue a um estado em que o silêncio prevaleça. Então, qualquer coisa que você veja ou diga será uma declaração de fato, porque você não tem nenhuma opinião. Mas carregar essas opiniões e tentar ser imparcial é lutar consigo mesmo desnecessariamente. E essa luta está bloqueando a sua inteligência.

Qualquer luta o divide em dois. Qualquer luta dentro de você é perigosa para a sua inteligência. Quando não está lutando com alguma coisa dentro de você, então tudo fica calmo e tranquilo, sua inteligência tem seu total sabor, perspicácia e beleza. E a inteligência é o nosso único tesouro. É por meio da inteligência que vamos descobrir tudo sobre os mistérios da vida.

Não crie um conflito. E não fique com raiva de seu pai. O que ele fez a você deve ter sido feito a ele antes. Os pais simplesmente continuam transferindo as doenças de uma geração para outra; é um processo inconsciente.

Você pode sair desse círculo totalmente vicioso simplesmente ficando alerta para o fato de que qualquer coisa que tenham ensinado a você, eles

próprios não tinham consciência dela. Eles tinham boa intenção, mas criaram uma confusão em você.

*Você disse que o certo e o errado são determinados pelas sociedades individualmente. Não existem certo e errado universais?*

Não há possibilidade de qualquer divisão entre o certo e o errado no nível mais elevado da consciência universal, pela simples razão de que não há divisão alguma. Ela é uma só.

No Oriente, aqueles que atingiram a consciência universal não são sequer propensos a dizer que ela é uma só, porque “um” implica dois, três, quatro – toda a infinidade de números; o um é apenas o início. Por isso eles usam um conceito muito estranho. Eles dizem que na consciência universal não há o dois; ela não é dual. Para evitar as implicações do um eles usam uma negativa: o não dois.

Os conceitos de certo e errado são locais, sociais, culturais. Em toda sociedade, em épocas diferentes, eles tiveram que mudar seus conceitos porque as circunstâncias mudaram, os climas mudaram; então, naturalmente, algo que era certo tornou-se errado, algo que era errado tornou-se certo. Vamos considerar alguns exemplos.

Maomé casou-se com nove mulheres, e estabeleceu como regra que cada muçulmano se casasse com pelo menos quatro mulheres. Não se casar com quatro significava estar abaixo do conceito muçulmano do que era certo; casar-se com mais mulheres era bom. Isso nos parece uma coisa estranha, mas era algo realmente certo na época de Maomé – essa era a proporção entre

homens e mulheres na Arábia: quatro mulheres para um homem. A razão dessa estranha proporção era porque os homens estavam continuamente lutando e matando uns aos outros, e era considerado indigno um homem matar uma mulher. Então as mulheres estavam sobrevivendo e os homens estavam morrendo.

Em uma sociedade, quando há quatro mulheres para um homem, isso pode ser um problema, um grande problema: só uma mulher vai conseguir um marido. As outras três mulheres vão sabotar o casamento de todas as maneiras possíveis. Vão se tornar prostitutas, e haverá muita inveja e muito conflito... Para evitar isso, Maomé criou uma regra moral – mas que é aplicada apenas naquela circunstância.

Agora, muçulmanos se casarem com várias esposas em outros países é algo simplesmente estúpido, porque as circunstâncias mudaram. Agora, mesmo na Arábia a proporção é igual: um homem para uma mulher. Parece que, uma vez que determinada regra é aceita, as pessoas ficam tão viciadas a ela que se esquecem completamente da circunstância em que a regra foi criada.

Na época de Mahavira, era perfeitamente aceito permitir que milhões de *sannyasins* fossem celibatários. Era algo não apenas moral, mas, segundo eles, também espiritual. Mas se você observar o mecanismo do conceito, ele se torna muito claro. Na época de Mahavira havia menos mulheres e mais homens. A razão disso era que naquela época, na Índia, muitas tribos costumavam matar as meninas quando nasciam, simplesmente para evitar o problema de criá-las e não conseguir que elas se casassem. Esse era um grande problema, porque as garotas só podiam se casar se fossem dados, como dote, muito dinheiro e terras ao homem com quem a garota ia se casar – a menos que ela fosse excepcionalmente bonita, o que raramente era o caso.

E as pessoas eram tão pobres que não podiam se permitir ter uma dúzia de filhas. Era simplesmente impossível lidar com isso.

Não se pode culpar aquelas pessoas por matar as garotas; era melhor do que deixá-las mendigar nas ruas ou deixar que se tornassem prostitutas. Isso era melhor, mas aí surgiu o problema de haver menos mulheres e mais homens; então não houve mais objeção ao celibato – ao contrário, ele era elogiado. Mas se você observar mais profundamente, não havia nada espiritual no celibato, nada moral; tratava-se apenas de algumas circunstâncias. Eles queriam que muitos homens permanecessem solteiros. Como lidar com isso? A menos que se conferisse certo prestígio ao celibato, um *status* mais elevado do que o casamento, a menos que ele fosse colocado em um pedestal mais sagrado, seria impossível os homens permanecerem solteiros. Não se podia simplesmente dizer-lhes: “Há menos mulheres e mais homens; basta olharem os números e permaneçam solteiros. Prestem um pequeno serviço à sociedade”.

Não se pode esperar que as pessoas estejam prontas para prestar tal serviço à sociedade. É preciso lhes dar algum incentivo; o celibato era oferecido como um incentivo: somente os celibatários alcançariam o céu; as pessoas casadas eram mundanas, comuns; os celibatários eram sobrenaturais, espirituais. Eles eram respeitados, recebiam grandes honras e eram adorados quase como deuses.

E isso continua até hoje, embora a situação tenha mudado. Agora na Índia a proporção é exatamente a mesma. Se você permitir à natureza, se você não interferir com ela, a natureza sempre continuará mantendo seu equilíbrio de todas as maneiras; ela nunca perde o seu equilíbrio. O equilíbrio é algo fundamental à existência – em todas as dimensões. Quando cem meninas nascem, cento e dez meninos nascem ao mesmo tempo, porque os meninos

não são tão fortes no que se refere à resistência contra as doenças. As meninas são mais fortes, não de uma forma muscular, mas de uma maneira muito diferente. Elas são mais resistentes às enfermidades, às doenças e à morte. No mundo todo há a mesma proporção: cento e dez meninos para cem meninas, porque cem meninas vão sobreviver até a idade do casamento, mas dez meninos vão perecer. Quando atingirem a idade do casamento, o equilíbrio será recuperado.

Você ficaria surpreso em saber que nas épocas de guerra, quando muito mais homens morrem porque vão para a frente de batalha, para a guerra, naturalmente a proporção de mulheres torna-se mais elevada. Mas nas duas guerras mundiais foi descoberto que a taxa de natalidade também mudou. De uma maneira estranha, a natureza mantém o equilíbrio. Em tempo de guerra e após a guerra, durante alguns anos, nasceram menos meninas e mais meninos. Depois o equilíbrio foi restabelecido e a proporção voltou ao que era – cem meninas para cento e dez meninos.

O celibato foi pregado por Buda, Mahavira, Shankara – todos os grandes mestres da Índia. E a razão disso é que o celibato parecia certo e ninguém lhe fazia objeção, porque ele estava servindo à sociedade de uma maneira muito sutil. Mas hoje isso não acontece.

Eu disse aos monges jainistas, aos *bhikkhus* budistas e aos sábios hinduístas:

– Atualmente não se deve conferir o mesmo respeito ao celibato; hoje é perigoso continuar louvando o celibato, porque quanto mais se louva o celibato, mais mulheres vão permanecer solteiras. O que elas vão fazer? O que vai acontecer com seus instintos biológicos? Vocês as estão obrigando a encontrar alguma maneira perversa, algo abominável, em nome do seu celibato.

Eles disseram:

– Nunca havíamos pensado no celibato dessa maneira, de que ele é uma condição social.

Eu disse:

– Quer vocês tenham ou não pensado dessa maneira, todos os certos e todos os errados são subprodutos sociais. Por exemplo, de todos os povos do mundo, somente na Índia uma minoria muito pequena é vegetariana, pela simples razão de que, se todo mundo se tornar vegetariano, não poderemos manter toda a população existente dessa maneira; será impossível. Apenas pequenos grupos podem ser vegetarianos; a maioria continuará não vegetariana, tem que continuar não vegetariana.

Até mesmo o pequeno grupo que se torna vegetariano tem que receber incentivos. Vocês não estão fazendo algo grandioso, estão apenas comendo vegetais. E daí? Comam bem, desfrutem o alimento. Não acho que pelo simples fato de estar comendo grama você esteja atingindo alguma qualidade espiritual, que irá para o céu só por esse mérito. Isso não é algo grandioso – mas parece que algo grandioso é necessário para fazer as pessoas continuarem a comer grama durante toda a vida. Se você simplesmente disser que esse é apenas um valor estético – é isso que eu digo. Meu povo é vegetariano, mas não por qualquer razão religiosa ou espiritual. Sou absolutamente existencial, factual. Meu povo é vegetariano por uma razão estética. Não consigo conceber alguém comendo carne, alguém destruindo a vida por causa do seu paladar, matando milhões de animais todos os dias. Eu sei que é impossível manter toda a população do mundo em uma dieta vegetariana, a menos que a ciência ajude e proporcione novas maneiras, meios e métodos; então isso será possível. Mas o problema será como convencer as pessoas de que comer alimentos não vegetarianos é feio.

As pessoas não são tão sensíveis à beleza, à estética, à arte; elas são interesseiras. Elas podem estar prontas se lhes for dito: “Vocês vão para o paraíso se deixarem de comer esse alimento; o alimento que vocês estão comendo vai impedi-los de encontrar a eterna bem-aventurança”. Vocês têm de lhes oferecer algo tão grande que o seu desejo pelo sabor se torne tão pequeno, que simplesmente por interesse elas estejam prontas para mudar. É isso que as religiões têm feito.

Na Índia, duas religiões tentaram o vegetarianismo. Uma delas é o Jainismo, que tentou fanaticamente; o resultado foi que o Jainismo permaneceu uma comunidade pequena. O monge jainista não podia sequer sair da Índia para pregar, porque quem iria lhe prover comida vegetariana? Ele não pode comer nada não vegetariano – e a maior parte do mundo é não vegetariana. Por isso o Jainismo continuou confinado à Índia. Apenas poucos – acho que dois ou três monges jainistas, pessoas muito audaciosas – arriscaram suas vidas e foram até o Egito. Esse é o único caso em toda a história – quando três monges jainistas tentaram entrar em contato com o mundo exterior. E temos conhecimento desses três monges jainistas através de Pitágoras, porque Pitágoras estava indo para a Índia através do Egito. Ele encontrou esses três monges jainistas no Egito; e se refere a eles como zenosofistas. Essa parece uma tradução perfeitamente correta para um filósofo jainista – zenosofista.

Não pode ter sido qualquer outra pessoa, porque a descrição de Pitágoras era de um monge jainista. Eles andavam nus e só comiam vegetais e frutas. Para eles era muito difícil conseguir alimentos todos os dias porque tinham que mendigar – o monge jainista vive da mendicância. Às vezes algumas pessoas boas lhes davam alimento porque eles diziam: “Não podemos comer outra coisa”. Assim, há apenas uma referência em Pitágoras, de que ele



encontrou três monges jainistas no Egito; fora esses, os jainistas jamais transpuseram as fronteiras da Índia, porque quem iria lhes dar comida? Como eles iriam sobreviver?

Os budistas também ensinavam o vegetarianismo, mas quando cruzaram as fronteiras da Índia todos se tornaram não vegetarianos; foram obrigados a isso, porque não havia outra maneira de sobreviverem.

Um pequeno número de hinduístas, a classe mais elevada dos hinduístas, os brâmanes, é vegetariano – mas nem todos os brâmanes. Os brâmanes da Cashemira são não vegetarianos porque vivem em uma comunidade de muçulmanos: noventa e dois por cento de muçulmanos, oito por cento de hinduístas. É muito difícil para eles sobreviverem. Eles têm que estar em certa harmonia com a comunidade onde estão vivendo. Ela é uma vasta maioria e eles têm que depender deles para tudo. Se os muçulmanos simplesmente os boicotarem, eles morrerão.

Em Bengala, os brâmanes não comem nenhuma carne, mas comem peixe, porque em Bengala é difícil sobreviver sem comer peixe; o peixe é o principal alimento – peixe e arroz. No sul da Índia os brâmanes comem peixe pela mesma razão: sem peixe a comida não é suficiente.

Então, não posso dizer que o vegetarianismo é algo universalmente correto. Não sou uma pessoa fanática em absoluto. Não sou fanático com relação a nada. Tento ver todos os aspectos de uma coisa e sou totalmente liberal, humano. Não tento tornar nenhum princípio mais valioso do que a própria humanidade.

Nada está acima do homem. Nada deve estar acima do homem.

Assim, todos esses conceitos de certo e errado são sociais, climáticos. Por exemplo, no Tibete... o livro sagrado dos tibetanos diz que um banho por ano é absolutamente necessário. No Tibete até essa é uma tarefa difícil, e muitos

devem estar tentando evitá-la – até mesmo esse banho anual.

Na Índia as pessoas tomam dois banhos por dia, e há pessoas que tomam até três; eu mesmo costumava tomar três banhos por dia. Quando um monge tibetano foi meu hóspede, ele não conseguia acreditar. Ele me disse:

– Você está desperdiçando toda a sua vida tomando banhos! De manhã, à tarde e à noite antes de ir para a cama... três vezes! No Tibete, uma vez por ano é o suficiente.

Eu disse: – Eu sei –, porque um dos meus amigos, um professor, Doutor Rajbali Pandey, estava examinando traduções do sânscrito para o tibetano. Ele era um estudioso do tibetano e do sânscrito, e por isso estava trabalhando nisso. Ele foi ao Tibete. Eu lhe disse – ele era um brâmane: – Você vai ter problemas. – E ele era também um brâmane muito ortodoxo: de manhã bem cedo, às cinco horas, ele tomava um banho frio; depois fazia suas orações, o ritual religioso. Só depois podia tomar uma xícara de chá.

Ele foi e voltou. Ficou apenas um dia no Tibete, embora tenha levado três meses para ir e voltar porque teve que viajar apenas a cavalo. Ele viajou três meses para ficar apenas um dia no Tibete!

Eu lhe perguntei:

– O que aconteceu?

Ele disse:

– Simplesmente um banho no início da manhã, às cinco horas, foi uma experiência tal que eu achei melhor sair logo de lá, porque não podia ir contra as minhas regras. Meu falecido pai me fez prometer que eu seguiria todas as regras ortodoxas da minha família – e aquele banho das cinco horas é o início do dia, e lá é tão frio que aquilo iria me matar!

No Tibete, as pessoas ficam anos sem trocar suas roupas, porque lá não há poeira, não há transpiração. O ar é o mais limpo que se possa imaginar. É o

país mais alto do mundo no que diz respeito à altitude. Eles vivem no ar mais puro, sem contaminação. Não é como Los Angeles! Então não há necessidade sequer de um banho por dia. Mas a dificuldade é que o meu amigo insistia em continuar a sua ideia, que era de um meio indiano onde há tanta poeira e tanta transpiração que é perfeitamente certo tomar dois banhos por dia – um de manhã e outro à noite. E, se você puder, até três.

Esse hóspede tibetano que estava em minha casa não trocava suas roupas. Eu disse:

– Você vai me deixar louco! Você fede. Isto é a Índia, não é o Tibete.

E suas roupas... não era apenas um traje, eram camadas de trajes – quatro, cinco, seis, sete camadas de roupas. E ele não ia tomar banho, porque só um banho por ano é requerido por sua religião. Tomar um banho por dia era contra a sua religião. Eu disse:

– Isso é bobagem! A sua religião simplesmente diz que você deve tomar no mínimo um banho por ano; não proíbe você de tomar dois banhos ou três banhos em um ano; ela não diz nada a respeito disso.

Ele disse:

– Como ela não diz nada a respeito, isso simplesmente significa que não devemos fazer isso; do contrário aqueles sábios teriam dito.

Eu disse:

– Aqueles sábios nunca vieram à Índia! E se você quiser ficar comigo terá que tomar dois banhos por dia; do contrário, você precisa ir embora!

Ele preferiu ir embora a mudar seus hábitos. As pessoas encaram suas ideias locais – geográficas e sociais – espiritualmente, o que é uma bobagem.

Não há nada universalmente certo, não há nada universalmente errado. E você precisa ter bastante clareza sobre isso: tudo é muito relativo, relativo a muitas coisas.

Uma pessoa consciente tenta mudar de acordo com as situações, as condições, as geografias. Deve-se viver conscientemente, não de acordo com regras fixas. Deve-se viver em liberdade.

Você está me perguntando se há algo universalmente certo e errado.

O homem que chega a conhecer o universal, o homem que se torna tão desperto que não faz mais parte de nenhuma geografia, nenhum corpo, nenhuma mente, é pura consciência... nesse estado não há nada certo, nada errado. O homem que se encontra nesse estado também terá que atuar em níveis inferiores. Se estiver com fome, terá que comer; se estiver com sede, terá que beber. Ele terá que viver em algum tipo de sociedade, com algum tipo de pessoa. O homem desperto é muito adaptável, infinitamente adaptável, porque para ele não há nada que o impeça de se adaptar. Ele está liberto de todas as condições, de todas as barreiras. A única coisa que ele tem que fazer é ver o que é aplicável em cada caso particular. Ele não vive segundo princípios.

Somente os tolos vivem de acordo com princípios, só as pessoas inconscientes necessitam de princípios. É como a bengala de um homem cego. O homem cego necessita de uma bengala apenas para tatear o seu caminho, porque ele não tem visão. Mas quando a pessoa tem visão, pode dispensar a bengala.

Eu soube – não sei se é verdade ou não, mas certamente é significativo – que Jesus curou um homem cego que caminhava com seu cajado. Ele foi curado, conseguiu enxergar; agradeceu a Jesus e retomou o seu caminho, ainda levando o seu cajado.

Jesus disse:

– Pelo menos deixe o cajado agora comigo – você tem seus olhos.

O homem cego disse:

– Mas sem o cajado será muito difícil encontrar o caminho. Ele ainda não tinha ideia – seus olhos eram tão novos, ele não tinha ideia de que agora o cajado não era mais necessário.

Sariputta, um dos discípulos de Gautama Buda, ficou iluminado enquanto Buda ainda vivia, e ainda continuava a seguir os velhos princípios que lhe foram transmitidos antes da sua iluminação. Buda teve que chamá-lo e dizer:

– Sariputta, você está louco ou o quê? Agora que está iluminado não precisa seguir esses princípios que foram transmitidos a você quando era inconsciente; você pode abrir mão deles.

Mas Sariputta era realmente um gênio, assim como Gautama Buda.

Ele disse:

– Mestre, o senhor está certo, eu posso abrir mão deles; mas não abandonei esses princípios pela simples razão de que há milhões de pessoas inconscientes à minha volta. Vendo-me abrir mão deles, vão todos começar a fazer o mesmo. E o que será deles? Para mim esse não é um problema – estou acostumado com todos esses princípios, eles não são um problema para mim. Eu sei que abrir mão deles não faz diferença; segui-los também não faz diferença. É bondade sua me trazer essa informação, mas eu já tinha a percepção disso.

Na manhã seguinte, Buda falou em seu discurso para seus dez mil *sannyasins*:

– Sariputta está certo. Não que eu estivesse errado – fiquei sem entender por que, depois da sua iluminação, ele ainda seguia aqueles princípios que lhe haviam sido transmitidos como um substituto para a iluminação. Agora ele não precisava mais segui-los, podia simplesmente abrir mão deles. Ele pode agora viver em total liberdade por conta própria. Pode viver espontaneamente.

“Então eu o chamei, e ele me trouxe uma informação muito importante, e eu gostaria que todos vocês se lembrassem dela como algo certo. Ele pode abrir mão deles, mas não o está fazendo por consideração a todos aqueles que são inconscientes. Vendo Sariputta abrir mão deles, eles poderão pensar, ‘Não há problema: se Sariputta pode abrir mão deles, nós também podemos’”.

“Eles não sabem que Sariputta agora é um dos iluminados e que eles não são. Então, eu apoio Sariputta e quero que vocês se lembrem disso: quando se tornarem iluminados, lembrem-se de todas aquelas almas que os cercam, que estão tateando no escuro. Abandonem aquilo que não vai prejudicar as pessoas que os cercam, e quanto às outras coisas não haverá problema para vocês: com a sua liberdade vocês poderão optar por seguir os princípios se isso ajudar alguém em algum lugar”.

Sariputta costumava sair para difundir a palavra de Buda, mas onde quer que estivesse, cinco vezes por dia ele se inclinava na direção em que Buda estava morando e fazia seu *gachchhamis*. “*Buddham sharanam gachchhami*” – “Eu me inclino aos pés do iluminado”.

Muitas vezes lhe perguntaram:

– Agora você próprio está iluminado, não há necessidade de se inclinar aos pés de outro iluminado.

Sariputta dizia:

– Eu sei que não preciso, mas vocês precisam. Estou fazendo este *gachchhami* não para mim, mas por vocês. Se eu parar de fazê-lo, isso será desculpa suficiente para vocês também pararem. E, em segundo lugar, eu me tornei um iluminado graças a esse homem; sem ele eu não creio que, nesta vida, isso teria acontecido.

“Se vocês lhe perguntarem, ele vai dizer: ‘Eu não tenho nada a ver com

isso, porque ninguém pode tornar ninguém iluminado – isso é totalmente mérito de Sariputta’. E ele está certo; ele não me obrigou a ficar iluminado. Mas apenas a sua presença foi suficiente para me tirar dos meus sonhos, dos meus pesadelos, do meu sono. Ele não fez nada”.

O mestre é apenas um agente catalítico, exatamente como o nascer do sol pela manhã – todos os pássaros em volta começam a cantar. Não porque o sol chegue ao ninho de cada pássaro e bata na porta ou aperte a campainha e diga: “Chegou a hora – acordem e cantem!”.

As flores começam a abrir liberando a sua fragrância – não que lhes tenha sido dito: “É de manhã e vocês têm que fazê-lo”. A simples presença do sol é um agente catalítico. O sol não está fazendo nada, mas milhões de coisas estão acontecendo apenas pela sua presença.

O mestre é exatamente isso – um agente catalítico. Ele não faz nada, mas milhões de coisas acontecem em torno dele. Elas acontecem por causa dele, mas não são causadas por ele – e a diferença é grande.

Essas coisas... as pessoas às quais elas acontecem podem sentir gratidão, vão sentir gratidão, mas o mestre não pode esperar gratidão de ninguém. É impossível até pensar nisso, porque ele não fez nada. Ele não fez, mas isso aconteceu para você; e aconteceu com você por causa dele. Do seu lado a gratidão é algo perfeitamente certo, mas do lado dele solicitá-la, esperá-la, é absolutamente errado. Se isso acontecer, ele de fato não será um mestre. Então, o que aconteceu para você deve ter acontecido por alguma outra razão, você foi enganado. Mas muitas vezes aconteceu de o mestre não ser um mestre real, e ainda assim o discípulo tornou-se iluminado.

Uma bela história é contada sobre Marpa... uma história tibetana. Ele estava com seu mestre – que não era realmente um mestre, apenas um vigarista que enganava as pessoas, as pessoas ingênuas. Marpa era tão

inocente que se entregou àquele trapaceiro. Sua entrega era total, não havia nenhuma dúvida em sua mente; ele era como uma criança pequena. Após poucos dias, todos os outros discípulos ficaram muito zangados com Marpa. E disseram ao mestre:

– Este homem é perigoso; ele parece ser uma espécie de mágico, porque está fazendo coisas que não se supõe que alguém faça. Ele caminha sobre a água, ele voa do alto de uma montanha para o alto de outra montanha!

O mestre disse:

– Isso não pode ser feito, isso é contra a natureza. Chamem Marpa.

Marpa foi chamado, e ele lhe perguntou:

– Como você está fazendo essas coisas? Você é um mágico? Ele disse:

– Não, eu faço porque uso o seu nome. Eu digo o seu nome e falo: "Meu amado mestre, deixe-me cruzar este rio caminhando", e eu caminho. É apenas a glória do seu nome.

O mestre ficou em grande dificuldade: e agora, o que fazer? Mas uma ideia natural lhe veio à mente:

– Se ele consegue andar sobre a água usando o meu nome, eu posso andar, é claro, sem dúvida nenhuma.

Ele tentou – e afundou imediatamente. Aquele homem não era autêntico, mas o que acontecia com Marpa era autêntico. Sua confiança era total – a transformação veio através da confiança. Mas naturalmente ele interpretou mal e achou que estivesse vindo através do mestre.

Então, tem ocorrido muitas vezes de ter havido mestres errados e discípulos certos. O contrário sempre acontece, mestres certos, discípulos errados – isso é universal, não é algo especial. Mas isso é possível porque a coisa real vai acontecer dentro do discípulo; qualquer coisa pode desencadeá-la. A presença do mestre a desencadeia.



E quando alguém tem um vislumbre da consciência universal imediatamente sabe que não há nada certo, nada errado. Daí que esse tem sido um dos maiores problemas ao longo dos séculos – nenhum grande mestre é similar em seus padrões de vida. Não se pode encontrar pessoas mais diferentes uma da outra do que os mestres religiosos, porque eles vivem da liberdade, sabendo que nada é errado e nada é certo.

Lembro-me de uma história sobre Kabir. Kabir era um homem pobre, um grande mestre. Sua esposa e seu filho estavam sempre enfrentando problemas por causa desse estranho pai, porque todos os dias pela manhã vinham centenas de devotos procurá-lo. Kabir cantava suas canções e dançava. Ele não tinha instrução, nunca proferiu nenhum sermão, mas ele dançava; ele cantava – canções simples, mas de enorme beleza, de imensa profundidade – e dançava. E todas aquelas pessoas reunidas cantavam e dançavam com ele, e isso continuava durante horas. Então chegava a hora do almoço e ele pedia a todos: “Por favor, não vão embora – primeiro compartilhem do almoço de seu pobre mestre”. E a esposa e o filho tinham problemas: de onde tirar comida para tantas pessoas todos os dias? Já era difícil conseguir alimento até para os três!

O filho também era uma pessoa singular, que um dia, por mérito próprio, também se tornou um mestre. Mas ele era totalmente diferente de Kabir; eles nunca concordavam em ponto nenhum. Kabir ficou tão irritado com Kamal que escreveu: “Pelo simples fato de Kamal ter nascido meu filho, toda a minha herança está terminada. Este filho não vai conseguir carregar os tesouros que vou deixar para ele” – porque Kamal tinha suas próprias maneiras, e eles não concordavam em ponto algum.

Kamal chamava todo esse canto e dança de bobagem. Ele dizia: “Apenas sentando-se em silêncio isso pode acontecer. Por que desnecessariamente

fazer tanto ruído e perturbar os vizinhos? E eu não entendo que durante horas você tenha que dançar. Na velhice! E por sua causa outras pessoas, pessoas velhas, estão também dançando e ficando cansadas”. Ele nunca participava de nenhuma dança, nunca participava do canto. Ele dizia: “Não há necessidade: o silêncio tem canto suficiente. E, sentado em silêncio, conheço uma dança muito mais bela do que essa que vocês dançam aqui”.

Chegou a um ponto em que eles tiveram de pedir a Kabir:

– Pare de convidar as pessoas para ficarem para o almoço. Já pedimos dinheiro emprestado a todas as pessoas da aldeia. Agora ninguém está disposto a nos dar nada porque dizem: “Como vocês vão devolvê-lo?”. Agora não temos nada em casa; você tem que parar.

Kabir disse:

– Isso é impossível, porque depois da dança e do canto e de regozijo tão belo como não oferecer alimentos às pessoas que vêm à minha casa almoçar? Não, eu não posso fazer isso. Encontre alguma maneira. Que tipo de filho é você? Você não consegue encontrar alguma maneira?

Kamal disse:

– Agora a única maneira é eu me tornar um ladrão.

Kamal disse:

– Ótimo! Por que você não pensou nisso antes?

Isso é consciência universal. Nem roubar é errado. Nem mesmo as pessoas que seguem Kabir na Índia – ele tem uma religião pequena, muito pequena – mencionam essa história. Quando eu estava conversando com seus seguidores e mencionei essa história, o alto sacerdote sussurrou em meu ouvido:

– Por favor, não conte essa história porque ela vai nos criar enormes problemas – Kabir dizendo que roubar é uma ótima ideia.

Mas Kamal era realmente um homem extraordinário. E esse é o significado da palavra *kamal*. Kamal significa extraordinário, excepcional. Ele não iria ser detido apenas pela desmesura de Kabir, dizendo “Ótimo!”. Ele disse:

– Está certo, esta noite eu vou, mas o senhor terá que ir comigo. Eu vou tentar o máximo – e o senhor tentará me ajudar. Eu pelo menos posso pegar coisas das casas; e o senhor as carrega até a nossa casa. Isso o senhor pode fazer.

Kabir disse:

– Está perfeito!

Então eles foram até a casa de um homem rico. Kamal fez um buraco na parede dos fundos da casa e Kabir ficou sentado do lado de fora, cantando devagar sua canção.

Kamal disse:

– Pare com essa canção! Agora somos ladrões, não somos santos aqui.

Kabir disse:

– Somos os mesmos onde quer que estejamos – não importa o que estejamos fazendo. Você faça o seu trabalho e deixe-me fazer o meu. Quando trouxer as coisas, eu vou carregá-las. Sou velho; do contrário entraria com você.

Então Kamal entrou. Ele levou sua lógica até o fim. Trouxe coisas, passando-as por um buraco – colocou-as do lado de fora e disse a seu pai:

– Aqui estão as coisas...

Ele estava meio inclinado para fora do buraco, dizendo ao pai:

– Aqui estão as coisas. Agora o senhor as leva.

Naquele momento, as pessoas dentro da casa, os criados, acordaram, enquanto tudo continuava – o buraco na parede e Kabir cantando. Aconteceu

que quando Kamal entrou, Kabir se esqueceu completamente de onde estava e começou a dançar e cantar tão alto que as pessoas acordaram.

Elas chegaram e seguraram as pernas de Kamal – porque a metade do seu corpo estava dentro da casa. A história é muito estranha, não pode ser real. Kamal disse: – Pai, o senhor leva essas coisas. Fui surpreendido – as pessoas estão segurando minhas pernas. O senhor já me criou problemas suficientes, este é o último – adeus! Agora vou acabar na cadeia.

Kabir disse:

– Cadeia? Você não precisa acabar na cadeia. Eu trouxe uma faca comigo.

Kamal disse:

– O que quer dizer com isso? Ele disse:

– Vou cortar sua cabeça e levá-la comigo. Ninguém jamais saberá quem foi o ladrão!

Kamal não conseguia acreditar naquilo. Ele estava achando que estava conduzindo a lógica ao extremo – mas era aquele velho que realmente estava conduzindo a lógica ao extremo! Mas Kamal era mesmo um homem de coragem: ele disse:

– Está bem, corte a minha cabeça. – Ele ainda estava esperando que isso não fosse acontecer, mas Kabir cortou a cabeça de Kamal e levou para casa a cabeça e as coisas que Kamal havia furtado.

As pessoas puxaram Kamal para dentro. Viram que a cabeça estava faltando e disseram:

– Agora temos um problema. Quem é este homem?

Um criado disse:

– Pelo que sei, acho que é o filho de Kabir, Kamal, e a voz que eu ouvi e me despertou era a de Kabir. Ele devia estar lá fora. Mas é estranho que ele tivesse participado de um ato desse tipo – ele é um grande sábio. E seu filho...

e parece que ele cortou sua cabeça e a levou embora!

Esse criado costumava ir de vez em quando à congregação de Kabir, o encontro devocional que costumava acontecer toda manhã. Ele disse ao homem rico: – Faça uma coisa: amanhã de manhã, quando Kabir e seus seguidores forem até o Ganges para tomar seu banho da manhã antes de começarem a cantar e dançar, pendure este corpo bem no cruzamento.

O homem rico, que era o dono da casa, disse:

– Mas o que vai adiantar isso? O criado disse:

– O senhor simplesmente faça isso – não vai prejudicar ninguém.

E o corpo foi pendurado no cruzamento. Quando Kabir chegou dançando, cantando, após o banho, Kamal imediatamente ergueu sua mão e disse:

– Parem com toda esta bobagem!

Foi assim que ele foi reconhecido como sendo Kamal – era certamente Kamal! E eles perguntaram a Kabir:

– O senhor o reconhece?

Ele disse:

– É claro. A cabeça dele está na minha casa; eu mesmo a cortei.

O homem rico não conseguia acreditar. Ele disse:

– Mas supunha-se que o senhor fosse um santo.

Kabir disse:

– Não se supunha que eu fosse – eu sou! Se eu fosse apenas ‘supostamente’ um santo, não teria participado desse ato de furto. E não teria assassinado meu próprio filho se só fosse ‘supostamente’ um santo. Eu sou realmente um santo, e no meu auge de consciência nada importa.

“Seu dinheiro não é seu dinheiro; então, o que há de errado em levá-lo? Nada pertence a ninguém; portanto, o que há de errado em roubar? E este filho mais cedo ou mais tarde iria morrer, então o que há de errado em cortar

sua cabeça? A morte é uma coisa certa. Na minha consciência, não existe nada certo, nada errado”.

Os seguidores de Kabir negam a história. Talvez após quinhentos anos eu tenha sido o primeiro homem a começar a contá-la na Índia, e os seguidores de Kabir estão furiosos. Eles dizem:

– Nós sabíamos que existia algo assim, mas não foi escrito em nossos registros, e ninguém jamais o repete porque isso parece muito estranho – roubo, assassinato, Kabir participando disso... O que irá acontecer com o certo e o errado?

Eu lhes disse:

– Vocês têm que entender que o certo e o errado pertencem aos vales escuros da vida. Eles não pertencem aos picos iluminados da consciência. Sim, esta história é perigosa, difícil e nociva nos vales escuros, mas quem está insistindo em que vocês permaneçam nos vales escuros? Venham para os picos iluminados.

“Esta é a mensagem da história: por que viver em um mundo que está dividido entre o errado e o certo? Por que não ir para um mundo de unificação, onde nada é certo e nada é errado?”

O homem de consciência universal não segue nenhum princípio, mas qualquer coisa que ele faça está certa e qualquer coisa que ele evite está errada. Isso é para aqueles que estão no vale. Eles podem tentar descobrir o que faz o homem de consciência pura; isso é certo. E o que ele evita, isso é errado.

Ele evita isso apenas por vocês; para ele não há nada a ser evitado. É apenas por compaixão que ele evita alguma coisa; do contrário, para ele tudo é muito simples, não dividido, uno.

Eu consigo entender sua pergunta. Na sua vida, a todo momento, você

estará enfrentando a escolha do que fazer, do que não fazer. No mundo escuro onde vive a humanidade, cada momento é um momento de decisão: o que fazer, o que não fazer. E o problema é que qualquer coisa que você faz se mostra errada. Qualquer coisa que você faz traz arrependimento, pela simples razão de que a existência é una e não dividida. Na sua inconsciência você a divide em dois, em certo e errado. Sua divisão é arbitrária. Então, você faz aquilo que acha certo e não faz aquilo que acha errado.

Mas o errado é uma parte indivisível do certo, e por isso mais cedo ou mais tarde ele vai se vingar. Você vai começar a se sentir culpado porque fez isso e não aquilo, porque escolheu isso e não aquilo – talvez aquilo fosse o certo... Em seu estado de hesitação, você certamente vai pensar: “Talvez aquilo que eu não fiz fosse o certo”. Você não pode ter certeza sobre o seu fazer porque ainda não está certo sobre o seu ser.

O ser vem primeiro, e quando o ser é entendido todo o fazer é certo: não importa o que você faça. Mas nos vales escuros da inconsciência o fazer vem primeiro – e esse é o seu problema. Uma coisa é certa neste momento; no momento seguinte a mesma coisa não é certa. Então você está continuamente dividido. Ontem você fez algo pensando que era certo; hoje você descobriu que não era. Agora isso não pode ser desfeito, vai pairar sobre você durante toda a sua vida. E não pense que se você tivesse feito a outra coisa as coisas teriam sido diferentes – não, absolutamente não.

Tenho visto pessoas que estão casadas, sofrendo e continuamente pensando que se tivessem optado por permanecer solteiras isso teria sido o certo. E conheço pessoas que permaneceram solteiras e estão continuamente preocupadas: talvez elas estejam perdendo as alegrias reais da vida – teria sido melhor se tivessem se casado. As pessoas que têm filhos estão constantemente perturbadas pelos filhos. Aquelas que não têm filhos estão

constantemente perturbadas porque não têm filhos; elas estão sentindo a falta de algo.

Parece que neste mundo as pessoas não conseguem estar no lugar certo, fazendo o que for. Onde quer que cheguem, estarão sempre no lugar errado. Isso parece muito estranho e até esquisito, mas não é; é muito matemático. Porque elas estão erradas, onde quer que estejam, o que quer que façam, acaba sendo errado. Elas não podem fazer o certo permanecendo da maneira que são.

Então, a minha ênfase não está na ação. Todas as religiões do mundo enfatizam a ação: realizar a ação certa.

Primeiro seja, e depois a ação certa acontecerá espontaneamente.

### *Deve haver uma diferença nos padrões morais e legais na questão de se declarar uma pessoa culpada de um crime?*

Três palavras terão que ser entendidas. A primeira delas é *religião* ou *espiritualidade*, a segunda é *moralidade* e a terceira é *legalidade*. A religiosidade ou espiritualidade não tem ideias morais; está além do moral e do imoral, está além do certo e do errado. Não tem consciência; vive do puro discernimento. Há uma enorme consciência, e a pessoa age segundo essa consciência. Quando alguma ação é oriunda da consciência, ela é inevitavelmente boa.

Mas o homem vive inconsciente. Toda a vida do homem está repleta de ausência de consciência; ele é quase um robô. Ele vê e no entanto não vê, ele escuta e no entanto não escuta. Ele é, mas apenas em um sentido literal – não realmente, não como um Buda, um Cristo ou um Zaratustra, ou como



Dionísio, Pitágoras ou Heráclito. Não, ele não existe com essa intensidade, com essa consciência. Por isso a moralidade torna-se quase uma necessidade; ela é um substituto. Quando o homem não consegue a coisa real, então é melhor ter algo irreal do que não ter nada, porque a pessoa necessita de um certo código de comportamento. Se ele flui da consciência, então não há problema.

Na Inglaterra a chuva caiu sem parar durante dias e o Tâmesa estava transbordando.

O mordomo do lorde inglês entra na biblioteca onde o lorde está desfrutando do seu drinque e lendo o seu jornal em frente à lareira.

– Meu lorde – anuncia ele, – o Tâmesa está inundando as ruas!

O lorde, muito calmamente, responde:

– Obrigado, Jeeves!

Após alguns minutos o mordomo entra novamente e anuncia:

– Senhor, o Tâmesa chegou até a porta de entrada!

– Muito bem, obrigado, Jeeves – replica o lorde sem erguer seus olhos do jornal.

Após meia hora Jeeves bate na porta, abre-a e, ficando de pé ao lado dela, anuncia:

– Meu lorde, o Tâmesa!

Esta é a maneira em que as pessoas estão vivendo – em uma espessa nuvem de inconsciência. Sua vida não é aquela da luz, mas da escuridão, e desta escuridão, confusão, fumaça, o que se pode esperar? Elas certamente farão algo tolo, algo errado.

A menos que cada um se torne um buda, permanecerá uma necessidade de algum tipo de moralidade. A moralidade não é algo importante; é um substituto pobre da religião. Se uma pessoa consegue ser verdadeiramente religiosa, não há necessidade de moralidade.

Minha ênfase aqui é na religiosidade, não na moralidade, porque eu tenho visto o absoluto fracasso da moralidade. Ela tem sido de certa maneira utilitária – tem ajudado as pessoas a viverem de algum modo umas com as outras, sem cortarem a garganta umas das outras. Elas cortam, mas cortam de maneiras indiretas e cortam aos poucos, não de repente, e cortam de maneiras sofisticadas. Primeiro elas lhes dão tranquilizantes ou drogas para deixá-las inconscientes para não sentirem muita dor.

Todas as ideologias políticas e ideologias religiosas não passam de tranquilizantes não medicinais. Todo o propósito é obrigá-los a viver no sono para que possam ser explorados, oprimidos, escravizados, e vocês não estarão cientes do que está acontecendo. Karl Marx está certo nesse sentido, de que “a religião é o ópio do povo”. Mas por religião ele entende o Cristianismo, o Hinduísmo, o Budismo. Ele não tinha a percepção da religião à qual eu me refiro, a religião dos budas. Ele falava sobre a religião organizada, institucionalizada. Não estava se referindo à experiência viva das pessoas iluminadas. Porque essa não é um ópio, é simplesmente o oposto dela – é a consciência plena.

Você me pergunta: “Deve haver alguma diferença entre os padrões morais e legais...?”.

Há uma diferença entre padrões religiosos e padrões morais: Religião significa você viver segundo a sua consciência; moralidade significa você viver de acordo com os padrões mais elevados que a sociedade impõe. Não é viver segundo a sua própria luz, mas viver segundo o potencial máximo, a esperança que a sociedade tem imposto a você. E o padrão legal é o mínimo.

O padrão moral é o máximo, a mais elevada expectativa da sociedade, e o padrão legal é a expectativa mínima. “Pelo menos vocês devem satisfazer o legal. Se não conseguirem chegar ao moral, então por favor satisfaçam o

legal.” O legal é o limite mais baixo, e o moral é o limite mais elevado; daí a diferença. A diferença está aí.

Há muitas coisas imorais que não têm nada a ver com a lei. Você pode estar fazendo muitas coisas imorais, mas não pode ser condenado legalmente porque a legalidade consiste no limite mínimo, o mais baixo.

Diz-se que o bom professor é aquele capaz de explicar o que está dizendo ao aluno mais ignorante da sua classe. Se o mais ignorante conseguir entendê-lo, então é claro que todos os outros entenderão. A lei pensa na pessoa mais ignorante, na pessoa mais inumana, naquela que está muito próxima do animal. A moralidade pensa no mais inteligente, no mais humano. Daí a diferença entre as duas; e a diferença permanecerá.

E eu também lembrei a você uma terceira coisa: o padrão espiritual. Este é o mais elevado, o transcendental, além do qual nada existe. Os budas vivem segundo o padrão máximo, os santos vivem segundo o moral, e os chamados cidadãos vivem segundo o legal. Essas são as três categorias de seres humanos.

A sociedade mais evoluída será aquela em que só exista um padrão, mas isso é apenas uma esperança. Quando houver apenas um padrão, o espiritual, então não haverá necessidade de nenhuma lei, não haverá necessidade de nenhuma moralidade, não haverá necessidade do Estado, do magistrado, da polícia, dos militares. Quase noventa por cento da nossa energia é desperdiçada em todo esse arranjo. Se o homem conseguir viver segundo a sua própria luz – e isso só será possível se ele atingir seu âmago mais profundo mediante a meditação –, então todo esse desgaste criminoso de energia pode ser detido. A Terra pode se tornar o próprio paraíso, porque, se cem por cento da energia puder se tornar disponível à criatividade, à arte, à ciência, à música, à pintura, à poesia, poderemos criar pela primeira vez uma

verdadeira sociedade de seres humanos.

Neste exato momento o ser humano só se parece com um ser humano; no fundo ele não é nada além de um animal disfarçado de ser humano. Sua humanidade não está sequer à flor da pele; é só arranhá-la um pouquinho e imediatamente aparecerá o animal. O ser humano com o qual estamos vivendo, com o qual temos vivido até agora, está ligado em tantas trivialidades que isso só consegue provar sua mediocridade; isso não pode nos dar qualquer vislumbre da sua inteligência.

O homem continua discutindo sobre grandes coisas, mas continua vivendo de uma maneira totalmente diferente. Seus pensamentos são muito grandiosos, mas sua vida é muito imatura. Na verdade, ele cria todos esses grandes pensamentos para encobrir a sua imaturidade.

Quatro colegas do departamento de filosofia de uma universidade foram jogar golfe. No primeiro buraco, encontraram quatro psicólogos prestes a dar a primeira tacada.

Um dos filósofos ironizou:

– Colegas, vocês devem ter realmente muita dificuldade ao tentar jogar golfe enquanto interpretam um ao outro!

– Pelo menos não discutimos – replicou um dos psicólogos, – sobre se a bola existe ou não.

Nossos filósofos, nossos psicólogos, nossos teólogos têm permanecido abstratos, falando sobre grandes coisas apenas para fugir da feia realidade.

Meu esforço aqui é ajudá-lo a se tornar consciente da feia realidade, porque percebê-la vai transformar essa feiura em beleza. A consciência é um milagre. Normalmente as pessoas permanecem em um longo processo de discussão de filigranas e o chamam de filosofia, de religião, metafísica,

espiritualidade. E permanecem ligadas a essas tolices.

Nos países europeus da Idade Média, os grandes teólogos estavam preocupados com um problema do qual você vai rir. E trabalharam nele durante centenas de anos, e milhares de livros e artigos foram escritos sobre ele. “Quantos anjos podem dançar na ponta de uma única agulha?” Esse era um grande problema filosófico! Você vai rir, mas eles o levavam muito a sério.

Você é sério a respeito de muitas coisas das quais outras pessoas vão rir, seus filhos vão rir. Abandone todo desgaste abstrato da sua inteligência. Preocupe-se com a verdade.

A verdade é a seguinte: o homem não é sequer legal, então o que dizer a respeito da moral? E se ele não é sequer legal ou moral, não pode entender a religião. A religião ainda existe para poucos escolhidos, para os corajosos, para os inteligentes.

E os chamados moralistas, os puritanos, não são realmente pessoas morais – lembre-se disso. H.G. Wells disse que “a indignação é a inveja com um halo”. E ele estava certo. As chamadas pessoas morais não são realmente morais; elas estão vivendo uma vida dupla; na superfície são morais, mas na realidade são tão imorais quanto qualquer outra pessoa, ou até mais. Talvez a sua moralidade esteja ali para esconder suas atividades ilegais. E todos parecem estar no mesmo barco. Desde o trabalhador menos qualificado até aquele que atinge o mais alto posto, o primeiro-ministro ou o presidente de um país, todos parecem estar no mesmo barco. Parece que uma pessoa só é moral até ela ser flagrada. Então, a diferença entre o moral e o imoral é apenas aquela de ser ou não ser flagrado.

Eu tive um professor maravilhoso em meu tempo de escola. Ele era muçulmano, uma pessoa muito afetuosa, e era o professor mais velho da

escola; por isso ele costumava ser o supervisor de todos os exames. E eu adorava o homem por muitas razões. A coisa que eu mais adorava nele era que antes de todos os exames ele vinha até nós e dizia:

– Eu não sou contra copiar, colar dos outros, trazer livros escondidos – não sou contra nada disso. Mas se vocês forem flagrados, serão punidos! Então, pensem apenas que vocês não podem ser flagrados. Se forem flagrados, não poderei perdoá-los, mas se conseguirem não ser flagrados, então poderão fazê-lo com todas as minhas bênçãos!

Depois ele dizia:

– Vou dar a vocês cinco minutos para pensar nisso. Se trouxeram algumas anotações, alguns livros, qualquer coisa, e quiserem entregá-los, podem entregá-los dentro de cinco minutos. Se decidirem não o fazer, vão em frente. Mas lembrem-se, se forem flagrados não encontrarão maior inimigo do que eu. Não estou dizendo a vocês para não fazerem essas coisas. Estou simplesmente dizendo a vocês que estou aqui para puni-los se forem flagrados.

Eu o adorava. E muitas pessoas começavam a tirar suas anotações e seus livros e entregá-los. “Este homem é perigoso – ele está dizendo uma verdade!” Mas aprendi com ele a minha primeira lição sobre o que é moral e o que é imoral. A diferença não é grande.

Como quem me fez a pergunta é um juiz em Puna, e então naturalmente esse questionamento surge para ele: “Deve haver uma diferença entre padrões morais e legais na questão de se declarar uma pessoa culpada?” Na verdade, considerar alguém culpado é em si errado. A pessoa culpada não é culpada; ela foi criada em uma sociedade regida pela culpa. Ela não é totalmente responsável por ela. Puni-la é criminoso.

Se em uma sociedade as pessoas acumulam riqueza, então algumas

peessoas serão levadas a roubar, serão levadas a se tornarem ladrões por necessidade. Ninguém é realmente culpado. Toda a estrutura da sociedade é culpada, e a estrutura precisa ser mudada. Mas nós punimos os indivíduos e continuamos a perpetuar a mesma estrutura que cria esses crimes.

Uma mudança radical é necessária. E, mesmo que vocês queiram mudar o indivíduo, a punição não é o caminho. Não se deve fazê-lo se sentir culpado. Na verdade, ele deve ser enviado para tratamento psicológico; ele precisa de tratamento. Precisa de um pouco mais de consciência, um pouco mais de carinho; precisa de um pouco mais de meditação. Mandá-lo passar alguns meses na cadeia ou alguns anos na cadeia não irá ajudá-lo; irá simplesmente consumá-lo como um criminoso.

Vivendo cinco anos na cadeia, o que ele vai aprender? Vai encontrar ali ladrões consumados, assassinos e todos os tipos de criminosos, e eles vão lhe ensinar a arte – na qual ele devia ser pouco hábil, do contrário por que teria sido flagrado? Ele sairá da cadeia mais habilidoso, perpetrando o mesmo crime ou talvez até crimes maiores.

Sou contra todas as punições; sou contra todas as prisões. As prisões deveriam ser transformadas em hospitais e as pessoas deveriam ser enviadas para centros de meditação, onde pudessem adquirir um pouco mais de consciência, um pouco mais de ternura, um pouco mais de meditação. Elas não deveriam ser modificadas, punidas ou espancadas – essas são maneiras repulsivas de se vingar. Isso não é justiça, isso é vingança social! A sociedade é vingativa com a pessoa porque a pessoa não acompanhou a sociedade.

Toda esta sociedade está deteriorada, assim como todos os seus sistemas estão podres. Toda esta sociedade necessita ser modificada desde as suas raízes. Seu sistema legal, seu sistema político, seu chamado sistema religioso – estão todos podres, são todos feridas cheias de pus. A sociedade necessita

de uma cirurgia.

E é isso que estamos tentando fazer aqui. Naturalmente, as pessoas vão se voltar contra mim porque as coisas que elas vêm considerando muito importantes, o que elas têm pensado serem ótimas coisas, estou dizendo que são apenas lixo, simplesmente idiotices.

Um lorde inglês vai visitar o seu médico. Ele pendura seu guarda-chuva e seu chapéu. Depois tira o paletó, a camisa e as calças, dobrando-os de maneira impecável e colocando-os sobre uma cadeira. Então tira seus sapatos e os coloca ordenados debaixo da cadeira. Depois tira a cueca, dobra-a e coloca-a sobre a cadeira.

De pé em posição de sentido em frente ao médico, ele calmamente lhe diz: – Bem, como o senhor pode ver, doutor, meu testículo esquerdo está mais baixo do que o direito.

Sorrindo, o médico replica:

– Oh, mas isso é perfeitamente normal. O senhor não tem motivo para se preocupar!

– Oh, eu não estou preocupado, doutor – replica o homem, – mas o senhor não acha que isso é um pouquinho desalinhado?

Estas são as pessoas – completamente adormecidas, roncando. Elas têm que ser despertadas. Têm que se livrar de seus antigos hábitos. Elas têm que ter um novo nascimento.

Por isso eu digo que não precisamos de um ser humano melhor, precisamos de um novo ser humano. As melhorias vêm ocorrendo há séculos, mas nada mudou. Agora não precisamos de nenhum homem melhor – já basta! Agora queremos um homem totalmente novo, livre de seu passado. Queremos começar de novo como se fôssemos Adão e Eva, recém-expulsos do Jardim do Éden. Quero começar outra vez, e é sempre mais fácil construir uma casa nova do que reformar uma casa velha. Esta casa velha foi renovada



tantas vezes, e vocês continuam a renová-la, a escorando desse lado e daquele, e ela continua desmoronando. E isso vem acontecendo repetidamente. Vocês ainda não se cansaram dela. Vocês querem continuar vivendo nela, mesmo que a sua vida esteja em risco – e é assim que funciona. A humanidade chegou a um estágio em que se continuarmos seguindo as velhas maneiras o homem estará acabado. Só há uma esperança: se conseguirmos iniciar um novo ser humano a partir do ABC; então a humanidade poderá sobreviver na Terra. Do contrário, ela não sobreviverá.

# Epílogo

Certo dia um homem encontrou um rabino na rua. Tentando provocá-lo, ele lhe pediu para que expressasse toda a filosofia do Judaísmo ficando de pé apenas sobre um dos pés. O rabino ficou de pé apenas sobre um dos pés e disse: “Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você.

Essa é a lei – o resto é o resto.” Se eu me encontrasse com um provocador e ele me pedisse que eu ficasse de pé apenas sobre um dos pés e explicasse em uma sentença qual é o seu ensinamento, eu estaria correto em dizer que é a liberdade da repressão?

Não seria assim tão fácil. Primeiro, você não menciona o nome do rabino. Seu nome era Hillel. Ele é o mais famoso filósofo judeu, e certamente condensou toda a filosofia do Judaísmo em uma única frase. O incidente é verdadeiro. Pediram-lhe que ficasse apoiado em um só pé e respondesse da maneira mais curta qual é a essência do Judaísmo. E o que ele disse é belo, mas não é isento de falhas. Ele disse: Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você. Esta é a essência do Judaísmo, o resto é o resto. Todas as grandes escrituras dos judeus, a Torá, o Talmude... todos são apenas comentários sobre a única, pequena e germinal afirmação: Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você.

No que se refere ao Judaísmo, nenhum pensador judeu levantou qualquer suspeita sobre ela. Nem nenhum filósofo não judeu levantou qualquer dúvida sobre ela. Mas eu estou mais interessado na realidade humana do que apenas em discussões filosóficas. E, observando a realidade humana, a afirmação não é correta, porque o meu gosto e o seu gosto podem ser diferentes. Fazer aos outros o que gostaria que eles fizessem a você só pode estar certo se o

gosto de todos for o mesmo. E esse não é o caso.

Por exemplo, uma pessoa é um masoquista; ela gosta de ser espancada, gosta de ser torturada. Então, o que ela deve fazer com você, torturá-lo? Segundo o princípio, ela deveria espancá-lo, deveria torturá-lo, porque é isso que ela quer que você faça com ela.

Talvez Hillel ou os filósofos judeus não estivessem informados de que há pessoas que adoram ser torturadas e pessoas que adoram torturar. O mais recente *insight* psicológico contemporâneo é que há sádicos que gostam de torturar e há masoquistas que gostam de ser torturados; então, diz-se que o melhor casal do mundo será aquele constituído por um sádico e um masoquista. Então eles viverão no paraíso, porque um gosta de ser torturado e o outro gosta de torturar. Ambos estão desfrutando. Mas é muito difícil. Nenhum astrólogo pensa nisso, pais e mães não pensam nisso. Na verdade, se uma pessoa for sádica ou masoquista, ela não é sequer considerada quando as pessoas estão pensando em casamento. Antes de você se apaixonar, lembre-se da primeira investigação básica: se você é sádico, encontre um masoquista; se é masoquista, encontre um sádico.

Os melhores lugares para encontrar essas pessoas são os consultórios dos psicanalistas. Basta sentar-se do lado de fora; você vai encontrar todos os tipos de pessoas. Mas essa afirmação não será aplicável.

E você quer saber, no caso de alguém perguntar a você sobre a minha posição filosófica... Não vai ser assim tão fácil, porque eu vejo o homem como um ser multidimensional. Você será capaz de declarar isso apoiado em um único pé, não haverá necessidade de sentenças, mas terá que declarar dez não mandamentos.

O primeiro: Liberdade.

O segundo: Singularidade da individualidade. O terceiro: Amor.

O quarto: Meditação.

O quinto: Não seriedade. O sexto: Jovialidade.

O sétimo: Criatividade. O oitavo: Sensibilidade. O nono: Gratidão.

O décimo: Uma percepção do misterioso.

Esses dez não mandamentos constituem minha atitude básica em relação à realidade e em relação à libertação do homem de todos os tipos de escravidão espiritual.